

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**ELISABETH PENZLIEN TAFNER**

**AS FORMAS VERBAIS DE FUTURIDADE EM SESSÕES PLENÁRIAS: UMA  
ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA**

**FLORIANÓPOLIS  
2004**

**ELISABETH PENZLIEN TAFNER**

**AS FORMAS VERBAIS DE FUTURIDADE EM SESSÕES PLENÁRIAS: UMA  
ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação em Lingüística da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como parte do requisito para obtenção do  
título de Mestre em Lingüística.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Edair M. Görski**

**Florianópolis  
2004**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística e aprovada em sua fase final pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Coordenador: Prof. Dr. Fabio Lopes da Silva

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles (UFRGS)

---

Profa. Dra. Luizete Barros (UFSC)

---

Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (UFSC)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, a quem devo toda a minha existência e tudo que tenho e sou

Ao Sérgio, pelo carinho, paciência e compreensão

À professora Edair M. Görski pela orientação clara, precisa, cuidadosa e responsável

Aos meus pais, meus sogros pelo estímulo

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram

## RESUMO

Esta dissertação trata do estudo das formas verbais de futuridade, codificadas em português pelas formas *futuro sintético*, *vou -R*, locuções *estar - NDO* e *presente*, a partir de dados de sessões plenárias da Assembléia Legislativa dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa insere-se no quadro teórico das teorias funcionalista e variacionista e constitui-se de duas etapas: na primeira, detalhamos as noções de tempo, aspecto e modalidade e descrevemos como essas três categorias atuam na expressão da futuridade, destacando o processo de mudança das *locuções estar - NDO*. Na segunda parte do trabalho, propomos variáveis semânticas e discursivas para descrevermos o contexto lingüístico/discursivo que influencia o uso das formas variantes.

Os resultados indicam que o fenômeno em estudo sofre influência de motivações de natureza diversa: semânticas (como, por exemplo, traço semântico inerente ao verbo) e discursiva (como pessoa do discurso).

## ABSTRACT

This thesis describes research which focuses on the expression of future in Portuguese as spoken in plenary sessions of Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul states. Verbs forms observed include simple future, periphrastic forms with *estar* – gerund, periphrastic form with *ir* – infinitive and simple present tense.

This research is inserted in Linguistic Functionalism and Sociolinguistic Analysis and is divided in two parts: in the first, through the discussion of tense, aspect and modality, we describe how these categories function in future expression, with particular emphasis on the change process of the periphrastic forms with *estar* – gerund. In the second part, we proposed semantic and discourse variants as a way of specifying the semantic and the discursive contexts which influence each one of the variants.

Results seem to confirm that the phenomenon under study is influenced by factors of a distinct nature: semantic factors, such as semantic type of the verb and discourse factors, such as discourse person.

## LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

### QUADROS

QUADRO 1 – Voz ativa.....	20
QUADRO 2 – Grupos de fatores estatisticamente selecionados para as variantes .....	100
QUADRO 3 – Apresentação dos critérios de <i>movimento e deslocamento</i> para organização da escalaridade do grupo de fatores tipo semântico do verbo principal.....	112
QUADRO 4 – Propriedades de Coates .....	126

### TABELAS

TABELA 1 – Distribuição geral dos contextos de futuridade.....	90
TABELA 2 – Distribuição dos dados em restrição .....	92
TABELA 3 – Distribuição dos dados em restrição conforme a especificação temporal...	93
TABELA 4 – Distribuição das formas variantes de futuro nos estados .....	94
TABELA 5 – Distribuição geral das formas variantes de futuro.....	94
TABELA 6 – Influência do traço aspectual do verbo principal sobre as variantes.....	106
TABELA 7 – Influência do traço semântico inerente ao verbo sobre as variantes.....	114
TABELA 8 – Influência da fonte do dado sobre as variantes.....	121
TABELA 9 – Influência do cruzamento entre o assunto e a fonte do dado sobre o FS ....	154
TABELA 10 – Influência da modalidade sobre as variantes.....	129
TABELA 11 – Influência da estimativa temporal sobre as variantes.....	135
TABELA 12 – Influência da pessoa do discurso sobre as variantes.....	140
TABELA 13 – Influência da especificação temporal sobre as variantes.....	145
TABELA 14 – Influência do assunto sobre as variantes.....	154

### FIGURAS

FIGURA 1 – Cadeia de extensão metafórica do verbo estar .....	72
FIGURA 2 – Continuum das construções de estar.....	72

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9	
<b>CAPÍTULO I</b>		
<b>1 FENÔMENO EM ESTUDO</b>		
<b>1.1 O futuro e as categorias lingüísticas do tempo, aspecto e modalidade</b> .....	15	
<b>1.2 Um pouco de história: origens do tempo futuro</b> .....	22	
1.2.1 Do latim ao português.....	23	
1.2.2 As funções do futuro.....	25	
1.2.3 O rodízio de formas.....	27	
<b>CAPITULO II</b>		
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b>		
<b>1.1 A teoria da variação e mudança</b> .....	30	
1.1.1 Contextualizando.....	31	
1.1.2 A mudança lingüística.....	34	
1.1.3 Sobre o instrumental metodológico.....	37	
1.1.4 Os fatores estilísticos.....	38	
<b>1.2 O funcionalismo lingüístico</b> .....	39	
1.2.1 A gramaticalização.....	43	
<b>1.3 O sociofuncionalismo</b> .....	49	
<b>CAPITULO III</b>		
<b>1 AS CATEGORIAS VERBAIS</b> .....		53
<b>1.1 O tempo</b> .....	54	
<b>1.2 Aspecto e tempo</b> .....	56	
<b>1.3 Modalidade e tempo</b> .....	60	
<b>1.4 O tempo futuro</b> .....	62	
<b>CAPITULO IV</b>		
<b>1 A locução verbal <i>estar + gerúndio</i></b> .....	66	
<b>1.1 A questão da nomenclatura: perífrase, locução verbal...?</b> .....	67	
<b>1.2 O futuro das locuções verbais <i>estar + gerúndio</i> no português</b> .....	69	
<b>CAPITULO V</b>		
<b>1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES</b>		
<b>1.1 Objetivos gerais</b> .....	74	
<b>1.2 Principais questões e hipóteses</b> .....	74	
<b>CAPITULO VI</b>		
<b>1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>		
<b>1.1 A amostra</b> .....	78	
1.1.1 Características da amostra.....	81	
<b>2 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL: A QUESTÃO DO SIGNIFICADO</b> .....	82	
<b>2.1 Restrições</b> .....	85	
<b>3 COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS</b> .....	86	
<b>3.1 Tratamento dos dados</b> .....	87	
<b>4 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES</b> .....	88	

<b>4.1 A variável dependente.....</b>	<b>90</b>
<b>4.2 Atuação das variáveis independentes.....</b>	<b>97</b>
4.2.1 Traço aspectual do verbo.....	101
4.2.1.1 Conclusões parciais.....	109
4.2.2 Traço semântico inerente ao verbo principal.....	111
4.2.2.1 Conclusões parciais.....	119
4.2.3 Fonte do dado.....	121
4.2.3.1 Conclusões parciais.....	124
4.2.4 Modalidade.....	125
4.2.4.1 Conclusões parciais.....	132
4.2.5 Estimativa temporal para ocorrência da situação (planos/promessas/projetos).....	133
4.2.5.1 Conclusões parciais.....	137
4.2.6 Pessoa do discurso.....	138
4.2.6.1 Conclusões parciais.....	142
4.2.7 Especificação temporal.....	143
4.2.7.1 Conclusões parciais.....	152
4.2.8 Assunto.....	153
4.2.8.1 Conclusões parciais.....	157
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	 <b>158</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	 <b>170</b>

## **ANEXOS**

- ANEXO A: Grupos de fatores estatisticamente selecionados para as variantes nos estados
- ANEXO B: Influência do traço aspectual do verbo principal sobre as variantes nos estados
- ANEXO C: Influência do traço semântico inerente ao verbo sobre as variantes nos estados
- ANEXO D: Influência da modalidade sobre as variantes nos estados
- ANEXO E: Influência da estimativa temporal sobre as variantes nos estados
- ANEXO F: Influência da pessoa do discurso sobre as variantes nos estados
- ANEXO G: Influência da especificação temporal sobre as variantes nos estados
- ANEXO H: Influência do assunto nos estados

## INTRODUÇÃO

O campo de conhecimento em que esta dissertação se insere é o do sociofuncionalismo, na “linha de pesquisa Variação/Mudança Lingüística e Ensino”, mais especificamente, no que diz respeito à variação/gramaticalização de categorias verbais<sup>1</sup>.

O foco de atenção desta dissertação recai sobre o tempo verbal que as gramáticas normativas têm denominado como ‘futuro do presente’. Isso nos faz lidar com uma das mais complexas e necessárias categorias da linguagem: o tempo, pois é a partir dele que organizamos o nosso pensamento, nossa “memória” e “nossa espera”, nas palavras de Santo Agostinho (FIORIN, 1996). O estudo de outras duas categorias lingüísticas é indispensável: o aspecto e a modalidade, pois ambas interferem na expressão do tempo.

Especificamente o objeto de investigação é a expressão do tempo futuro – a partir das formas abaixo enumeradas:

*estar (morfema de futuro do presente) + verbo principal (gerúndio) - (estarei -NDO);*

*ir (presente) + estar + verbo principal (gerúndio) - (vou estar - NDO);*

*estar (presente) + verbo principal (gerúndio) - (estou -NDO);*

em contraste às demais formas possíveis de se codificar o tempo futuro:

futuro do presente do indicativo - (FS);

ir (presente) + verbo principal (infinitivo) - (vou -R);

ir (morfema de futuro do presente) + verbo principal (infinitivo) - (irei -R);

presente do indicativo.

As teorias base desta dissertação são a Variacionista (cf. LABOV, 1972; 1978; 1994; 2001) e a Funcionalista, principalmente no que se refere à gramaticalização (cf. FLEISHMAN, 1982; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT,

---

<sup>1</sup> Cf. Gorski et al. (2002).

1993; GIVON, 2001). Cientes de que lidamos com uma função comunicativa/discursiva nos incluímos no quadro teórico do Funcionalismo Lingüístico e, trabalhando com variantes que exprimem a futuridade, mergulhamos também no universo da Teoria da Variação. A variável em questão pode ser situada no nível morfo-sintático-discursivo e fatores diversos serão controlados como possíveis condicionantes do uso de uma ou outra forma verbal.

Ao se propor uma pesquisa sobre as possíveis formas de expressão do futuro, com enfoque especial nas locuções *estar -NDO*, optou-se por uma abordagem sincrônica dada a limitação de tempo disponível.

O interesse pelo tempo futuro do presente já motivou outras dissertações de mestrado: Baleeiro (1988), Santos (1997), Gibbon (2000), Santos (2000), sendo as três últimas com enfoque variacionista. Porém nas três pouca ou nenhuma atenção foi destinada às locuções verbais *estar -NDO*. Baleeiro encontrou apenas um dado da locução *vou estar -NDO* e dois dados da locução verbal *estarei -NDO*.

A dissertação de Santos (1997), a partir de dados de língua escrita, retirados de periódicos do *Diário do Congresso Nacional* e da revista semanal *IstoÉ*, tratou da variação de quatro formas para a expressão do futuro na língua portuguesa: o futuro simples (*farei*), a perífrase (*vou fazer*), o futuro simples perifrástico (*irei fazer*) e o presente (*faço*). Os resultados demonstraram que, em função da formalidade implícita nas situações nas quais os dados foram analisados, a forma de futuro simples foi a mais recorrente.

Gibbon (2000), cuja pesquisa foi realizada com dados do Projeto Varsul, oriundos de entrevistas com 36 informantes nativos de Florianópolis, encontrou apenas 1% de uso da forma canônica em dados de fala. Nesta amostra, dentre as formas estudadas – o futuro simples (*farei*), o presente (*faço*) e perífrase (*vou fazer*) – a perífrase (*vou fazer*) foi a forma mais utilizada, refletindo a adequação das formas de futuro em função do contexto<sup>2</sup>. É

---

<sup>2</sup> Contexto: é cada diferente situação social de interação entre falante e ouvinte concretos.

provável que a frequência da perífrase esteja relacionada, nesse caso, à natureza da amostra analisada (entrevistas sociolingüísticas).

Santos (2000) também lidou com a variação das formas de futuro do presente, analisando a variação existente entre a forma simples, a perifrástica e a do presente como futuro, as mesmas estudadas por Gibbon (2000). Santos utilizou entrevistas da Rádio Jornal do Brasil, de caráter formal, e entrevistas do *corpus* Gryner (RJ), de caráter informal, ambas da década de 80. Os resultados mostram que a forma sintética está desaparecendo gradualmente, principalmente na fala informal. A forma perifrástica vem ocupando o espaço deixado pela forma sintética de futuro do presente.

Nosso interesse pelas formas de *estar -NDO* na expressão do tempo futuro deve-se especialmente aos seguintes fatos: (i) não ter havido nenhuma referência a tais formas nos trabalhos acima descritos; observarmos, atualmente, a recorrência dessas formas particularmente na fala; (iii) a polêmica que cerca o uso de algumas dessas construções, rotuladas como ‘gerundismo’; (iv) o caráter de estigma atribuído à locução *estar -NDO*.

Entre as críticas ao uso dessas formas, Cohen (2000), Catarino (2002), Garcia (2002), entre outros, apontam a construção *vou estar -NDO* como ‘vício de linguagem’, mania, modismo, afirmando que a mesma é um desvio da norma culta, é pouco econômica, “típica de quem está tentando nos enrolar” e que em situações que exigem objetividade não há lugar para ela. Já Coutinho (2001) e Machado (2001), entre outros, alargam o estigma também para a forma *estarei -NDO*.

Vale mencionar que o uso da locução com *estar -NDO* tem causado polêmica também na lista de discussão da CVL (Comunidade Virtual da Linguagem)<sup>3</sup>. A primeira forma mencionada acima tem sido, de maneira preconceituosa, chamada por alguns de ‘gerundismo’, vício de linguagem, praga, doença, registro não-padrão. Cogita-se até mesmo

---

<sup>3</sup> Essas discussões ocorreram ao longo de 2003.

que essa construção seja oriunda de traduções mal feitas do inglês, usadas por atendentes de telemarketing. Mas, na CVL, houve também o questionamento acerca do que haveria de errado com essas locuções, particularmente com *vou estar -NDO*. As frases abaixo e a análise foram extraídas de uma das discussões da CVL:

1. Amanhã, a esta hora, *vamos estar chegando* em Brasília.
  2. Amanhã, a esta hora, *estaremos chegando* em Brasília.
  3. Amanhã, a esta hora, *chegaremos/vamos chegar* em Brasília.
- A análise feita sobre 1, 2 e 3 dizia que (i) 2 era mais formal que 1, tal como “chegaremos” é mais formal que “vamos chegar”; (ii) 1 e 2 têm aspecto de duração que “chegaremos” e “vamos chegar” não têm; (iii) 1 e 2 devem preencher um buraco no sub-sistema tempo-aspecto.

Piacentini (2002), como outros, afirma que a primeira construção é “apropriada nos casos em que se necessita transmitir a idéia de movimento, de progressão, duração, continuidade”; nesse caso, a autora defende o ‘bom uso do gerúndio’, criticando, porém, o uso indiscriminado do mesmo. Possenti (2002), por sua vez, mostra que o único problema da construção que tem o “*ir* como auxiliar seguido do *estar*” é não ser abonada pelas gramáticas. Conforme o lingüista, a ordem dos verbos auxiliares nas construções é perfeitamente canônica, está de acordo com a sintaxe do português, sendo, portanto, absolutamente gramatical. Menon (2003) também destaca a importância da ordem nas perífrases; se a ordem fosse agramatical as formas com *estar -NDO* para indicar futuro não seriam utilizadas pelos falantes.

Possenti (2003) atenta ainda para a questão do aspecto verbal, deixada de lado pela maioria de nossas gramáticas, e que pode explicar porque um “caso de gerundismo pode ser normal e outro não”. O autor destaca que o *estar*, sendo durativo, deveria se combinar com verbos de caráter durativo. Ocorrendo com outros, causa estranheza, uma espécie de paradoxo.

Perini (1995, p. 75), ao analisar a frase “Manuel vai estar contando piadas”, afirma o seguinte:

Essa frase é bem formada porque: (a) o Aux no infinitivo (*estar*) é precedido de uma forma de *ir*, e o Aux no gerúndio é precedido de uma forma de *estar*, e (b) o infinitivo vem antes do gerúndio. Qualquer desobediência a essas regras dá como resultado uma frase mal formada ou, então, uma frase onde os dois verbos não formam um predicado complexo.

A fim de complementarmos a polêmica do gerundismo, fizemos uma busca no Google e descrevemos de forma breve os relatos que nos pareceram mais relevantes.

Coutinho (2002) diz que “o gerundismo quer tomar o lugar do futuro da nossa língua”.

Martins (2003) é categórico quanto ao emprego de *estar - NDO*:

evite a todo o custo o uso do gerúndio para definir ações no futuro, a menos que se trate de fatos simultâneos: Quando você estiver chegando à cidade sábado, eu **estarei partindo** para o Rio.

Nos demais casos, porém: Vamos iniciar os trabalhos amanhã (e não ‘vamos estar iniciando’). / Queremos contar com a sua presença na festa (e não ‘queremos estar contando com a sua presença na festa’).

Freire (2003), em seu artigo *Gerundismo Zero*, afirma que “você não deve usar nunca o verbo *estar*, no infinitivo, combinado com um verbo no gerúndio”. O autor, porém, acaba sendo contraditório:

Nesse período de tolerância zero com o gerundismo, precisamos evitar até mesmo os casos em que o 'vou estar fazendo' esteja certo. Por exemplo: em vez de dizer 'Não ligue agora para o seu tio, porque ele **deve estar jantando**' - o que é perfeitamente correto -, diga: 'Não ligue agora para o seu tio, porque é hora do jantar'.

Decorre de toda essa polêmica que o que incomoda na construção não é construção em si, que parece estar gramaticalmente correta (aliás, “perfeitamente correto”, conforme Freire); não é a sua capacidade de expressar o tempo verbal futuro. O que causaria toda a problemática parece ser a combinação de *estar* ao lado de verbos não durativos, conforme Possenti (2003). É possível também que o emprego de *estar - NDO* sem as marcas temporais também contribua para o estranhamento. Essas combinações provavelmente conferem à locução *estar - NDO* a noção de movimento e permitem a ela concorrer com as demais formas

de futuridade<sup>4</sup>, uma vez que a idéia de movimento, necessária às formas de futuridade<sup>5</sup>, se instaura. A possibilidade de *estar* combinar-se com verbos de caráter não durativo e sem o uso das marcas temporais também pode sinalizar a diminuição do traço aspectual desse verbo.

Destarte, esta dissertação, sobre as possíveis formas de expressão do tempo futuro, com enfoque especial nas locuções verbais *estar – NDO*, pretende descrever contextos propícios à ocorrência de cada uma das formas variantes de futuridade (anteriormente enumeradas) e o seu funcionamento, a partir da análise de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos.

---

<sup>4</sup> Os verbos de movimento são citados dentre a restrita gama de fontes lexicais de futuro, apesar da modalidade ser considerada como fonte primária de futuros. Essa idéia é apresentada em Fleishman (1982) e em Bybee, Perkins and Pagliuca (1994, p. 267), para elas: “a evolução de construções de movimento no futuro é um pouco mais direta que a evolução de modalidades orientadas para o agente [...]”. Nesse sentido, Fleishman (1982, p.129), ao apresentar a “Diacronia semântica das formas de futuridade”, afirma que o futuro com *go*, originado de um verbo de progressão espacial, evoluiu direto para um marcador de aspecto prospectivo, desviando-se do estágio modal.”

<sup>5</sup> Não queremos dizer com isso que o tempo verbal futuro só ocorre com verbos de movimento; apenas enfatizar que no caso das locuções *estar –NDO* parece que é esse componente que lhes falta para começar a atuar de forma mais freqüente como formas capazes de expressar a futuridade. Portanto, nesta dissertação, ao lado da modalidade, a idéia de movimento também merece destaque em função das locuções *estar –NDO*.

## CAPÍTULO I

### 1 O FENÔMENO EM ESTUDO

O tempo futuro se manifesta através de várias formas verbais na língua portuguesa, dentre as quais encontram-se em evidência, devido à polêmica detalhada anteriormente, as locuções verbais *estar –NDO*, supostamente emergentes. Nas linhas a seguir, acompanharemos possíveis fatores que estão envolvidos na escolha das formas verbais para expressão da futuridade.

#### 1.1 O futuro e as categorias lingüísticas do tempo, aspecto e modalidade

As categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade freqüentemente se encontram interconectadas e a problemática no tempo verbal futuro nasce justamente desse encontro de categorias as quais, na literatura givoniana, são referenciadas pela sigla TAM. Sabemos que uma forma lingüística pode ter várias aplicações distintas e que também sempre há uma significação básica que se depreende desta forma e outras que se desenvolvem por variados processos, dentre os quais destacamos os metafóricos, metonímicos, de reanálise e analogia, dado o objetivo desta pesquisa. Por isso o futuro é controverso: determinadas formas verbais que expressam futuridade deixam no ar a sensação de que, às vezes, as três categorias – TAM – estão juntas, outras que se trata apenas de uma temporalização com nuances aspectuais, modais.

Enfim a questão é tão delicada que, para Camara Jr. (1967, p.22), o tempo futuro é apenas uma extensão do presente. “O que há primordialmente é uma dicotomia entre presente e passado. [...] O presente abarca o futuro”. Ele afirma que no futuro o caráter modal é

bastante nítido e aceito e que, em termos históricos, as formas de futuro são criações secundárias, conseqüentes de formas, anteriormente, modais.

O futuro surgiu menos como um tempo do que como um modo. O impulso lingüístico que criou um futuro gramatical não foi o de situar o processo como posterior ao momento em que se fala, mas o de assinalar uma atitude do sujeito falante em relação a um processo assim posterior ao momento de enunciação (CAMARA JR., 1967, P.25).

Segundo o Camara Jr., estados de dúvida, mera potencialidade, expectativa, hipótese e volição são comuns à idéia de futuro na linguagem espontânea e determinam o estabelecimento de formas de futuro distintas do presente. Na ausência desses valores, a codificação do futuro puramente temporal realiza-se essencialmente pela forma verbal do presente.

Porém, como podemos observar, referências temporais futuras são bastante evidentes na língua portuguesa e ocorrem sob diversas formas verbais<sup>1</sup>, tanto na fala como na escrita.

Vejamos os exemplos:

\* futuro canônico:

(1) Por essa razão, **reuniremos** também, na próxima quarta-feira, as representações das categorias. (RJ – ex03)

\* estar (futuro) + verbo principal (gerúndio):

(2) ...na próxima semana, **estarei indo** para Brasília, porque são inúmeros os problemas que o Paraná enfrenta. (PR –101ord02)

\* ir (presente) + verbo principal (infinitivo):

(3) Portanto, o justo, o correto seria a mobilização da própria reitoria da Udesc e de todos os que estão participando do movimento para levar a Udesc para o Oeste do Estado terem uma conversa muito franca com o Governador eleito, para saber se ele **vai cumprir** aquilo que o atual Governador pretende fazer ou deixar para o outro. (SC – 89ord02)

\* ir (presente) + estar (infinitivo) + verbo principal (gerúndio):

(4) Se votarmos o relatório, **vamos estar aprovando** 21 secretarias. ( SC – 07ex03)

<sup>1</sup> Uma busca nas gramáticas tradicionais mostra que, para expressão da idéia de futuridade, podem ser utilizadas as seguintes formas: o futuro do presente e o presente. A forma *vou -R* é raramente prevista, apenas Said Ali (1964) e Cunha e Cintra (1985, p. 448) reconhecem a forma perifrástica como forma de futuro. (GIBBON, 2000, p. 14).

\* ir (futuro) + verbo principal (infinitivo):

(5) O secretário de obras **irá entregar** o relatório esta semana. (PR – 104ord02)

\* presente

(6) Amanhã, a Comissão de Finanças **deve apreciar** o Orçamento de 2003.(SC 92ord02)

\* estar (presente) + verbo principal (gerúndio)

(7)...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

As formas são muitas e bem aceitas pela maioria dos falantes; entretanto, como já vimos, as locuções *estar –NDO* aparentemente esbarram na problemática de estarem sendo usadas indiscriminadamente, o que tem gerado a polêmica conhecida como ‘gerundismo’, conforme já mencionado. Isto acaba se configurando como um paradoxo: se a construção realmente cabe em tantos contextos, por que as críticas?

Alguns dos motivos do uso dito ‘indiscriminado’ das locuções verbais *estar – NDO* podem ser vislumbrados a partir da discussão na CVL. Mas temos ainda outra suposição: talvez seja o traço durativo encontrado nas locuções *estar – NDO* e sua combinação com verbos de traços aspectuais diferentes dos seus que acabaram deixando essas formas em evidência. Supomos que esse choque de traços, não perceptível nas demais formas de futuro, seja um indício da natureza da motivação dos falantes pelas locuções verbais *estar -NDO*.

Para dar conta do aspecto atribuído às locuções verbais *estar –NDO*, vasculhamos algumas gramáticas históricas, normativas e outros textos com abordagem lingüística e constatamos o seguinte: em relação à locução verbal<sup>2</sup> *estar –NDO*, geralmente os autores consideram-na como capaz de expressão do aspecto<sup>3</sup>. A locução verbal *estarei -NDO* é citada

<sup>2</sup> No capítulo IV, seção 1.1, justificamos o porquê da nomenclatura *locução verbal*. Durante a dissertação, genericamente sempre utilizaremos este termo para nos referirmos àquilo que vamos encontrar nos diversos autores: tempos compostos, conjugações perifrásticas ou perífrases.

<sup>3</sup> Foram consultados: Pereira (1923, p. 529); Said Ali (1963, p. 183); Bueno (1968, p. 42); Lima (1972, p. 118); Melo (1978, p. 193); Cunha (1985, p. 267); Travaglia (1985, p. 214); Luft (1989, p. 131); Ilari (1997, p. 49); Terra e Nicola (1994, p. 33) e Bechara (1980, p. 110; 2001, p. 232).

para expressão ou do aspecto ou do tempo futuro, enquanto que a locução *vou estar -NDO* parece uma forma marginal no sistema. Vejamos o que dizem alguns autores.

Dias (1959, p. 192) traz *estarei -NDO* quando analisa o futuro imperfeito. “Para exprimir a acção começada do item, em geral, de empregar-se a perífrase do verbo *estar* com o presente infinitivo precedido de *a*, ou com o particípio em **-ndo**: **Amanhã a estas horas estarei a jantar ou estarei jantando** (grifo do autor)”.

Em Lausberg (1981) também encontramos pistas que nos ajudam a entender o funcionamento das locuções *estar -NDO*.

A associação de certos verbos que exprimem repouso ou movimento com o *ablativus modi* dum gerúndio serve em românico para dar expressão a determinados tipos de acção verbais [...]. São associações desse gênero, por exemplo:  
b) para exprimir uma acção que se está a realizar e vai simultânea e gradualmente subindo de intensidade, a associação ***ire + ger.*** em it., fr., prov., cat., esp., port. (esp. *su fortuna iba disminuyendo*; fr. *lebruii vacroissant*). (LAUSBERG, 1981, p. 395-396).

É possível estabelecermos uma analogia entre o processo que ocorreu para *ire + ger.* e o que está acontecendo com as locuções *estar -NDO*. É provável que *ire + ger.* tenha perdido sua especialização semântica passando a servir como perífrase, com o mesmo valor semântico do verbo simples. Nesse sentido, *estar - NDO*, em sua origem, marcava uma situação durativa/contínua concomitante a outra. No caso de *estarei escrevendo*, por exemplo, esperava-se (ou esperava-se) um uso também cotemporal/concomitante a um momento de referência: *quando você chegar*. Entretanto, atualmente parece que *estar -NDO* não necessita de ancoragem (MR – momento de referência) cotemporal no futuro. Retomando o exemplo de Dias, temos duas marcas temporais: a primeira, “amanhã” cuja amplitude recobre a segunda “a estas horas”. O uso que se faz do *estar - NDO* nos dias atuais parece indicar que a presença dessas marcas temporais (responsáveis pela leitura durativa da sentença) não se faz mais necessária. Talvez esse fato seja um fator que contribua para o estranhamento da forma quando usada ao lado de verbos não durativos, já apontado por Possenti (2003). Verbos não durativos, usados no gerúndio e ao lado de *estar* sem a delimitação dada pelas marcas

temporais, devem provocar algum estranhamento nas formas *estar – NDO* se comparadas às já conhecidas formas: *chegarei, vou chegar*. Assim o uso de *estar – NDO* nesses contextos parece indicar que nessas formas está havendo a diminuição do traço aspectual.

Camara Jr.(1985, p.169) reporta-se a *estarei -NDO* como capaz de expressar aspecto, ao tratar das conjugações perifrásticas com o gerúndio: “servem para expressar o aspecto durativo ou continuado [...]. O verbo auxiliar usual é *estar*, em qualquer de seus tempos: estou espalhando, estava espalhando, estive espalhando, estivera espalhando, **estarei espalhando** (grifo nosso)”.

Costa (1990, p. 56, grifo da autora) também concorda com a “utilização de perífrases com gerúndio para indicar aspecto (embora quase restritas ao auxiliar **estar**)”. A autora merece destaque neste trabalho devido ao detalhamento com que trata essas locuções<sup>4</sup>, pois relata a impressão de estranheza de um estudante ou qualquer outra pessoa que procure pelas locuções verbais nas gramáticas tradicionais: “ficará com a impressão de que essas formas são marginais, raras e, ainda, de que ocorrem muito salteadamente, só para alguns tempos verbais, sem que se discutam os verbos que as permitem, os que as rejeitam, quais os auxiliares que as formam, etc”.

Nesse sentido, poderíamos ainda imaginar as dificuldades encontradas por um professor no ensino de língua portuguesa para estrangeiros ao explicar o uso de tantas formas para codificar um único tempo verbal. Como lidar com tantas formas verbais? De que maneira pode-se apresentar essa riqueza de formas para expressar um tempo verbal? Nesta dissertação apresentamos sete formas possíveis para o tempo verbal futuro, sendo que: nas gramáticas somente o futuro canônico e o *presente* como futuro são citados; a forma *vou –R* é reconhecida apenas por alguns autores. E quanto às demais formas? Onde buscar explicações

---

<sup>4</sup> Costa (1990, p. 50) trata as locuções *estarei -NDO* e *vou estar -NDO* como perífrases imperfectivas possíveis.

para esses usos? É muito provável que o professor sinta-se obrigado a vasculhar outros materiais para conseguir abarcar as demais formas.

Costa (1990) traz, nos seus quadros, as conjugações das formas e, ao lado destas, sua forma imperfectiva possível. Segue abaixo a transcrição do quadro relativo ao futuro do presente:

**QUADRO 1: Voz Ativa**

TEMPO VERBAL	PERÍFRASES IMPERFECTIVAS POSSÍVEIS <sup>5</sup>
<b>INDICATIVO</b> Futuro do Presente Simples	<b>estarei lendo/vou estar lendo</b>
Lerei/Vou ler	ficarei lendo/vou ficar lendo andarei lendo/vou andar lendo andarei lendo/vou andar lendo continuarei lendo/vou continuar lendo permanecerei lendo/vou permanecer lendo começarei a ler/vou começar a ler irei lendo/(?) vou ir lendo acabarei de ler/vou acabar de ler

Fonte: Costa (1990, p. 59)

A partir desse quadro, verificamos que existe regularidade quanto à constituição de *vou estar -NDO*, caso contrário esta locução não apareceria como uma forma possível no quadro de Costa. Fica então a dúvida: será que *estarei -NDO* e *vou estar -NDO* terão os mesmos contextos de uso? Ou será que uma delas se identifica mais com a expressão da modalidade e a outra com aspecto ou tempo? Será que podemos estabelecer como fator de diferenciação o choque de traços aspectuais que há no emprego das locuções *estar -NDO*? Essas formas provocam alteração na expressão das categorias próprias do futuro: tempo, aspecto e modalidade?

Gibbon (2000) sugere que *vou -R* está enfraquecendo suas nuances modais e reforçando as temporais; essa também parece ser a perspectiva de Santos (2000).

Longo e Campos (2002, p. 464) afirmam que dentre as perífrases temporais na linguagem falada culta, “em todos os inquéritos, com exceção de um [...], observa-se a

<sup>5</sup> Costa (1990, p. 57) diz que o verbo *ir* pode ser acrescentado ao grupo dos “auxiliares aspectuais”, pois “permite a construção das perífrases de fase inicial, intermediária e final”.

predominância do futuro do presente com *ir*. As autoras concluem que o auxiliar típico de futuro é, na amostra analisada, *ir*.” Elas encontraram apenas dois casos de *estar –NDO* com valor de futuridade na língua falada, atentando para o fato de que esse valor só foi possível a partir do contexto, senão a leitura aspectual seria a mais provável. “Tudo indica que se trata **de um início de processo de gramaticalização**, pois o valor de futuridade só é depreendido do contexto, e isoladamente seria difícil outra leitura que não a aspectual” (op.cit., p. 464, grifo nosso). Para as autoras, a função das formas sintéticas, na língua falada, “parece estar-se restringindo à modalização<sup>6</sup>” (op.cit., p. 470).

Silva (1997 apud LONGO;CAMPOS, 2002, p. 467) mostrou que, no português falado, a perífrase com *ir* é a forma mais utilizada para expressar futuridade [...] a forma sintética só ocorre quando o falante assume uma atitude de distanciamento e imparcialidade.” O autor atribui a *vou –R* um valor discursivo de *relevância do presente*, tornado-a mais próxima do presente do falante e despidendo-a do tom formal e normal, próprios da forma sintética. “A ruptura com o presente do falante é o que torna /-re/ ~ /-ra/ psicologicamente neutra, distante e imparcial.” (SILVA 1997, p. 189 apud LONGO; CAMPOS, 2002, p. 468).

Contudo, Silva (2002) considera que *vou –R* e a *forma sintética* são equivalentes temporal e modalmente, e buscar a diferença entre elas através desses traços não procede.

Nesta dissertação concordamos com a hipótese de Gibbon (2000) e Santos (2000) em relação a uma maior frequência de uso de *vou –R* com valor temporal. Porém, é necessário salientarmos que, tanto nos trabalhos daquelas autoras quanto nesta dissertação, a hipótese é de que em *vou –R* não houve a perda de nuances modais/aspectuais, apenas o enfraquecimento dessas categorias. Quanto ao *FS*, é possível que este deva estar mais atuante na modalidade, como apontam Longo e Campos. As locuções *estar – NDO* ainda devem estar

---

<sup>6</sup> Neste sentido, as autoras esbarram na visão de Camara Jr. (1967) para quem a modalidade seria a porta de entrada de formas de futuridade. Fleishman (1982, p.135) afirma que “[...] no romance e no inglês, onde os futuros simples começaram a se tornar mais e mais modais, a função temporal do futuro passou a ser controlada pelas construções com *go* ou estruturas perifrásticas futuras análogas.”

atuando com maior ênfase na expressão do aspecto, porém, conforme Longo e Campos, já devem estar passando por um processo de gramaticalização que lhes permite atuar em outras funções. O processo a que as autoras fazem referência pode de certa forma ser visto como uma continuação do processo de gramaticalização<sup>7</sup>.

A preferência por locuções verbais para expressar os tempos, numa perspectiva histórica, leva-nos à constatação de que esse fenômeno já era comum às formas verbais dos tempos do pretérito e futuro, na passagem do latim clássico ao latim vulgar (NUNES, 1989, p. 270). Tal fato faz com que destinemos algumas linhas desta dissertação para observar a trajetória do futuro do latim até o português.

## 1.2 Um pouco de história: origens do tempo futuro

O caráter camaleônico do tempo verbal futuro não ocorre apenas nas línguas românicas, mas a observação da trajetória do futuro desde o latim clássico até a língua portuguesa parece-nos suficiente para ilustrar bem esse jogo modal/aspectual/temporal próprio das formas de futuridade, foco desta dissertação. Essa verificação nos possibilita identificar o que fez com que tantas nuances fossem se somando às formas de futuridade. Particularmente, boa parte delas surgiu em função do caráter modal inerente às formas de futuridade. Aliás, a modalidade é fonte primária de futuros<sup>8</sup>.

Na seqüência veremos as funções do tempo futuro, e, finalmente, as etapas pelas quais as formas candidatas à expressão da idéia de futuridade costumam passar.

Auxiliam-nos nessa busca ‘do futuro no passado’ Camara Jr. (1967; 1985), Lausberg (1981) e Fleishman (1982).

---

<sup>7</sup> A gramaticalização de *estar* – *NDO* proposta por Mendes (1999) pode ser conferida no capítulo IV, seção 1.2, desta dissertação.

<sup>8</sup> Entretanto, outras fontes lexicais de futuro, como os verbos de *movimento*, também são consideradas importantes nesta dissertação.

### 1.2.1 Do latim ao português

O latim clássico, a princípio, operava com uma forma sintética, puramente temporal, (*amabo*), privativa da língua culta. Porém essa forma foi, aos poucos, sendo substituída pelo uso da perífrase de futuro com o auxílio de *habeo*.

Em Lausberg (1981, p. 404) encontramos algumas justificativas para a utilização de perífrases:

o grau de conteúdo semântico das formas sintéticas é ‘gramaticalmente normal’, ao passo que o das formas analíticas – *cantare habeo* – é ‘rico’: as formas analíticas não se limitam à esfera gramatical normal dos seus correspondentes sintéticos, antes têm o seu ponto de gravidade semântico noutros conteúdos. ([...] *cantare habeo* no conteúdo de intenção subjectiva ‘tenciono cantar’). Quando estes conteúdos passam a preencher a função da esfera gramatical normal, eles enriquecem semanticamente esta esfera[...].

O autor ainda evidencia que essa distinção entre o grau de conteúdo semântico das formas sintéticas ‘gramaticalmente normal’ e o das formas analíticas ‘rico’ só pode ocorrer num momento em que tanto a forma sintética quanto a forma analítica existem vivas na língua. Assim, parece-nos provável que essa tenha sido uma, dentre outras possíveis causas, que levaram a forma sintética (*amabo*) a se tornar, inicialmente, menos freqüente, e, depois, ser definitivamente suplantada pela perífrase no latim vulgar.

Além disso, Lausberg (1981, p. 405-406) acrescenta algumas outras razões pelas quais o futuro latino deixou de existir:

- a) muitas formas, pela mutação -b- > -v-, passam a coincidir com as formas de perfeito: *cantábit, cantábimus > cantávit, cantávimus*.
  - b) muitas formas passam a coincidir com as formas de presente do indicativo, seja por motivo de mutação fonética (visto que no sistema da vogal final do romeno e do ‘latim vulgar’ o presente *vendit* é foneticamente idêntico ao futuro *vendet*), seja por uma modificação sistemática da vogal do tema (-*et* em vez de -*it* em sardo). [...].
- [...] a possibilidade de expressão mais clara por meio de perífrases.[...] Serve para exprimir o futuro dos verbos modais (=verbos que modificam o tipo de acção segundo o tipo dum modo verbal) que contêm um sentido futuro. Em românico utilizam-se para exprimir o futuro, como verbos modais com sentido futuro: *velle, debere, venire, habere*. A futuridade destes verbos tem como base: 1. o movimento que prepara a acção, por parte daquele que a pratica (*venire*); 2. a *voluntas*

subjectiva da pessoa que pratica a acção (*velle*); 3. a norma que dirige a acção praticada (*debere, habere*).

O autor afirma ainda que na perífrase do futuro com *habeo* (em italiano, sardo, engadino, francês, provençal, catalão, espanhol e português), este verbo podia vir tanto anteposto como posposto: “*habeo de cantare* em português (*hei-de cantar*) onde se pode escolher facultativamente entre este tipo e o tipo *cantare habeo*”. Entretanto, no fim do latim vulgar ou romance, *habeo* passou definitivamente ao final da construção, formando então uma nova forma *amar’ aio* que chegou na língua portuguesa como *amarei*.

Chegamos assim à construção *amare habeo*, que não encerrou definitivamente o emprego da forma sintética; pelo contrário, conviveu um certo tempo com essa forma em diferentes registos e estágios.

Camara Jr. (1985, p.128) chama atenção para outro fator que provavelmente contribuiu para a alteração na expressão do tempo verbal futuro no latim:

a concepção de um futuro, em termos temporais estritos, não é própria, de maneira geral, do uso coloquial de qualquer língua. O seu advento resulta de uma elaboração secundária, de ordem puramente intelectual e o emprego de um tempo futuro rigorosamente dito depende de condições especiais de comunicação lingüística, quando pautada mais por um raciocínio objetivo do que um impulso comunicativo espontâneo.

Como o latim vulgar não concebeu esse uso estritamente temporal do futuro, “foram as necessidades do estilo literário que abriram caminho ao futuro românico, superposto ao uso do presente abarcando o futuro” (HANSSEN apud CAMARA JR., 1967, p. 32). No latim vulgar, quando não havia uma motivação modal específica, o falante era levado a empregar o presente como futuro. Camara Jr. (1985, p. 129) acrescenta ainda:

As mesmas motivações para o uso de um futuro de coloração modal, que elevaram formas volitivas e subjuntivas a futuro no latim clássico, eram atuantes no latim vulgar [...] Firmou-se assim no latim vulgar um modo futuro, por assim dizer, ou futuro modal, que numa elaboração categórica mais refinada conduziu as línguas românicas a um novo futuro temporal ou tempo futuro.

Resumindo a trajetória percorrida pelo futuro desde o latim clássico, temos:

LATIM CLÁSSICO	LATIM PÓS-CLÁSSICO	LATIM VULGAR ou ROMANCE	LATIM VULGAR TARDIO	PORTUGUÊS
<i>amabo</i>	> <i>amare habeo</i> <i>amabo</i>	> <i>amare habeo</i> <i>habeo amare</i>	> <i>amare habeo</i>	> <i>amarei</i>

### 1.2.2 As funções do futuro

De acordo com Camara Jr. as funções do tempo verbal futuro que coexistem sincronicamente em qualquer língua são: i) puramente modal, ii) aparece já com emprego temporal, mas ainda com muitas nuances modais e iii) o futuro teria um caráter absolutamente temporal. Em relação a esta última função, ela ocorreu tardiamente na língua através do processo de “temporalização”<sup>9</sup>. Dado esse estado de coisas, o que se apresenta na verdade são três níveis gramaticais: “futuro como modo: tempo bipartido em presente e pretérito; futuro como tempo com coloração modal: a qual motiva seu emprego em vez de uma forma presente abrangendo o futuro; futuro como tempo exclusivamente, no mesmo plano que o presente e o pretérito” (CAMARA JR., 1957, p. 223).

Então, conforme o exposto, para esta terceira função, temporal, fixada somente no plano da intelectualização filosófica, a única forma correspondente era a forma verbal presente. As formas verbais futuras só seriam usadas quando houvesse para tanto motivação de ordem modal. Isto significa dizer que o futuro com função puramente temporal para Camara Jr. não era algo próprio da maioria da população, durante o período do latim vulgar? E é exatamente neste ponto que Fleishman (1982, p. 46) se questiona: “a inteligência no povo desapareceu junto com *cantabo*?”<sup>10</sup>. Para a autora, a divisão do sistema temporal em presente, passado e futuro é algo bastante complexo, mas “sabe-se universalmente que o futuro é

<sup>9</sup> O termo “temporalização” é proposto por Coseriu e adotado por Camara Jr., uma vez que “gramaticalização” daria “a idéia de que o valor modal está fora da gramática” (CAMARA JR., 1957, p. 223).

<sup>10</sup> As traduções ao longo desta dissertação são de minha autoria.

raramente um conceito puramente temporal; ele envolve necessariamente um elemento de predição ou alguma modalização”(FLEISHMAN, 1982, p.24). Isto mostra que a autora tem uma visão bastante flexível a respeito das funções inerentes ao futuro, ou melhor, ela reconhece que a separação do domínio TAM é bastante difícil e que a posição de Camara Jr. em relacionar futuro temporal a um nível mais intelectual do falante e futuro modal a níveis inferiores é bastante exagerada. “Tais afirmações poderiam ser invalidadas com dados de qualquer língua que alguém escolhesse mencionar” (FLEISHMAN, 1982, p. 46).

Optamos por acatar a perspectiva de Fleishman. Justificamos nosso posicionamento por duas razões bastante pertinentes ao que está sendo proposto nesta dissertação. A primeira razão baseia-se na associação de formas de futuro puramente temporais a um certo nível de intelecto do falante, proposta por Camara Jr., mas rejeitada por Fleishman. A autora alega que poderíamos sim pensar em níveis de estilo, do mais ao menos formal, nos quais os falantes expressariam a função de referência temporal futura a partir de formas diferentes. Descartaríamos assim associações do tipo nível intelectual do falante ou fala mais educada a esta função. De acordo com a autora, os falantes, num estilo mais informal, optariam por empregar formas analíticas para a codificação da referência temporal futura, geralmente com um verbo auxiliar no presente e outro no infinitivo.

A segunda razão para adotarmos a visão de Fleishman reside na própria função do futuro como seqüenciador de eventos<sup>11</sup>, pois em termos absolutos a ocorrência desta função é um tanto quanto difícil, já que “aspecto e modalidade [...] fazem parte da referência futura tanto quanto a expressão da seqüenciação temporal. **Futuros são universalmente temporais/aspectuais ou temporais/modais ou os três.**” (FLEISHMAN, 1982, p.84, grifo nosso). Isto nos faz pensar que a ocorrência do futuro com função puramente temporal na visão de Camara Jr. não deve ser tão livre de matizes modais ou aspectuais. A questão da

---

<sup>11</sup>A função de futuro que Camara Jr. denomina função “puramente temporal”, Fleishman designa como seqüenciadora de eventos”.

intelectualização proposta por Camara Jr. talvez possa ser relativizada às funções das formas de acordo com o contexto (mais ou menos formal) em que são empregadas, mas não associada ao nível intelectual do falante.

Assim podemos pensar numa divisão de tarefas para o futuro no latim, bem como para o atual estágio do português. Parece ocorrer um processo de divisão de trabalho com o sistema verbal durante os vários períodos do desenvolvimento de uma língua. Logo, a passagem da forma sintética de futuro *amaremos* ao uso de locuções verbais teria ocorrido porque aquela acabou tendo feições mais temporais, o que possibilitou a entrada de novas formas (*vou -R*) para dar conta do vazio deixado pela função modal da forma anterior. Fleishman deixa em evidência essa necessidade, uma vez que acredita num equilíbrio entre modalidade e tempo: quanto mais uma forma fica temporalizada, mais fraca é a sua capacidade de expressar a modalidade e vice-versa. Os falantes percebem essa carência e tratam de supri-la a partir de duas alternativas: uma forma já existente passará a exercer mais essa função (modalidade) ou são criadas perífrases. Essa alternância de funções/especialização de uso das formas é que provoca o acúmulo de mais uma função para uma forma já existente ou a busca por perífrases.

### 1.2.3 O rodízio de formas

Para estabelecermos uma analogia entre as formas de futuro, precisaremos do quadro proposto por Fleishman (1982, p. 129):

### Diacronia Semântica da futuridade

Ib.significado lexical				
noções locativas/espaciais				
<input type="checkbox"/>				
<input type="checkbox"/>				
Ia. lexical <input type="checkbox"/>	II.modalidade <input type="checkbox"/>	III. aspecto <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Significado			IV. tempo	V. modalidade
‘ter’	<input type="checkbox"/> obrigação	<input type="checkbox"/> Prospectivo	<input type="checkbox"/> Futuro	volição
‘querer’	<input type="checkbox"/> volição	±imminente		possibilidade/probabilidade
‘planejar’	<input type="checkbox"/> intenção	±intenção	[± próximo]	atenuação
etc.				inferência/suposição
				características de comportamento

Os significados do futuro parecem se desenvolver de acordo com um padrão predizível exposto no quadro anterior. Fleishman aponta que as fontes primárias de futuro costumam ser: modais, marcadores aspectuais e orientados-para-o-agente e freqüentemente categorias espaciais/locativas. Entretanto, parece haver entre elas uma certa hierarquia:

- (a) lexical: verbos tipicamente plenos sofrem um esvaziamento de sua carga semântica e transformam-se em auxiliares modais, mas não o reverso;
- (b) expressões modais e locativos evoluem para marcadores aspectuais, mas não o contrário;
- (c) marcadores aspectuais evoluem para marcadores temporais, mas não o reverso;
- (d) certos tempos (futuro/futuro-do-pretérito, imperfeito/mais-que-perfeito) são empregados freqüentemente com valores modais (FLEISHMAN, 1982, p. 128).

Os estágios II. e V. da diacronia semântica das formas de futuridade merecem atenção. O que Fleishman caracteriza no estágio II. são as nuances da modalidade deôntica; para a autora: “o significado de obrigação é quase universalmente conhecido como tendo sido o antecedente para a evolução semântica subsequente”. Além disso, Fleishman destaca o fato de que “na diacronia semântica de *cantare habeo* essa nuance também estava presente e foi depois, aos poucos, desaparecendo”(op.cit., 59). Assim, no estágio V. , teríamos as nuances de *probabilidade* e *possibilidade*, próprias da modalidade epistêmica. Nesse estágio, existem também as características de comportamento as quais talvez tenham alguma relação com as locuções *estar – NDO*.

Nesse padrão proposto por Fleishman, uma forma não precisa passar por todos os estágios, ela pode entrar num determinado ponto e avançar para o próximo sem problemas. Esse padrão e as fontes originárias de futuro são sugeridos também por HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER (1991, p. 242) e BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA (1994, p. 251) para o futuro com *go*.

## CAPÍTULO II

### 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme já mencionado, as formas verbais que exprimem o futuro do presente serão analisadas, nesta dissertação, sob a perspectiva do sociofuncionalismo, proveniente da associação da Teoria da Variação Lingüística, idealizada por Labov (1972; 1978; 2001) e do Funcionalismo Lingüístico (cf. GIVÓN 1979; 2001; FLEISHMAN, 1982; HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

Um estudo prévio mostrou que as formas anteriormente apresentadas para a codificação da idéia de futuridade podem ser tomadas como camadas/variantes, pois apresentam a mesma função depreendida a partir de seu valor temporal: a expressão do tempo futuro.

Além disso, na perspectiva do funcionalismo, aventamos a hipótese de que as locuções verbais *estarei -NDO* e *vou estar -NDO* estariam passando por um processo de gramaticalização<sup>1</sup>, expressando nuances camaleônicas de tempo, aspecto e modalidade de acordo com a situação comunicativa.

Este capítulo organiza-se então da seguinte forma: primeiro apresentamos os postulados da sociolingüística variacionista. Na seqüência, a teoria de base funcionalista, com enfoque nos processos que normalmente atuam na gramaticalização. A última parte desta seção é destinada ao casamento sociofuncionalista proposto por Tavares (2003).

#### 1.1 A Teoria da Variação e Mudança

---

<sup>1</sup> O processo de gramaticalização de *estar + gerúndio* será detalhado no capítulo IV, seção 1.2.

### 1.1.1 Contextualizando

A partir de Saussure, no início do século XX, a dicotomia entre *langue* e *parole* ocultava a heterogeneidade do código lingüístico. Embora a *langue*, língua, fosse tida como um fato social, deveria ser estudada separadamente, sem qualquer influência de fatores externos, constituindo-se num sistema homogêneo. Conseqüentemente estava excluída da abordagem estruturalista a relação entre língua e sociedade. A associação de fatores externos, de condicionantes sociais, deveria ser reservada para a *parole*, fala, vista então como um certo *caos lingüístico*.

Labov, rejeitando a visão da homogeneidade da língua e acreditando que haveria mais avanços no desenvolvimento da lingüística ao se tentar lidar com o aparente *caos lingüístico*, propõe que se desfaça a barreira estabelecida entre *langue* e *parole*, inserindo os estudos lingüísticos no contexto social. A relação direta entre língua e sociedade não poderia/pode ser desprezada, visto que a língua tem um caráter prioritariamente social, pois deve servir como meio de comunicação.

Na década de 60, defensores de uma abordagem mais formal apontam os seguintes problemas ao se lidar com a fala: (i) a agramaticalidade da fala cotidiana; (ii) a variação presente na fala; (iii) as dificuldades de registro e (iv) a raridade de formas sintáticas. Tais críticas são assim rebatidas por Labov, respectivamente: (i) a maioria dos enunciados é constituída de frases bem elaboradas, a não ser que haja algum lapso de memória no falante; (ii) o que existe na verdade são duas ou mais formas lingüísticas de se dizer a mesma coisa (esse problema será revisto mais adiante em função da discussão entre Labov e Lavandera); (iii) bons aparelhos garantem uma gravação de qualidade dos dados e há estratégias que fazem com que o entrevistado esqueça a presença do pesquisador e forneça-lhe o vernáculo<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> “Estilo em que é mínima a atenção prestada ao controle do discurso, é a fala mais espontânea possível” (LABOV, 1972, p. 208).

resolvendo-se dessa forma o *paradoxo do observador*; (iv) a elaboração de testes, questionários direcionados, pode contribuir para verificar a atitude do falante diante das formas em estudo. (LABOV, 1972)

Labov começou seus trabalhos – e contribuiu para realização de muitos outros – primeiro no âmbito da fonologia, na década de 60, fazendo um estudo do fenômeno de mudança fonética, na ilha de *Martha's Vineyard*, a partir de dados de fala de seus habitantes. Nesses trabalhos, cujos resultados revelaram uma forte influência de fatores sociais, a premissa básica da variação – que duas ou mais formas alternantes ocorram no mesmo contexto com o mesmo significado representacional – podia ser mantida com certa confiabilidade.

A partir daí, devido à confiança alcançada nos estudos de variação fonológica de orientação laboviana, os sociolinguistas ampliaram suas pesquisas para a análise de casos de variação na sintaxe, utilizando os mesmos métodos e técnicas das análises fonológicas propostos por Labov.

Entretanto a situação fora do âmbito da fonologia mostrou-se bastante complexa. Em termos de variação morfossintática, não é tão fácil dizer a mesma coisa de maneiras diferentes. Essa problemática foi introduzida por Lavandera (1978, p. 175): saindo do plano fonológico, vamos encontrar necessariamente um significado associado a cada forma, o que se constitui num obstáculo ao cumprimento da exigência de formas alternantes de dizer a mesma coisa. Lavandera recorre a um estudo feito por Weiner e Labov (1983) sobre o uso da passiva, no qual apenas fatores estruturais tiveram relevância, colocando em dúvida o conceito de variável lingüística, que por definição teria que ter significância social ou estilística, enfatizando também a ausência do mesmo significado para as construções. Em função disso, Lavandera propõe o enfraquecimento da condição de que o significado deva ser

o mesmo para as formas variantes, substituindo-a por uma condição de comparabilidade funcional.

Labov (1978, p. 2) responde justamente na direção contrária, propondo que as variantes tenham o mesmo significado representacional ou se refiram ao mesmo estado de coisas. Ele fundamenta sua resposta nas necessidades da fala cotidiana, a qual salienta as diferentes formas de se dizer a mesma coisa de acordo com a situação. Este fato traz para a discussão duas outras funções da linguagem: a função de identificação do falante e sua acomodação ao ouvinte. Buscar diferenças sutis no significado representacional destas funções, alargá-lo, é tarefa do lingüista formal; o sociolingüista, preocupado com a variação social, “deve deixar de lado as diferenças tênues que a gramática pode produzir”(LABOV, 1978, p. 3). Ou seja, Labov reconhece que é durante a comunicação, onde a variação é inerente, que o falante, a partir de sua fala, paralelamente fornece pistas de sua identidade social e acaba adequando essa fala conforme a situação de interação, sendo que esta adequação não altera o conteúdo informativo. Dessa forma, chegamos, portanto, a um outro nível da teoria sociolingüística cujo objetivo seria: “dividir a variação em qualquer subseção de um sistema lingüístico de acordo com as funções de representação, identificação e acomodação [...]”(LABOV, 1978, p. 4).

Quanto à questão do estudo da passiva, Labov responde que um dos postulados iniciais da sociolingüística é, além da manutenção do mesmo significado representacional, o isolamento de contextos idênticos onde as variantes possam ser atribuídas à mesma variável. Visto que ambos foram atendidos, o estudo da passiva é válido e essa validação autoriza a aplicação desses métodos para outros fenômenos lingüísticos, de outros níveis, desde que respeitadas as exigências de mesmo significado – manutenção da referência ou valor de verdade das formas alternantes e mesmo contexto.

O estudo da passiva efetuado por Weiner e Labov e a polêmica dele decorrente, de certa forma, abriram as portas para a utilização da metodologia laboviana no estudo de fenômenos variáveis em níveis lingüísticos para além da fonologia e da morfossintaxe.

### 1.1.2 A mudança lingüística

Havendo dois ou mais jeitos de se dizer a mesma coisa é natural pensarmos na idéia de mudança lingüística, ou seja, quando uma das formas competidoras, a mais jovem, vai, aos poucos, tomando o lugar da forma antiga. Contudo, nem sempre casos de variação desembocam em mudança lingüística: existem casos em que ambas as formas variantes convivem por muito tempo, sem que haja o desaparecimento de uma delas.

Além disso, as mudanças não ocorrem de forma instantânea, trata-se de um processo gradual, o que permite traçar um paralelo com a sociedade visto que jovens e idosos não falam da mesma forma. Parece que a mudança lingüística acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Se as formas inovadoras tiverem um declínio numa escala que vai da população jovem até a idosa, verificaremos uma mudança em progresso, atentando porém que o fator idade em si não pode determinar isso sozinho, é preciso relacioná-lo a outros fatores da pesquisa.

As mudanças podem se caracterizar como mudanças em tempo aparente e em tempo real<sup>3</sup>. Aquelas ocorrem quando observamos o padrão de distribuição do comportamento lingüístico através dos grupos etários, num determinado recorte de tempo, numa perspectiva sincrônica. A mudança em tempo real é captada na análise da situação lingüística em vários momentos sincrônicos, numa perspectiva diacrônica, retornando o pesquisador, após um bom tempo, a uma comunidade de fala anteriormente estudada e verificando se o mesmo fenômeno

---

<sup>3</sup> Cf. Paiva e Duarte (2003).

continua a ocorrer. É um trabalho bastante árduo, porém se o pesquisador não puder efetuar novamente a visitação à comunidade, ele pode apelar para a busca em textos que no passado registram as variantes em estudo e compará-los com os registros mais recentes.

Todo aquele que pretende observar a trajetória das possíveis mudanças lingüísticas, fatalmente terá que lidar com cinco problemas apontados por Weinreich, Labov e Herzog (1968): o problema das restrições, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação.

a) o problema das restrições: quais são as restrições gerais da mudança? Havendo alguma restrição, o que permite certos tipos de mudança? Quais os fatores (lingüísticos e extralingüísticos) da variação e mudança lingüísticas? Quais as direções da mudança? (LABOV, 1982, p. 26).

b) o problema da transição: como (e por quais rotas a língua muda)? Como pode a mudança lingüística passar de um estágio a outro sem interferir na comunicação entre os membros de uma comunidade de fala? Quais os estágios intermediários da mudança, os quais definem a trajetória percorrida pela estrutura A até seu desdobramento numa estrutura B? Há três fases principais durante a mudança: (i) o falante aprende uma forma alternativa; (ii) durante um tempo essa forma alternativa convive com a anterior a ela e ambas fazem parte da competência do falante; (iii) uma das formas se torna obsoleta. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 184; LABOV, 1982, p. 27).

c) o problema do encaixamento: como as mudanças são encaixadas no sistema de relações lingüísticas e extralingüísticas? Que outras mudanças estão associadas às mudanças em questão de forma que estas últimas não possam ser consideradas mera coincidência? Análises qualitativas enfatizam uma independência relativa entre contextos interno e externo, do que resulta a necessidade do problema do encaixamento ser visto de ângulos separados: (i) encaixamento na estrutura lingüística: descrição da estrutura lingüística em que se localizam

as formas em mudança; (ii) encaixamento na estrutura social: os fatores sociais recaem sobre o sistema como um todo, porém a significância social não é distribuída igualmente sobre todos os elementos do sistema. Compete ao lingüista as tarefas de observar se a mudança ocorre a partir de alguma motivação social (grupo sócio-econômico, idade, sexo, etnia, localização geográfica) e determinar até que ponto essa motivação social está relacionada à mudança. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 185; LABOV, 1982, p. 28).

d) o problema da avaliação: como os membros de uma comunidade de fala avaliam a mudança? Avaliações negativas podem influenciar diretamente uma trajetória de mudança lingüística? O estigma atribuído à mudança pode pará-la, revertê-la ou mudar sua trajetória? Nos estudos sobre mudança lingüística precisa-se levar em consideração a capacidade que o falante possui em controlar as formas das quais se utiliza, devido a sua competência lingüística. Isto evidencia a consciência dos falantes acerca da heterogeneidade presente na comunidade de fala. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 186; LABOV, 1982, p. 28).

e) o problema da implementação: que fatores são responsáveis pela implementação das mudanças? Por que mudanças lingüísticas ocorrem numa língua específica em um dado tempo, mas não em outras línguas com o mesmo traço, ou na mesma língua em outros momentos? Os processos de mudança lingüística devem envolver estímulos e restrições da sociedade e da estrutura da língua. Sugere-se que uma mudança lingüística começa quando um dos traços característicos da variação da fala se espraia em toda parte de um subgrupo de uma comunidade de fala. Este traço característico assume então um certo significado social, simbolizando os valores sociais associados àquele grupo. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 186; LABOV, 1982, p. 29).

### 1.1.3 Sobre o instrumental metodológico

O modelo laboviano proporcionou um grande avanço nos estudos lingüísticos, ao compreender que as estruturas variantes revelam padrões de regularidade que, de tão sistemáticos, não podem ser devidos ao acaso, como também que o uso de uma ou de outra forma variante envolve forças externas ou sociais, não existindo a chamada variação livre: “as variantes são idênticas quanto à referência ou valor de verdade, mas opostas em seu significado social ou estilístico” (LABOV, 1972, p. 271).

A sociolingüística variacionista pretende assim estudar os fenômenos da língua no contexto social, a partir da análise das variantes mediante um tratamento estatístico, em que se busca medir o peso de cada grupo de fatores favorecedores ou inibidores da aplicação de uma regra variável<sup>4</sup>.

A regra variável pode ser definida a partir da possibilidade do emprego de duas ou mais formas num mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade, onde estarão em competição. A essas formas em competição dá-se o nome de variantes lingüísticas. A escolha de uma ou de outra está relacionada a uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como ordem externa ou social (TARALLO, 1985, p. 8).

Fatores internos (lingüísticos) e externos agem de forma dinâmica. Os externos são de ordem social (idade, sexo, escolaridade, profissão...) e sua atuação parece ter se mostrado mais marcante nos fenômenos fonológicos, sendo que nos morfossintáticos e discursivos tem se mostrado menos expressiva. Os fatores sociais, entretanto, não ficaram em segundo plano na teoria laboviana, conforme se pode perceber em Labov (2001). Quanto aos fatores lingüísticos, pode haver condicionamento de ordem fonológica, morfológica, sintática, semântica e discursiva.

---

<sup>4</sup> Com a noção de regra variável não se descarta a possibilidade de que ocorram fenômenos lingüísticos categóricos.

#### 1.1.4 Os fatores estilísticos<sup>5</sup>

A linguagem pode ser influenciada em inúmeros aspectos: tanto internos ao discurso<sup>6</sup>, bem como relativos à situação social em que este se realiza. A situação social é a forma como duas ou mais pessoas relacionadas entre si de maneira particular falam sobre um assunto, num lugar determinado. Este tripé (interlocutor, lugar e assunto) constitui os elementos que agem diretamente sobre a comunicação: o interlocutor é observado a partir de sua relação com o falante. Se existir alguma hierarquia entre ambos, entram em cena relações assimétricas de superioridade/inferioridade ou simétricas de igualdade. Complementam ainda o perfil do interlocutor fatores como idade, sexo, escolaridade e profissão. Também o lugar onde se dá a comunicação (uma ocasião mais formal ou menos formal) e o assunto contribuem para a alteração do discurso dos falantes.

Cada situação social exige uma variedade lingüística adequada. Isto suscita problemas bastante complexos, visto o grande número de fatores que atuam na variação estilística.

Esse olhar estilístico para a variação das formas lingüísticas foi deixado de lado por muito tempo o que nos leva de volta aos estruturalistas. Estes, ao excluírem a fala como objeto de estudo da lingüística, enfraqueceram a preocupação com o estilo. O que se teve das escolas lingüísticas dos séculos XIX e XX foram tentativas tímidas no que se refere à observação da variação estilística; nenhuma delas conseguiu abordar a questão da maneira satisfatória (LEFEBVRE, 2001, p.212).

A inclusão da variação estilística nos estudos lingüísticos ganhou força somente a partir de Labov. O estudo da pronúncia do *r* retroflexo, realizado em 1966, em Nova York

---

<sup>5</sup> O trabalho de Reis (2003) contribuiu de maneira substancial para a elaboração desta seção. A autora mostrou que a natureza da variação, no caso do uso das formas verbais de indicativo e subjuntivo para expressar o modo imperativo, não é aleatória e sim motivada pelo papel sociopessoal dos interlocutores. Também os trabalhos de Zilles e Faraco (2002) e de Amaral (2002) forneceram informações preciosas acerca da dimensão estilística da variação e igualmente inspiraram esta seção.

<sup>6</sup> Discurso: “é concebido como a língua em uso.” (SCHIFFRIN, 1994 apud COSTA, 1997, p. 52).

pelo autor, foi pioneiro na confirmação de que o falante muda seu estilo de acordo com o contexto (formal/informal). A fim de verificar a variação estilística com maior precisão no âmbito da fonologia, Labov (1972) criou cinco tipos de contextos: contexto A: é a fala casual, livre de qualquer tipo de pressão; contexto B: formal, é o da entrevista com o falante; contexto C: leitura de textos: é solicitado ao falante que leia dois textos escritos na linguagem padrão; contexto D: leitura de listas de palavras, e contexto E: é solicitado ao falante que faça a leitura de pares mínimos. A partir desses contextos, Labov verificou que quanto maior a informalidade, menos o falante se preocupava com sua pronúncia e nas situações nas quais havia algum tipo de pressão, o processo se invertia deixando transparecer as variantes de prestígio.

Os estudos labovianos representaram um grande avanço para a análise da variação estilística, porém não podemos considerá-los completamente eficazes; há situações em que considerar a mudança de estilo do falante apenas como um maior ou menor grau de atenção à fala não é suficiente. Essa perspectiva não consegue dar conta de explicar sozinha, por exemplo, “o efeito que o falante quer produzir sobre seu interlocutor, a relação que quer manter com ele, etc.” (LEFEBVRE, 2001, p. 234).

## **1.2 O Funcionalismo Lingüístico**

A partir de uma concepção funcionalista de língua e gramática, verificamos que esta última é um fenômeno emergente, que surge de necessidades comunicativas (HOPPER, 1987; GIVÓN, 1990; 1993; 1995; 2001), o que abala diretamente a noção de gramática como um conjunto de regras rígidas.

Para compreendermos o uso da língua na comunicação, como uma atividade sócio-cultural, precisamos estabelecer correlações entre texto/discurso e cognição. Devemos observar a gramática “no” texto, uma vez que só em uso a linguagem encontra significação.

Em uso, cada função precisa de uma forma para lhe dar sustentação. Numa língua natural, uma forma pode assumir mais de uma função ou uma função pode ser codificada, em alguns momentos, por mais de uma forma. Esse fato atenua o princípio da iconicidade, nos termos em que é formulado por Givón, de existência de uma relação não-arbitrária entre forma (código) e função (mensagem) na língua<sup>7</sup>. Há, na verdade, uma infinidade de funções e formas que estão sempre em mobilidade devido a um conjunto de motivações funcionais (cognitivas, comunicativas e sociais). Por isso nossa dissertação insere-se na perspectiva funcionalista. Nela se propõe que a função ‘tempo futuro’ na língua portuguesa pode ser representada através de outras formas, além da forma verbal de futuro do presente (*-rei*), também chamado de futuro canônico, futuro simples ou sintético.

A noção funcionalista de gramática emergente, motivada e explicada pela situação comunicativa, prevê que a língua – por ser viva, dinâmica e criativa no seu uso cotidiano – acaba modelando a gramática, conforme Hopper (1987, p. 142) “uma forma lingüística nunca é fixa nem aprioristicamente determinada”. Sua estrutura é delineada pelo uso no discurso. “Quanto mais usual uma construção, mais ela tende a se tornar mais estruturada” (op.cit.). Esse processo de modelagem ocorre através da repetição ou freqüência de ocorrência de um item ou construção. A gramática é primariamente modelada por generalização nos padrões de uso. A freqüência de uso é considerada como um dos fenômenos mais relevantes para a gramaticalização, e, portanto, regularização e fixação de uma forma.

As pressões de ordem externa (extralingüística ou social) e/ou interna (lingüística) atuam constantemente na gramática, contribuindo para as mudanças. As pressões externas vão

---

<sup>7</sup> A hipervalorização da iconicidade nos levaria a uma correlação antieconômica de um – para – um entre forma e função.

desde as características históricas, sociais e culturais do falante, adequação de sua fala de acordo com o ouvinte/situação; as internas estão situadas no âmbito da sintaxe, fonologia, morfologia, semântica. Portanto, na perspectiva funcionalista, a estrutura gramatical torna-se maleável, ajustando-se entre as competições de formas ou funções, as quais se modificam devido a forças externas e/ou internas. Extrai-se disso que variação e mudança estão sempre presentes.

As constantes motivações cognitivas e comunicativas que atuam no par forma/função associadas a uma alta frequência de uso é que provocam as mudanças, que serão vistas sob o escopo da gramaticalização, no próximo item desta dissertação.

No plano lingüístico, a gramática é construída a partir de um número relativamente pequeno de princípios icônicos cognitivamente transparentes que, em cada domínio gramatical, combinam-se com convenções estruturais aparentemente mais arbitrárias. (cf. GIVÓN, 1991). Vejamos o papel de cada um deles.

#### Regras de Entonação

- a) Acento e previsibilidade: ‘Fatias de informação menos previsíveis são acentuadas’
- b) Melodia e relevância: ‘Fatias de informação que conceptualmente estão juntas, são embaladas juntas sob um mesmo contorno melódico’
- c) Pausa e ritmo: ‘O tamanho da quebra temporal entre fatias de informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva ou temática entre elas’

#### Regras de espaçamento:

- a) Proximidade e relevância: ‘Fatias de informação que conceptualmente estão juntas, são mantidas em proximidade espaço-temporal’
- b) Proximidade e escopo: ‘Operadores funcionais que são mantidos mais próximos dos operandos aos quais são relevantes’

#### Regras de seqüência:

- a) Ordem e importância: ‘Uma fatia de informação mais importante é colocada na frente (*fronted*)’
- b) Ordem de ocorrência e ordem reportada: ‘A ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem lingüística dos eventos’

#### Regras de quantidade:

- a) Expressão zero e previsibilidade: ‘Informação previsível – ou já ativada – será deixada não-expressa’
- b) Expressão zero e relevância: ‘Informação não importante ou não relevante será deixada não-expressa’ (GIVÓN, 2001, p. 18-19)

Dos princípios da marcação, os que mais nos interessam, apontam para o seguinte (cf. GIVÓN, 2001, p. 38):

a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada;

b) distribuição de frequência: a categoria marcada tende a ser menos freqüente do que a não marcada;

O princípio meta-icônico da marcação propõe que “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem também a ser substantivamente – funcionalmente – mais marcadas” (GIVÓN, 2001, p.38).

Porém não podemos assumir categoricamente que, por serem mais marcadas, as formas também serão menos freqüentes, visto que elas estão profundamente ligadas ao contexto comunicativo no qual elas se manifestam, uma forma pode ser marcada num contexto e no outro não. O critério da complexidade estrutural deve, portanto, ser avaliado observando-se sempre o contexto.

A marcação não diz respeito apenas a categorias lingüísticas, mas também a contextos comunicativos onde elas se manifestam. Explicações sobre marcação devem ser específicas de domínio: os correlatos cognitivos, comunicativos, sócio-culturais ou biológicos da marcação podem variar de um domínio para outro (GIVÓN, 2001, p. 39).

Julgamos de grande valor para este trabalho os princípios da marcação, por acreditarmos que, dentre as formas que codificam o futuro, há aquelas que supomos ser mais marcadas e, talvez, menos freqüentes. Neste trabalho, consideramos as locuções verbais *estar -NDO* como construções marcadas.

### 1.2.1 A gramaticalização

O conceito de gramaticalização, grosso modo, pode ser entendido como um dos mecanismos de mudança na língua, e que está diretamente relacionado com a diacronia. Porém são variados os conceitos encontrados na literatura sobre gramaticalização. O mais próximo para esta pesquisa seria o de gramaticalização como processo. Considerado como processo

refere-se primariamente ao processo histórico, dinâmico, unidirecional em que itens lexicais no curso do tempo adquirem um novo status como formas gramaticais, morfossintáticas, e no processo vem a codificar relações que não eram codificadas anteriormente ou eram codificadas diferentemente (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991 apud HEINE; CLAUDI; HÜNNMEYER 1991, p. 4).

A gramaticalização, vista como um dos mecanismos de mudança na língua, recebeu vários enfoques. Não vamos nos referir a todos eles, mas é essencial a abordagem sugerida por Givón na década de 70. Até então o percurso sugerido para o processo de gramaticalização era “léxico>gramática” (cf. MEILLET, 1912 apud HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 21). Givón (1979, p. 208), porém, chama atenção para o papel do discurso, propondo o percurso “discurso>gramática”.

Isso faz com que tenhamos duas dimensões distintas para o processo de mudança. De um lado, sob a perspectiva da dimensão lexical/etimológica, com foco especialmente na trajetória de mudança de significado, a organização da língua é resultante de processos cognitivos, e de outro, na dimensão discursiva/textual, com foco na interação humana, a organização da língua é consequência do contexto discursivo e sofre motivações de ordem comunicativa. Uma possível solução ao se lidar com fenômenos que envolvam mudança é tomar essas duas dimensões como complementares: “a primeira explica o que é gramaticalizado; a segunda como isso ocorre” (HOPPER, 1996, p. 232). É essa posição que adotamos nesta dissertação; contudo suspeitamos que, ao término da pesquisa, a dimensão

discursiva/textual seja para nós mais esclarecedora devido ao tipo de fenômeno em questão. Vejamos as propostas de cada uma delas.

Na dimensão discursiva/textual, Givón considera pragmática praticamente como sinônimo de discurso. E é no discurso que a língua é adquirida e onde a gramática emerge e muda. É onde as formas se ajustam – criativamente em função do contexto – para novas funções e significados estendidos. É no discurso que a variação pode surgir, pois a relação com o contexto sugere que o discurso seja guiado/modificado de acordo com quem se fala, do que se fala e onde se fala. Além disso, subjacente a cada ato de fala existe uma intenção do falante, o que confirma que, no discurso, as formas vão estar sempre a serviço de alguma função. A gramática é vista como produto da mudança, e as formas gramaticais sendo derivadas de funções discursivas. A gramática compreende um movimento unidirecional da esquerda para a direita, isto é, do menos para o mais gramaticalizado. As formas estariam num *continuum* que envolve as seguintes etapas:

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero (GIVÓN, 1979, p. 208).

A noção de *continuum* na gramaticalização implica que as categorias durante o processo de mudança não assumam novas formas do dia para a noite; mas que há períodos nos quais as formas apresentam tanto traços da função anterior como da nova, algo como: A > A/B > B... .

Uma vez que um elemento lingüístico é capaz de adquirir e reter novos sentidos e usos sem perder os antigos, a gramaticalização deve ser concebida como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, já que envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, já que implica variação. Na linha funcionalista, a frequência de uso tem papel essencial, visto que a alta recursividade de uma estrutura nas variadas manifestações discursivas faz com que tenda a aumentar a probabilidade desta se regularizar

lingüísticamente. É através da frequência de ocorrência de um item ou construção que a língua vai sendo modelada.

Ainda na dimensão textual/discursiva, trazemos os cinco princípios de Hopper (1991, p. 22). Escolhemos a visão deste autor porque seus princípios permitem observar o processo da gramaticalização nos estágios mais incipientes, e podem ajudar a clarear o que parece estar acontecendo com as locuções *estar - NDO*.

**1)Estratificação:** no domínio funcional, novas camadas estão emergindo continuamente. As camadas velhas, entretanto, não são descartadas e podem coexistir e interagir com as novas camadas. Assim, acontece a coexistência de formas com função similar que podem ser ou não estáveis.

É o caso, por exemplo, das formas *estar -NDO* e sua relação com *vou -R*, *presente*, *forma sintética* e demais formas vistas no início desta dissertação.

**2)Divergência:** quando uma forma lexical se gramaticaliza, por exemplo um auxiliar, um clítico ou afixo, a forma que lhe deu origem pode permanecer como um elemento lexical autônomo e sofrer as mesmas mudanças que sofre qualquer forma lexical. Isso resulta em múltiplas formas tendo em comum a mesma etimologia, mas divergindo funcionalmente.

O verbo *estar* mantém seu estatuto de verbo pleno em *estarei em casa amanhã* e, paralelamente, pode funcionar como auxiliar na locução verbal: *vou estar viajando no feriado*.

**3)Especialização:** dentro do domínio funcional é possível existir várias formas com diferenças semânticas sutis. No momento da gramaticalização, essa variedade de formas diminui e aquelas formas selecionadas adquirem significados gramaticais mais gerais. Uma forma, então, pode tornar-se obrigatória, já que a possibilidade de escolha diminui.

Nesta dissertação, queremos mostrar as supostas especializações das formas variantes para a expressão da futuridade: é provável que *estarei -NDO* já esteja apresentando nuances temporais, enquanto que *vou estar -NDO* tenha ainda mais traços aspectuais/modais (devido à presença do *ir*), ou seja, estaria num estágio menos avançado do que *estarei -NDO* para a função tempo; *vou -R* deve estar se encaminhando para codificar com mais ênfase a função tempo e o *futuro sintético* deve estar atuando mais na função modal.

**4)Persistência:** ao sofrer a gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical, um item tende a manter traços de seus significados lexicais originais e parte da sua história lexical pode aparecer nas restrições sobre sua distribuição gramatical, ou seja, acontece a permanência de vestígios do significado lexical refletido no comportamento gramatical da forma.

Julgamos que o verbo *estar* perca apenas um pouco seu traço aspectual durativo.

**5)Descategorização:** quando ocorre a gramaticalização de uma forma, esta tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são próprias das categorias plenas (nome e verbo) e assumem características de categorias secundárias como adjetivo, particípio, etc. Assim, acontece uma diminuição do estatuto categorial da forma gramaticalizada, surgindo formas híbridas.

O verbo *estar* já assumiu a posição de auxiliar dentro da locução verbal, mantendo, porém, seu estatuto de verbo pleno fora dela.

Na dimensão léxico/etimológica, existem várias etapas e processos cognitivos que variam em função do item gramatical que está em questão. Descreveremos apenas aqueles envolvidos na codificação do tempo futuro, partindo do pressuposto de que as pessoas raramente inventam novas expressões; ao contrário, os falantes partem de formas e estruturas lingüísticas já existentes para estender o uso destas. Os mecanismos de mudança utilizados, neste caso, seriam o da reanálise, da analogia, da expansão metonímica e da expansão metafórica.

Tanto a reanálise quanto a analogia são importantes mecanismos de mudança, principalmente quando se trata de mudança morfosintática. Ambas envolvem inovações a partir de eixos diferentes. A reanálise a partir do eixo sintagmático e a analogia a partir do paradigmático. “São os dois maiores processos na mudança da língua [...] a gramaticalização não ocorre sem eles; visto que ambos cumprem diferentes papéis. Apenas a reanálise permite a criação de novas categorias gramaticais; porém o papel da analogia não deve ser ofuscado; pois, em muitos casos, por ser mais explícita, a analogia é a primeira evidência de que uma mudança está tendo início.” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 57).

A reanálise, de acordo com Langacker (1977, p. 58 apud HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 40), é a mudança na estrutura de uma expressão, ou classes de expressão. O verbo *go*, auxiliar na expressão do futuro em inglês, exemplifica o processo:

(1) [*I am going [to visit Bill]*]

(2) [*I am going to visit Bill*]

Do estágio (1) para (2) há uma reanálise no sentido de que *be going to* permite uma nova interpretação: de finalidade em (1) para futuridade em (2). A reanálise opera então não só na passagem da construção *be going (to...)* para *be going to*, mas também no verbo que a precede; pois ao reagrupar a sentença (1) em (2), há também mudança de aspecto progressivo *be going (to...)* para futuro imediato *be going to*. Neste caso, a reanálise é permitida apenas quando o contexto inicial for de finalidade.

A analogia, por sua vez, é que vai permitir a expansão de uso da nova forma, ou seja, *be going to* passa a poder relacionar-se com qualquer verbo, perdendo a restrição de contexto de finalidade. Há uma generalização de uso.

Quanto às mudanças oriundas de processos metafóricos/metonímicos podemos dizer o seguinte: a mudança metafórica envolve o desenvolvimento de categorias gramaticais, atuando no sentido de que um item lexical mais concreto passa a funcionar de maneira abstrata, usualmente mais complexa, não presente no contexto. É mais semântica.

Para exemplificar, utilizamos novamente *be going to*, segundo a proposta de Heine (1993, p. 96 apud MENDES, 1999, p. 28):

(3) *Bill is going to town.*

(4) *Bill is going to wake up in a minute.*

De (3) para (4) temos a passagem de uso concreto/lexical de *be going to* em (3) para um uso abstrato/gramatical em (4). Nesta passagem, há uma transferência de um domínio de entidades concretas (pertencentes ao mundo real em 3), para o domínio das entidades abstratas (pertencentes ao mundo do discurso em 4). A metáfora portanto envolveria um

“pulo” direto de um domínio para outro, de um conceito para outro. Há de observar porém que, antes de alcançar o próximo domínio, as categorias passariam por zonas de encadeamento, mas essa discussão já entra na expansão metonímica.

Quanto à expansão metonímica, trata-se do processo mais básico de extensão de significado, talvez até mais que a metáfora (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 74). Segundo Taylor (1989, p. 123) o conceito de metonímia pode ser entendido como “a possibilidade de estabelecer conexões entre entidades que co-ocorrem dentro de uma dada estrutura conceitual”. A mudança metonímica envolve a especificação de um significado, em termos de outro que está presente, mesmo que somente implícito, no contexto. É mais pragmática<sup>8</sup>, altamente dependente do contexto, pois vai atuar justamente no *continuum* que existe entre uma categoria e outra, ou seja, é só o contexto que vai permitir dizer qual o significado da forma. Exemplificando, voltemos ao *going to*:

- (5) *Henry is going to town.*
- (6) *Are you going to library?*
- (7) *No, I am going to eat.*
- (8) *I am going to do my very best to make you happy.*
- (9) *The rain is going to come.*

Os exemplos (5) e (9) lembram o processo de expansão metafórica: de movimento espacial em (5) para futuridade em (9). (6), (7) e (8) podem ser considerados o *continuum* pelo qual *going to* vai mantendo/adquirindo novos significados. Neles há matizes que vão desde ação verbal indicando movimento em (5) e (6); intenção/predição (7) e (8) até a idéia de futuridade (8) e (9). (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 71).

Antes de fechar esta seção, queremos apresentar brevemente a trajetória pela qual passou o verbo *go*, até porque a visualização de sua trajetória de mudança será bastante útil para este trabalho.

---

<sup>8</sup> Entendendo por pragmática “a dependência do contexto para interpretação semântica dos enunciados” (MACEDO, 2003, p. 66), enfatizamos que só foi possível classificarmos as ocorrências de futuridade mediante observação detalhada do contexto comunicativo no qual elas estavam inseridas.

O verbo *go* passou pelas seguintes etapas – trajetórias no processo de gramaticalização:

movimento no espaço > <i>present relevance</i> >	prospecção >	futuro
<i>be going to</i>		
AÇÃO VERBAL	PRAGMÁTICA	ASPECTO
		TEMPO
	(HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER; 1991, p. 242)	

Durante o processo de gramaticalização, o significado relativamente original concreto de *go* (movimento e direcionalidade) foi, de certa forma, perdido, embora haja construções que ainda mantêm em uso o significado antigo. Numa leitura rápida, podemos dizer que o futuro com *go*, depois de passar pelas várias etapas do processo de gramaticalização, passou a funcionar de forma equivalente ao *simple future (will)*. Processos cognitivos como a reanálise e a metaforização de categorias contribuíram para que os novos significados fossem acrescidos: “estes são mais abstratos e baseados no significado do falante, especificamente os significados temporais baseados no tempo do falante” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 3). Os autores afirmam ainda que a metonímia operou nos estágios iniciais, sendo suplantada pela metáfora mais tarde, no caso do futuro com *go*.

### 1.3 O sociofuncionalismo

O casamento da teoria variacionista e funcionalista requer alguns cuidados metodológicos, visto que não se trata simplesmente de somá-las. Há pressupostos teóricos de uma e de outra que vão em direções diferentes e isto implica uma decisão do pesquisador que não pode assumir uma postura absolutamente neutra. Tavares (2003, p. 132) aponta que a associação entre as teorias ‘mãe’ é possível, desde que sejam feitas algumas

traduções/convergência de termos provenientes de ambas, o que equivale a uma perspectiva teórica distinta das originais, já que não houve uma mera junção:

Trata-se na verdade, de um re-arranjo de conceitos, significados, gramáticas, intenções e interpretações que, uma vez emparelhadas a cada conversação, aparecem mesclados, novos, relativos não ao conjunto de relações teóricas e metodológicas de cada modelo individual ou de sua soma, e sim a um conjunto de relações inovadoras surgidas no momento da convergência entre idéias de cá e lá.

Tavares faz uma extensa busca e confronto de pressupostos de ambas as teorias relacionando aqueles que convergem sem maiores problemas, aqueles que necessitam de uma tradução e, finalmente, aqueles cujos princípios são naturalmente opostos e obrigam o pesquisador a fazer escolhas.

Dentre os tópicos oriundos do funcionalismo e da sociolinguística variacionista que convergem, ficam as seguintes noções:

*a língua em uso*, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança; as *situações de comunicação real* em que falantes reais interagem; o destaque à *mudança linguística*, entendida como processo contínuo e gradual; a mudança é disseminada ao longo do âmbito linguístico e do âmbito social, com alterações contínuas e em termos de frequência; a complementariedade entre *dados sincrônicos* e *diacrônicos*; a maioria das inovações é passageira, apenas algumas são repetidamente re-utilizadas e, caso aceitas pela comunidade de fala, podem ser cada vez mais difundidas. (TAVARES, 2003, p. 127)

Embora semelhantes, houve tópicos que precisaram de uma tradução para convergirem.

Ainda, conforme Tavares (2003), repassados os pontos comuns e aqueles que precisaram de ‘re-arranjos’, restam aqueles nos quais a possibilidade de associação é mais difícil e quase temos que desistir da égide “*sociofuncionalista*”.

Tais pontos referem-se aos pressupostos fundamentais das teorias em questão: a visão de gramática e daquilo que deve ser o foco principal de cada uma delas. Esses pontos são:

- (i) ou a primazia da análise recai sobre a função ou sobre a estrutura;
  - (ii) ou as motivações por trás da gramática podem ser funcionais ou não podem;
  - (iii) ou a gramática é o conjunto de regularidades que emergem das pressões de uso cotidianas ou a gramática é o conjunto de regras (in) variáveis formais que governam o uso gramatical a cada período de tempo.
- (TAVARES, 2003, p. 132)

Portanto, se quisermos continuar a pensar nesse casamento de teorias, precisamos tomar uma decisão quanto ao problema da superioridade da função ou da estrutura. A solução seria a divisão do reinado: ambos, forma e função, passariam a receber igual destaque.

Para Tavares (2003), se o pesquisador optar por esse caminho, resolve também o problema das motivações: a sociolinguística argumenta que motivações estruturais e sociais promovem as mudanças, a função não exerce motivação significativa. O funcionalismo, em contrapartida, defende que as estruturas tendem a refletir e a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais). Assim, a emergência dos domínios gramaticais e de suas camadas é fruto do uso dado à língua e de tudo o que está envolvido nas situações comunicativas. A opção do falante por uma camada dentre as disponíveis em um domínio funcional depende do contexto sociolinguístico em que se desenrola a interação e das motivações funcionais subjacentes a ele. Dessa forma, a fim de assegurarmos a união das teorias, leva-se em consideração tanto motivações de ordem funcional, como de ordem estrutural.

De acordo com Tavares (2003), até aqui, a “conversa na diferença” permitia ‘finais felizes’, deixando uma certa neutralidade no ar. Contudo parece que essa neutralidade não pode permanecer e o final feliz agora encontra-se ameaçado, pois a visão de gramática como um conjunto de regras (in)variáveis é incompatível com a noção de gramática emergente. Basta retomar as características essenciais desta última para vermos o hiato: está em constante transformação; é motivada pelas pressões de uso; está baseada nas experiências anteriores e presentes de cada falante. Além disso, engloba tudo que está envolvido na troca linguística (aspectos cognitivos, comunicativos e sociais) para dar conta da investigação de processos de inovação e de rotinização sofridos pelas fórmulas gramaticais, colocando em foco também a análise das relações de diferentes graus entre funções e formas e a alteração pelas quais essas relações passam ao longo do tempo.

E agora? Cancelamos a festa? Não! Mesmo que haja diferença nestes aspectos fundamentais de cada teoria, ainda temos a opção de operar numa base mais funcionalista ou mais variacionista, visto que não é todo o variacionismo que será englobado pelo sociofuncionalismo, nem o contrário. Somente os aspectos comuns ou aqueles nos quais foi possível realizar-se uma tradução serão utilizados sob a nomenclatura do sociofuncionalismo. Isso implica que uma postura neutra do pesquisador está completamente descartada.

Como resultado dessa “conversa na diferença” proposta por Tavares, esta dissertação assume a postura sociofuncionalista, mais inclinada ao funcionalismo, visto que a função de expressar a futuridade é a prioridade e que camadas/variantes parecem estar disputando esta função. Urge salientar que as formas em competição para a função do futuro estão inseridas no domínio funcional do tempo, aspecto e modalidade e que motivações de ordem funcional (cognitivas, comunicativas e sociais) estão pressionando inovações<sup>9</sup> e regularizações.

---

<sup>9</sup> O conceito de inovação aqui aplica-se às formas no sentido de que não tinham estado presentes num estágio anterior da gramática e/ou porque tiveram a frequência de uso aumentada em certos contextos (TAVARES, 2003, p. 59).

## CAPÍTULO III

### 1 AS CATEGORIAS VERBAIS

Pretendemos, numa primeira etapa desta seção, chamar atenção para as diferentes interpretações a que a palavra *tempo* em português pode conduzir-nos. Nesta dissertação, precisamos ter bem diferenciadas duas noções: o tempo físico e o tempo da linguagem, marcado por morfemas, palavras e construções gramaticais.

Na seqüência, incorporamos o sistema de três “pontos” de Reichenbach (momento do evento, momento da fala e momento de referência) que servem de apoio, ou limite, para determinarmos os tempos verbais. Tal sistema é adaptado para uma abordagem discursiva.

E, ao lidar com a categoria gramatical de tempo, somos obrigados a discerni-lo, se é que isto é possível, de outras duas categorias verbais, a do aspecto e a da modalidade, que também receberão nossa atenção. Cada uma dessas categorias contribui de forma generosa para o caráter camaleônico das formas de futuridade, principalmente a modalidade, que sempre deixa rastros por onde passa.

A discussão do domínio funcional TAM reúne as concepções de Reichenbach (1947), Lyons (1977), Comrie (1981;1985), Fleishman (1982), Soares (1984); Corôa (1985), Travaglia (1985), Mateus et al. (1989), Costa (1990), Fiorin (1996); Ilari (1997) e Givón (2001).

## 1.1 O tempo

O tempo, em si, já comporta uma complexidade tamanha que suscita questões filosóficas. Dentre os muitos filósofos que se dedicaram à reflexão sobre o tempo, destaca-se Santo Agostinho, por considerá-lo como uma categoria da linguagem. Trata-se de “fenômeno que se dá no espírito humano” (apud FIORIN, 1996, p. 128).

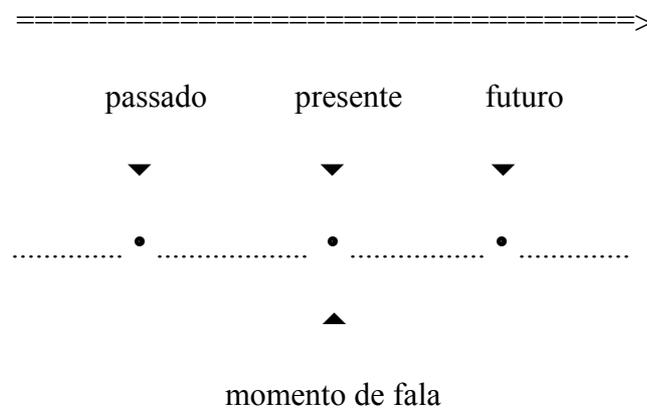
A divisão temporal para o filósofo ocorre numa visão tripartida do presente, sendo este o fundamento da extensão e da medida do tempo (FIORIN, 1996, p.133). Temos, na verdade, três tipos de presente: o do passado, que é a memória, o do presente, que é o olhar, a visão, e do futuro, que é a espera. Santo Agostinho transfere para esses três tipos de presente a idéia de comprimento do futuro e do passado. Medir o tempo não tem nada a ver, pois, com movimento exterior, é no espírito que está o elemento fixo que permite comparar tempos curtos e longos. Assim, é a linguagem que garante ao homem a experiência temporal, amparada nas relações memória/espera que são geradas pela ação do espírito.

Saindo das questões filosóficas que conduziram a preocupação com o tempo para o território da linguagem, Corôa (1985) define tempo dividindo-o em tempo cronológico, tempo psicológico e tempo gramatical da seguinte forma: o tempo cronológico é caracterizado por um ponto em contínuo deslocamento em direção ao futuro, de duração constante, uniforme, irreversível. O tempo psicológico, por estar em relação direta com o indivíduo, pode prolongar-se, retroceder, não tendo duração constante e uniforme. O tempo gramatical seria aquele caracterizado em português por um radical acrescido dos morfemas típicos.

Mas a tradicional distribuição entre tempo físico e tempo fenomenológico ou entre tempo cronológico e tempo psicológico deixou de ter razão, em função de uma visão mais ampla que surgiu com a *Teoria da Relatividade Especial* (TRE), proposta por Albert Einstein. Pôde-se, enfim, definir o tempo com relação a um observador. “Depende, então, da posição

do observador a simultaneidade ou a sucessividade dos eventos e o rígido caráter unidirecional do tempo – caminhando sempre para a frente” (CORÔA, 1985, p. 30).

O tempo então pode ser visto hipoteticamente como uma linha reta onde podemos localizar situações diagramaticamente através da relação destas com o momento de fala e momento de referência. Nesta linha, o momento de fala (ponto zero) pode deslocar-se para a esquerda (tempo passado) ou para a direita (tempo futuro).



O tempo é, portanto, uma categoria dêitica da gramática, marcado formalmente por verbos, advérbios, afixos, auxiliares, lexemas, morfemas, perífrases, etc. (FLEISHMAN, p. 20, 1982; COSTA, 1990, p.17).

Para esta dissertação, tomamos emprestado as noções reichenbachianas do momento de fala, momento do evento e momento de referência; mas adaptando-as/expandindo-as para o discurso.

Reichenbach (1947, p. 287) propõe que os tempos verbais determinem tempo ao levarem em consideração a referência ao momento do ato de fala. Isto confirma que o fundamento da interpretação das formas verbais flexionadas em tempo seja a dêixis, isto é, a referência à própria situação de enunciação.

Mas, partindo do momento de fala, obtemos apenas três indicações: antes, depois ou simultâneo ao momento de fala. Como essas indicações são insuficientes para dar conta de todos os tempos verbais, Reichenbach sugere que se trabalhe também com outros dois: o momento de referência e o momento do evento.

O estabelecimento do momento de referência é necessário se quisermos localizar situações (eventos, ações, estados, processos...) no tempo. Em alguns casos, o momento de referência pode ser o momento de fala, em outros ele deve ser procurado no contexto de fala.

## 1.2 Aspecto e tempo

A categoria do aspecto é imprescindível nesta dissertação, pois estamos supondo que haja alguma forte relação entre esta categoria gramatical, as locuções *estar -NDO* e a expressão do tempo futuro.

Não há muito consenso entre os estudiosos quanto ao conceito de aspecto<sup>1</sup>. Isso faz com que consideremos nesta dissertação somente aquelas definições que julgamos pertinentes ao nosso objeto de estudo.

Segundo Comrie (1981, p.3) “aspecto são os diferentes modos de ver a constituição temporal interna de uma situação”.

Fleishman (1982, p. 11) vai além do que é proposto por Comrie, diferenciando o aspecto do tempo por duas razões: primeiro, o aspecto diferencia-se do tempo por não ser dêitico, e, depois, porque é capaz de expressar significados da situação designada pelo verbo, como duração, frequência, terminação, etc.

No português, a existência da categoria de aspecto é controversa.

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, Lyons (1977, p. 682) chama atenção para a questão de que convencionalmente incluem-se nas categorias tempo, aspecto e modalidade uma série de outras funções as quais podem não ter nada a ver com as categorias em questão.

Soares (1984, p. 67), fazendo um estudo comparativo entre a semântica do aspecto verbal em russo e em português, considera que em nossa língua a flexão verbal significa basicamente tempo e expressa duas dimensões temporais: os planos e as perspectivas. Se, quando consideradas em um contexto, elas podem transmitir significado aspectual, trata-se de valor secundário, valor de fala, e não de língua.<sup>2</sup> A autora diferencia ‘**aspecto**’ e ‘**modos da ação**’<sup>3</sup> e os inclui num domínio mais amplo, o da Aspectualidade. Para ela (1985, p. 41) aspecto é o conteúdo aspectual que encontrou expressão gramatical (morfológica ou por meio de perífrases verbais constantes) numa determinada língua.

Porém, há autores que defendem a existência do aspecto no português. Ilari (1997, p. 43) nota que:

à diferença do que ocorre em outras línguas (em algumas línguas eslavas como Russo e Búlgaro), o português não dispõe de uma conjugação própria para indicar que o processo é durativo. Dispõe, sim, de adjuntos que qualificam a duração do processo, e auxiliares que veiculam (possivelmente entre outras coisas, a idéia de duração).

Travaglia (1985), Costa (1990), Ilari (1997) reconhecem a categoria do aspecto em português, não vendo a necessidade de distinguir os ‘modos da ação’ da categoria de ‘aspecto’. Para eles, os modos da ação são mais um recurso daqueles capazes de expressar o aspecto em português. De acordo com Costa (1990, p. 23):

se numa dada língua admite-se a existência da categoria do aspecto enquanto possibilidade semântica, cabe automaticamente a investigação do (s) recurso (s) que a língua utiliza para a atualização da categoria em causa: se é uma categoria de expressão lexical, morfológica ou sintática.

Travaglia (1985, p. 22) admite que “o aspecto é uma categoria que, embora ‘localizada’ no verbo, sofre a influência dos mais diversos elementos presentes na frase e é impossível estudá-lo sem tratar de sua relação com tais elementos.”

<sup>2</sup> Conforme Soares (1984, p. 25): uma forma lingüística possui “valor de língua” quando apresenta significado próprio e meios formais para expressá-lo. Faz parte do sistema de oposição básico da língua. É o significado da forma no contexto mínimo. Já os “valores secundários” existem potencialmente numa forma, mas necessitam de contextos especiais para se atualizarem.

<sup>3</sup> Os modos da ação referem-se à natureza da situação enunciada: se um *processo*, se um *estado*, por exemplo (COSTA, 1990, p. 22, grifo do autor).

A partir dos autores acima, consideramos que o português possui a categoria de aspecto e expressa-a por meio da interação dos seguintes meios: flexão verbal, locuções verbais, semantema do verbo, formas nominais e adjuntos ou circunstanciais temporais. Esses não são os únicos meios apresentados pelos autores, mas como nosso interesse está voltado para o futuro do presente, tais meios serão suficientes para nossa discussão.

Recursos como *locuções verbais*, *semantema do verbo* e *circunstanciais temporais* merecem destaque na atualização da categoria do aspecto no futuro uma vez que:

O presente do indicativo normalmente expressa aspecto imperfectivo, mas se usado com valor de futuro não atualiza nenhum aspecto.

O futuro do presente em si não marca qualquer aspecto, ali há apenas referência à situação sem atualização da categoria do aspecto. O aspecto no futuro com verbos simples só parece ser possível com verbos estáticos ou com auxílio de adjuntos adverbiais.

As razões pelas quais estes dois tempos flexionais, em si, não indicam aspecto parecem vir de duas fontes diferentes:

- a) em primeiro lugar eles marcam tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, que enfraquece as noções aspectuais que estão sendo atualizadas, dificultando a percepção das mesmas, ou as anulando;
- b) em segundo lugar estes tempos têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão do aspecto. (TRAVAGLIA, 1985, p. 172)

Portanto, de acordo com o autor, a categoria de aspecto no futuro só consegue se atualizar a partir dos itens: locuções verbais, semantema do verbo e adjuntos ou circunstanciais temporais. Tal fato justifica a análise desses recursos para a expressão do aspecto no tempo futuro.

Contudo, a capacidade do aspecto se atualizar no tempo futuro não é uma questão tão simples. O futuro tem muitas nuances modais e, quando estas estão presentes, às vezes são capazes de restringir a atualização do aspecto. Entretanto a restrição do aspecto pela modalidade não é total, pois quando há a utilização de perífrases, estas garantem a expressão do aspecto e parecem ser o único recurso de expressão do aspecto capaz de anular o efeito da modalidade. Desse impasse, ficam muitas dúvidas: certas modalidades restringem a atualização do aspecto por atribuírem à situação uma realização futura ou é o contrário? Ou ainda: seria a ação conjunta de modalidade e futuro que restringiria a atualização do aspecto?

Essas questões são propostas por Travaglia (1985) e serão discutidas com maior propriedade a partir de uma posterior análise de dados. A complexidade em separarmos os domínios das categorias tempo, aspecto e modalidade pode ser vista no exemplo abaixo:

(1) Primeiro que só de pensar que **vou estar jogando** no domingo me dá uma grande alegria. (247)

A utilização de *vou estar -NDO* parece permitir-nos, no exemplo acima, imaginar as etapas do jogo. Ou seja, a situação descrita permite que se localizem frações internas de tempo devido ao caráter durativo de *estar*. Nesse caso, poderíamos dizer que o exemplo traz consigo nuances aspectuais. Retomando Possenti (2003) e Piacentini (2002), é provável que o exemplo acima seja visto como um caso aceitável do uso da locução *estar – NDO*, isto é, tanto *estar* quanto *jogar* possuem caráter durativo, não causando a sensação de *estranhamento* da forma. Há também vestígios de tempo futuro na frase: a presença do auxiliar *ir*, a expressão “no domingo”. E essa conversa nos conduz a postular que as locuções *vou estar – NDO* e *estarei -NDO* também expressam tempo, além do aspecto.

Essa discussão deixa transparecer que o caráter camalêônico do futuro inspira uma análise bastante criteriosa, envolvendo, obrigatoriamente, além do domínio funcional TAM, a observação da situação onde o dado foi produzido. Talvez somente a união dessas estratégias possa apontar qual função as formas *estar – NDO* estão desempenhando com maior nitidez.

Voltemos agora a uma breve descrição dos elementos que permitem a atualização do aspecto no tempo futuro e que não foram comentados nas discussões anteriores.

a) Formas nominais: o gerúndio, quando empregado nas locuções verbais, será capaz de expressar aspecto. “A utilização de perífrases com gerúndio para indicar aspecto (embora quase sempre restringida ao auxiliar *estar*) têm sido fartamente estudada como expressão aspectual” (COSTA, 1990, p. 56).

b) Semantema ou lexema do verbo: o lexema verbal pode já trazer incluída a referência à constituição interna do fato. Verbos como *crescer*, *refletir* são alguns exemplos cujos lexemas já chamam atenção do ouvinte para o seu tempo interno. Verbos que refletem processos,

atividades e estados, que possuem o traço mais durativo, é que em geral possibilitam a atualização da categoria do aspecto. (COSTA, 1990, p. 40 )

Travaglia (1985) acrescenta que o fato de o verbo ser télico (normalmente indicando situações pontuais) ou atélico (sempre indicando situações durativas) também pode afetar o aspecto expresso por uma dada flexão verbal ou perífrase.

c) Adjuntos adverbiais ou circunstanciais temporais: estas marcas por si só não podem atualizar a expressão do aspecto, mas se estiverem em contato com outro elemento (locução verbal) podem produzir tal efeito.

### **1.3 Modalidade e tempo**

No decorrer desta dissertação, mencionamos em alguns momentos que o futuro tem outras funções além daquela de seqüenciar situações. O futuro com valor exclusivamente temporal é raro, normalmente ele traz nuances de aspecto ou de modalidade, as quais ficam mais evidentes conforme o contexto. Resultam disso, as diferentes posturas dos autores em relação à influência da modalidade na expressão do tempo futuro.

Numa perspectiva mais radical, assumida por Camara Jr. (1967, p. 22), o futuro não passa de um modo, “o que há primordialmente é uma dicotomia entre presente e passado [...] o presente abarca o futuro”. O impulso lingüístico que criou o tempo futuro gramatical não foi o de situar o processo como posterior ao momento em que se fala, mas o de assinalar uma atitude do sujeito falante em relação a um processo posterior ao momento da enunciação. Isso se torna ainda mais evidente para o autor, em termos diacrônicos, visto que as formas de futuro são criações secundárias, resultantes de formas, de início, modais.

Lyons (1977, p. 677) afirma que a distinção no sistema temporal ocorre entre passado e não-passado; conseqüentemente o autor não vê a futuridade como um conceito puramente

temporal. Para ele a futuridade necessariamente inclui um elemento de predição, ou alguma noção modal.

Comrie (1985, p. 44) procura colocar o tempo futuro em pé de igualdade com o presente e passado. Reconhece o valor modal que existe no futuro, destacando porém que nem sempre referências de tempo futuro precisam ser modais, elas podem sim ter um caráter puramente temporal.

Fleishman (1982) propõe a existência de um equilíbrio entre modalidade e tempo, pois se numa dada língua o futuro foi estabelecido como uma categoria formal da gramática, tanto a modalidade quanto o tempo estão presentes nas suas formas. O que ocorre é que uma forma vai cedendo lugar para outra, isto é, quanto mais temporalizada fica uma forma, mais fraca é a sua capacidade de expressar a modalidade e vice-versa, do que resulta um equilíbrio entre as formas<sup>4</sup>.

Para a autora, a modalidade é vista como a qualificação do falante no que diz respeito ao comprometimento com a verdade do conteúdo da proposição e recobre nuances semânticas como: ordem, desejo, intenção, necessidade, possibilidade, etc. as quais podem ser deduzidas do contexto a partir de fontes morfológicas, lexicais, sintáticas; mas o ideal é observá-las a partir do contexto como um todo. É uma categoria diferente do modo. Este é uma categoria formal do verbo, que envolve os paradigmas verbais do indicativo, subjuntivo, imperativo, os quais variam de acordo com as línguas.

Fleishman (1982, p. 20) ainda atenta para o fato de que o tempo futuro está intimamente ligado a uma variedade de modalidades *irrealis* ou não-factual, pois o que está para acontecer é por definição *irrealis*. Uma declaração descrevendo um evento futuro é de qualquer maneira uma proposição modalizada subjetivamente. “A subjetividade é um fator crucial”, pois a ocorrência do evento é tomada como certa para acontecer ou como incerta, a

---

<sup>4</sup> A questão do equilíbrio das formas já foi discutida no capítulo I, seção 1.2.2.

partir da convicção do falante sobre se o evento predicado irá constituir a realidade num momento futuro. “A existência desenha o futuro no presente na forma de intenções, obrigações, possibilidades; a antecipação do futuro é expressa linguisticamente através de modais, imperativos, incoativos” (FLEISHMAN, 1982, p. 29). Elementos de predição ou modalização são conseqüências da idéia futura.

Este papel do falante quanto a sua própria proposição também é evidenciado por Givón (2001). Há dois tipos de julgamento (na verdade duas sub-modalidades que admitem matizes e gradação) dos quais ele pode fazer uso quanto à informação veiculada pela proposição: julgamento epistêmico, ao qual estão relacionados matizes de verdade, probabilidade, certeza, crença e evidência; e julgamento deôntico ou avaliativo, refletindo nuances de desejo, vontade, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.

O emprego dessas duas modalidades fica mais saliente na negociação que ocorre no “contrato comunicativo” que controla a interação entre falante e ouvinte. Nele estão envolvidas as relações sociopessoais do falante e ouvinte, tais como: o status, o poder, a obrigação que um tem para com o outro. A associação destas características a cada participante da interação é que determinará “a exata construção manipulativa a ser usada. Questões de **polidez, adequação, respeito, e medo** [...] estão ligadas à escolha de uma construção manipulativa” (GIVÓN, 1993, p. 265, grifo nosso).

#### **1.4 O tempo futuro**

Já discutimos o futuro enquanto categoria profundamente ligada a traços de aspectualidade e modalidade. Resta-nos agora observá-lo em sua dimensão temporal, para isolarmos os tipos de futuro possíveis de acordo com a ordenação temporal deles em relação

ao momento de fala. Vamos nos valer, para tanto, das noções de Mateus et al. (1989)<sup>5</sup>, uma vez que as tentativas mais recentes de definição dos tempos verbais partem em geral da proposta reichenbachiana.

As autoras se aproximam de Reichenbach ao levar em consideração o momento da fala para definir a categoria de tempo. Elas, porém, vão além do que propõe o filósofo e matemático. Longo (1999), preocupada em definir a categoria tempo, chama atenção para o fato de que Mateus et al. introduzem a noção de intervalo de tempo, fazendo com que os pontos de Reichenbach não sejam mais vistos como “momentos únicos e indivisos”, mas como “conjuntos de momentos”<sup>6</sup> temporais abstratos, de amplitude variável que tende a determinar-se na interação com elementos discursivos.

No português, “os tempos naturais são o presente, o passado e o futuro, que exprimem uma ordenação do intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito relativamente ao ( $I_e$ ) definido, respectivamente, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade” (MATEUS, 1989, p. 77).

O tempo futuro expressa a posterioridade do intervalo de tempo ( $I_p$ ) que contém o estado de coisas relativamente ao  $I_e$ . Esta é a situação para sentenças simples, nas quais é descrito apenas um estado de coisas: Eles **chegarão** a Paris amanhã à noite.

Em enunciados que apresentam mais do que uma sentença, a ordenação temporal é mais complexa, uma vez que elas passam a ser ordenadas não apenas em relação ao  $I_e$ , como relativamente umas às outras. Tal ordenação vai provocar diferentes tipos de futuro<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Fiorin (1996) também trata da questão dos tipos de futuro, porém a visão de Mateus et al. nos pareceu mais esclarecedora.

<sup>6</sup> Cf. Corôa (1985, p. 48).

<sup>7</sup> Os exemplos 18 a 21 são de Mateus et al. (1989, p. 77).

- (2) O João terá concluído os exames antes de começarem as férias de Verão  
concluirá  
 (1) (2)

No exemplo (2), ambos os estados de coisas se localizam em  $I_p$ ; porém o estado de coisas (1) é anterior ao estado de coisas (2). Disso resulta o **passado do futuro**.

- (3) Ele acabará a faculdade e será um bom médico  
 (1) (2)

Em 3, ambos os estados de coisas também se localizam em  $I_p$ ; mas o estado de coisas descrito em (2) é posterior a (1). Tem-se o chamado **futuro do futuro**.

Há ainda uma outra relação que pode provocar um futuro cotemporal, como no exemplo abaixo:

- (4) Enquanto abasteces, vou ao banco  
 (1) (2)

Os estados de coisas descritos em (4) exibem a mesma ordenação relativa, ocorrem no mesmo intervalo temporal. O tempo lingüístico deve ser o mesmo em (1) e (2) para que haja uma relação de simultaneidade.

Diferentemente dos demais, a relação das formas de futuro no próximo exemplo permitirá mais de uma leitura.

- (5) Ele estará em Paris quando a criança nascer  
 (1) (2)

Quanto à ordenação temporal relativa, o estado de coisas descrito pela sentença (1) pode ser anterior, simultâneo ou posterior ao que é descrito pela oração (2) pelo menos numa das possíveis interpretações destes enunciados.

Os três tipos de futuro acima descritos permitem-nos visualizar como ficariam dispostas em diagramas temporais as noções de momento de fala, momento de evento e momento de referência.

**Passado do futuro:**

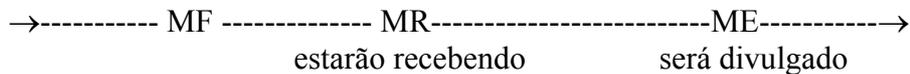
(6) Ele **terá dormido** quando você chegar.



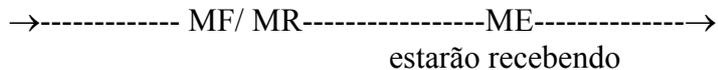
Tanto o momento do evento **dormir** quanto o momento de referência **chegar** estão projetados no futuro, porém o evento **dormir** é anterior a **chegar**.

**Futuro do futuro:**

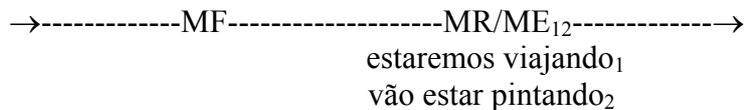
(7) Em breve, nossos associados **estarão recebendo** um questionário por e-mail para preencher com suas notas, e o resultado **será divulgado** em nosso boletim da ABREOL. (285)



No exemplo acima, a oração **estarão recebendo** constitui-se como momento de referência da oração **será divulgado**, originando o futuro do futuro. A primeira oração **estarão recebendo** é representada numa oração cujo MR ancora-se em MF:

**Futuro simultâneo:**

(8) **Estaremos viajando** enquanto eles **vão estar pintando** a casa.



Em (8) tanto a situação<sub>1</sub> **viajar** quanto 2 **pintar** ocorrem no mesmo período de tempo, sendo consideradas simultâneas.

## CAPÍTULO IV

### 1 A LOCUÇÃO VERBAL *ESTAR –NDO*

#### 1.1 A questão da nomenclatura: perífrase, locução verbal...?

Para discutir qual denominação as formas *estar –NDO*, usadas para expressão do tempo futuro no português, devem receber, basearemos nossas reflexões em Pontes (1973), por dois motivos: traz uma ampla discussão sobre a problemática da nomenclatura a ser dada para as locuções verbais e tem sido referida sistematicamente por estudiosos do assunto que se seguiram à autora.

Pontes (1973) aponta inicialmente para a divergência entre os gramáticos em adotar ou a nomenclatura de ‘locução verbal’ (normalmente sinônima de conjugação perifrástica) ou ‘tempo composto’. Duas razões se destacam para justificar tal diferenciação: i) os tempos compostos fazem parte da conjugação normal, tendo cada qual seu nome dentro da conjugação; e ii) as locuções verbais nascem das necessidades de expressão mais complexa, em que se busca traduzir “o aspecto verbal”.

Segundo a autora, nem uma nem outra justificativa recebeu respaldo para se manter, pois dizer que os tempos compostos fazem parte da conjugação é um mero costume dos gramáticos, visto como um círculo vicioso; por outro lado, tentar separar as locuções verbais, por elas se destinarem a indicar aspecto, também não funciona porque nem toda locução verbal indica aspecto (observe-se que alguns tempos compostos também podem atualizar essa categoria).

Pontes decide, então, abandonar as denominações de ‘tempo composto’ e ‘conjugação perifrástica’ e passa a chamar as construções de “locuções verbais”, com base em Said Ali (1957; 1963; 1964).

Said Ali não faz distinção entre ‘tempos compostos’ e ‘conjugações perifrásticas’ e justifica seu posicionamento amparado nos critérios da evolução semântica, histórico, sintático, e na comparação com outras línguas<sup>1</sup>.

O critério semântico diz respeito à “significação e papel que os verbos exercem na oração”. Assim *nocionais* são “aqueles que se emprega com função predicativa na oração e *relacional* aquele que vem combinado ou com adjetivo para constituir o predicado ou com alguma forma infinita de verbo *nocional*’ (SAID ALI, 1963 apud PONTES, 1973, p.31) Daí é que vem a noção comum de que o verbo auxiliar é aquele que aparece combinado com uma das formas nominais do verbo (particípio, gerúndio ou infinitivo).

Muito próximo do critério semântico está o histórico, pois, ao usarmos os termos *nocional* e *relacional*, estamos dizendo que estes perderam, esvaziaram sua significação concreta original, ou ainda que esta significação está enfraquecida, ou só é mantida em certas construções.

Camara Jr. (1964, p. 270 apud PONTES, 1973, p.31 ) também adota o critério da evolução semântica, mas sob a ótica da gramaticalização. O autor considera auxiliar apenas o verbo que sofreu gramaticalização, assim definida por ele: “processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras providas de semantema em vocábulos gramaticais. [...] A partir do vocábulo é que ele vai considerar a perífrase<sup>2</sup>. Tem-se assim a forma gramatical perifrástica em que um vocábulo auxiliar toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar por outro vocábulo, dito principal. Os vocábulos podem ser, portanto, definidos do “ponto de vista

---

<sup>1</sup> Os dois primeiros são os mais utilizados pelos autores, uma vez que o critério da evolução semântica é um critério diacrônico (PONTES, 1973, p. 31).

<sup>2</sup> Conceito de perífrase conforme Câmara (1964, p. 270 apud Pontes 1973, p.31): expressão de um conceito vocabular por meio de uma expressão sintática. Em seu **Dicionário de Lingüística e Gramática** (1977, p. 80) define conjugações perifrásticas [...] como formas compostas. Na p. 162, quando procuramos por locuções verbais, o autor remete-nos para conjugações perifrásticas e na p. 191 quando procuramos por perífrases remete-nos mais uma vez para conjugações perifrásticas. Na verdade, parece que o autor também não faz uma clara distinção sobre os termos.

da significação”, em lexicais, ou palavras que encerram um semantema, e gramaticais, se são meramente morfemas”.

Pontes chega dessa forma à caracterização da locução verbal como uma combinação de vocábulos semanticamente equivalentes a um único.

O critério sintático examina se a seqüência verbal funciona como um só verbo, ou seja, entre o auxiliar e o principal há uma relação de subordinação que os faz funcionar como uma unidade, ou como uma seqüência a ser desdobrada formando então uma oração à parte e impedindo a formação da locução verbal.

Contudo, ocorrem, na prática, muitas divergências entre os autores quando precisam enumerar os verbos auxiliares. Ainda que essa discussão seja importante, não vamos nos ater a ela, visto que os verbos auxiliares que nos interessam são o *ir*<sup>3</sup> e o *estar*, e este último pertence a um núcleo reduzido de verbos a respeito dos quais não há discordância sobre seu estatuto de auxiliar.

A autora, a partir de toda a discussão feita, estipula os seguintes critérios para se caracterizar uma *locução verbal*:

- a) o primeiro elemento da seqüência é o que se combina com morfemas de tempo e pessoa, ou seja, flexiona-se;
- b) o segundo elemento da seqüência, se houver<sup>4</sup>, poderá receber ou a terminação do gerúndio (-ndo) ou do particípio (-do) ou de infinitivo (-r);
- c) a seleção da forma não-finita (gerúndio, particípio ou infinitivo) vai depender do verbo antecedente. Assim o verbo *estar* só se acompanha de gerúndio ou particípio;
- d) existe uma ordem nas seqüências que se podem combinar. O verbo *estar* só se acompanha de gerúndio ou particípio (este último sem preposição).

---

<sup>3</sup>A discussão quanto o papel de auxiliar do verbo *ir* pode ser vista em Pontes (1973).

<sup>4</sup> Aqui Pontes deixa uma dúvida no ar: pode haver uma locução verbal sem segundo elemento? Ou ela está apenas fazendo uma alusão ao critério sintático?

Por exemplo, podemos ter: *estamos comprando; estaremos comprando; estará sendo comprado; vamos estar comprando; vai estar sendo comprado; deve estar comprando; tem estado comprando; deve ter estado comprando; etc.*

Em suma, não se pode trocar as posições dentro da seqüência.

## 1.2 O futuro das locuções verbais *estar –NDO* no português

Partindo do que foi dito acerca do futuro do inglês com *go*, de forma similar temos a entrada da locução *vou –R* no português que, depois de um certo tempo, passou também a ser funcionalmente equivalente ao futuro sintético.

Gibbon (2000), em seu estudo sobre o futuro, postula que a primeira função de *vou –R* ao entrar na língua era codificar a modalidade, bem como um traço aspectual que “expressa o curso de fatos a partir de um ponto locativo/temporal qualquer” (COSTA, 1990, p. 75). Porém, após ter passado pelo processo de implicatura e projeção metafórica, a perífrase perdeu seu valor aspectual, está deixando de marcar a modalidade no tempo futuro e está se encaminhando para atuar com mais ênfase na função tempo, contribuindo para a diminuição de uso da forma sintética e disputando espaço com o *presente*, para expressar o tempo na linguagem coloquial.

Desta analogia, queremos evidenciar o surgimento de formas futuras a partir de categorias espaciais, o que vale também para as locuções *estar –NDO*. O trabalho de Mendes (1999), “**A gramaticalização de *estar* + *gerúndio* no português falado**”, neste momento pode nos ajudar muito, visto que o mesmo esboçou a trajetória percorrida pelo verbo *estar* desde verbo pleno até auxiliar dentro da locução verbal. Os exemplos, os comentários e a trajetória propostas seguem de acordo com o autor<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>Porém, em função dos objetivos desta dissertação, algumas partes foram sintetizadas.

### Quadro sinótico da Gramaticalização<sup>6</sup>

- (01) *Maltreiro de sas feridas, Galaaz non **estede**.* (século XIII)  
 (02) *Entom disse [a] Agravaim: **estade** até que vos diga ~uu pouco, e el **esteve*** (séc. XIII)

**Quadro A:** o verbo *estar* é reconhecido como verbo pleno, operando como verbo intransitivo.

- (03) *que gran demorança aqui u **estamos*** (séc. XIII)  
 (04) ***estava** hi h~uu cidadão que avia enfermidade de febre* (séc. XIV)  
 (05) *...da capitania de Sto. Amaro, em cujo districto e jurisdição as ditas terras **estavam*** (séc. XVII)  
 (06) *quando eu **estava** lá no Rio eu ia ... lá da ... na Praça XV até Paquetá* (séc. XX)  
 (07) ***estamos** num país em que durante alguns anos não houve prova de redação* (séc. XX)

**Quadro B:** o verbo *estar* é semanticamente semelhante ao *estar* pleno dos exemplos do quadro A; a diferença mais perceptível é a presença de um locativo (na forma de um sintagma preposicional ou adverbial). Os exemplos deste quadro são comumente rotulados de *construções locativas*.

- (08) *... vaso que **está** cheio* (séc. XIV)  
 (09) *... e vi **estar** uu mancebo mui fremoso, vestido de ataduras de fogo mui esprandecente...* (séc. XV)  
 (10) *todos **estais** enganados* (séc. XVI)  
 (11) *é uma cidade que tem 100 anos e **está** podre* (séc. XIX)  
 (12) ***estou** brigado com o telefone* (séc. XX)

**Quadro C:** estes exemplos são chamados de *construções atributivas*.

- (13) *de pos de mia morte, mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas aquelas cousas que Deus mi deu em poder **sten** em paz e em folgância* (séc. XIV)  
 (14) *O Fulano **está** bem* (séc. XX)

**Quadro D:** estes exemplos também podem ser entendidos como construções atributivas. Entretanto eles foram separados daqueles do Quadro C porque neles temos, no lugar de sintagmas adjetivais, um sintagma preposicional com valor de advérbio de modo (13) e um sintagma adverbial propriamente (14).

<sup>6</sup> Todos os exemplos do século XIII ao XIX são de língua escrita, enquanto que todos do século XX são de língua falada (MENDES, 1999, p. 53).

- (15) *e todo o poboo **estava chorando** ante o tabernaculo de Nostro Senhor* (séc. XV)  
 (16) *de tudo fizerão sabedor a elle dito capitão que já neste tpõ **estava ouuindo** besperas dentro da igreja* (séc. XVII)  
 (17) *esta terra **está confessando** em altas vozes que nunca governador nenhum trouxe comitiva semelhante* (séc. XVIII)  
 (18) *Parabéns pelo espírito que você **está derramando** a pennas cheias* (séc. XIX)  
 (19) *eu não **estou privando-os** de um prazer maior ao levá-los para um sítio* (séc. XX)  
 (20) ***está havendo** aí uma grande campanha* (séc. XX)

**Quadro E:** a partir do exemplo (15), temos casos de *estar* + gerúndio. O termo auxiliar se aplicaria justamente a esses casos.

- (21) *E, **estando** (ele) a hũa feestra **rogando** Nosso Senhor e **louvando-o** mui de coração, vi hũa luz viir* (séc. XIV)  
 (21a) *enquanto **estava junto da janela**, rogando e louvando, viu uma luz vir*  
 (22) *depois de **estarmos aly acabando** de esplamar as fustas* (séc. XVI)  
 (23) *e tambe neste porto **esteve** o draque desne vinte de junho ate dezassete de agosto **esperando** por tempo no anno de 1578* (séc. XVII)  
 (24) *Maria **estava na Tupi trabalhando** como :... funcionária* (séc. XX)  
 (25) *agora outro dia **esteve aqui na minha casa me visitando** uma autora teatral jovem* (séc. XX)

**Quadro F:** podem ser analisados da mesma forma que os do **Quadro E**, mas já apresentam diferenças claras. A presença de um locativo entre o *estar* e o gerúndio – com exceção do exemplo (23), em que o locativo está à esquerda de *estar*. Os exemplos do **Quadro F** são considerados ambíguos, do ponto de vista da gramaticalização. Todos esses exemplos têm uma estrutura semelhante: *estar* – em que **lugar?** – de que **maneira?**

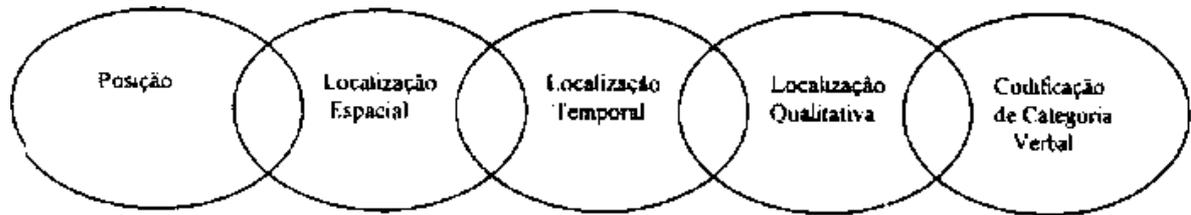
A ocorrência dos exemplos (24) e (25) ainda no século XX – época em que *estar* é tido como flexão nas perífrases de gerúndio, de uso muito freqüente – mostra, por outro lado, que as propriedades locativas de *estar* persistem mesmo nas construções perifrásticas.

Nesta etapa, Mendes (1999, p. 67) afirma que, dada a freqüência de uso de *estar* nas diferentes construções através dos séculos, é uma hipótese bastante defensável que o seu processo de auxiliarização tenha se dado da seguinte forma:

**verbo pleno > construções locativas > construções atributivas > locuções verbais**

Retomando toda a seqüência de exemplos acima, podemos falar em termos de extensão metafórica e de implicatura, a partir da seguinte cadeia:

**FIGURA 1: Cadeia de extensão metafórica do verbo *estar***



Fonte: Mendes (1999, p. 68)

Mendes (1999, p. 68) chama atenção para o fato de que as elipses acima não podem ser vistas como entidades discretas. Sendo assim, os exemplos ditos “ambíguos”(quadro F) na verdade não podem causar espécie, pois são justamente eles que melhor mostram a gramaticalização em processo.

Em termos de estruturas, em correspondência com a representação acima, teríamos o seguinte:

**FIGURA 2: *Continuum* das construções de *estar***

(I) *estar* (verbo intransitivo) >

> (II) *estar* + SP/Sadv (locativo espacial) >

> (III) *estar* + SP/Sadv (locativo temporal) >

> (IV) *estar* + Sadj (locativo atributivo) >

> (V) *estar* + SP (loc. Espacial) + -ndo (atributivo) >

>(VI) *estar* + -ndo

Fonte: Mendes (1999, p. 169)

Para finalizar a análise qualitativa dos usos de *estar* não poderiam faltar os seguintes exemplos:

(26) *eu tô procurando encaminhá-la para outra coisa*

(27) *tão falando* muito nisso, viu

(28) *meu relógio tá atrapalhando* nossa conversa (29) *eu tava pensando* nisso

(30) *a Tatá taa contando* outro dia né (...) *que é muito bonita a topografia da cidade*

**Quadro G:** supostamente, se comparados aos exemplos do Quadro E, em que *estar* aparece em sua forma fonologicamente plena, estes exemplos estão mais avançados no processo de gramaticalização em função de sua redução fonológica.

Tendo em mente este percurso da gramaticalização de *estar -NDO*, podemos supor que ele esteja trilhando o mesmo caminho de *go* e *ir*. O que nos faz pensar dessa forma é o fato de o verbo *estar* também ser, como *go* e *ir*, um locativo e marcador aspectual, conforme o que foi visto nos seus estágios de gramaticalização. Acrescentando-se a isso o padrão sugerido por Fleishman: categoria locativa/espacial → modalidade → aspecto → tempo → modalidade, é bastante promissora a hipótese de que as locuções verbais *estar -NDO* estejam passando por uma “mudança categorial”, sob a pressão de fatores discursivos e cognitivos, a serem verificados a partir da análise dos dados. A pressão desses fatores explicaria o motivo pelo qual as locuções *estar -NDO* desempenhem alguma(s) das seguintes funções: expressão do tempo e/ou aspecto e/ou modalidade, visto que essas três categorias, como já vimos no decorrer desta dissertação, estão bastante imbricadas.

## CAPÍTULO V

### 1 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

#### 1.1 Objetivos gerais

a) descrever o fenômeno de variação que envolve as formas de expressão de tempo futuro em amostras de textos transcritos de fala oriundos de sessões plenárias da Assembléia Legislativa;

b) caracterizar os contextos de uso que favorecem o emprego das formas variantes;

c) analisar os possíveis fatores condicionantes (lingüísticos e extralingüísticos) que favorecem o uso das formas variantes;

d) associar os processos de variação, mudança e gramaticalização que envolvem o fenômeno.

#### 1.2 Principais questões e hipóteses

a) Qual é a situação das locuções *estar -NDO* em relação às demais formas de expressão do tempo futuro?

As locuções verbais *estar -NDO* estão em variação com *vou -R*, com a forma sintética (-rei) e, em determinados contextos, com o *presente* para expressão do tempo verbal futuro.

b) É possível encontrarmos a expressão do tempo verbal futuro dissociada de matizes modais, como afirma Camara Jr. em relação à terceira função desse tempo – *puramente temporal* – na língua portuguesa?

A proposta de Camara Jr. não condiz com o emprego das formas verbais de futuridade, uma vez que não é possível tratarmos tempo, aspecto e modalidade como categorias discretas.

Partindo da afirmação de Fleishman (1982) que as formas verbais de futuro podem ser temporais/aspectuais ou temporais/modais ou ainda abarcar as três funções, aventamos a hipótese de que as formas variantes carreguem nuances, em diferentes graus, de cada uma das

categorias em questão. Isso significa dizer que as variantes carregam uma função/significado básico – a expressão da futuridade – e, além desse, nuances modais/aspectuais em maior ou menor grau, havendo assim uma sobreposição de funções. Essa possível sobreposição de (sub)funções nas formas de futuridade é decorrente da estratificação/especialização de uso das formas verbais. A autora, acreditando num equilíbrio entre modalidade e tempo, afirma que quanto mais temporalizada fica uma forma, mais fraca é a sua capacidade de expressar a modalidade e vice-versa. Os falantes percebem essa carência e tratam de supri-la a partir de duas alternativas: uma forma já existente passará a exercer mais essa função (modalidade) ou são criadas perífrases.

Fleishman apresenta ainda uma seqüência de significados padrão<sup>1</sup>, pela qual costumam passar as formas de futuridade, alertando para o fato de que estas podem entrar em qualquer ponto da seqüência e passar para o próximo sem problemas, não havendo necessidade de passar por todos os estágios. A passagem de uma forma pela trajetória denotará significado básico sim; contudo esse significado poderá conter resquícios da função anterior. Isso ratifica a não possibilidade de considerarmos as funções tempo/aspecto/modalidade como categorias discretas, pois pode haver uma sobreposição de funções. Nesta dissertação, alguns grupos de fatores – o tipo de modalidade subjacente ao dado, a pessoa do discurso e o assunto – têm como missão identificar como as variantes desempenham a função da modalidade. Outros grupos, como o traço aspectual do verbo e a especificação temporal, ajudam a verificar como está distribuída a função aspectual entre as variantes.

c) Como as variantes em questão se distribuem entre as (sub)funções de futuro?

Neste trabalho, partindo da trajetória de funções/significados proposta por Fleishman para as formas de futuridade, postulamos que algumas das variantes em estudo estejam

---

<sup>1</sup> A seqüência de significados padrão pode ser conferida no capítulo I, seção 1.2.3, desta dissertação.

apresentando uma sobreposição de funções, isto é, um significado básico, mas que, dependendo do contexto de uso, permite a leitura de um outro significado/função que até então estaria enfraquecido.

A sobreposição estaria ocorrendo da seguinte forma nas variantes em estudo:

i) de acordo com os trabalhos de Gibbon (2000) e Santos (2000) há evidências que nos autorizam a postular que a locução verbal *vou –R* está se encaminhando para codificar com mais ênfase o tempo, porém, ainda mantém vestígios de nuances modais;

ii) ao lado de *vou – R*, vão concorrer ainda, na função tempo, a forma do *presente* e, dada a formalidade da amostra escolhida, a *forma sintética*, conforme os trabalhos de Santos (1997) e Santos (2000), nos quais verificou-se que em contextos de uso formais a *forma sintética* ainda resiste. Tanto no *presente* como na *forma sintética* deve haver sobreposição das funções tempo/modalidade;

iii) nas locuções verbais *estar –NDO*<sup>2</sup> teríamos a sobreposição das três funções. Em *estarei –NDO* deve haver apenas a sobreposição aspectual/temporal, lembrando aqui que *estar –NDO* parece ter o mesmo comportamento de *go* no inglês, desviando-se das nuances modais<sup>3</sup>, conforme Fleishman (1982). Já em *vou estar –NDO* é provável que, devido à presença do *ir*, tenhamos as nuances modais de intenção, o que possibilita além da sobreposição temporal/aspectual, a modal.

d) É possível caracterizar os contextos de uso que favorecem o emprego das formas variantes?

Mediante o controle de grupos de fatores de natureza morfológica, sintática, semântica e pragmática será possível apontarmos os contextos de uso que propiciam o emprego de uma e outra forma verbal. O controle de tais grupos fornecerá indícios de como as variantes atuam nas funções tempo/aspecto/modalidade, provenientes da expressão da futuridade.

<sup>2</sup> Veja como as locuções *estar – NDO* passaram a codificar categorias verbais a partir da “cadeia de extensão metafórica do verbo *estar*”, no capítulo IV desta dissertação.

<sup>3</sup> Cf. o capítulo IV, seção 1.2, desta dissertação.

e) O uso dessas formas estaria relacionado a fatores extralingüísticos?

Considerando a natureza das amostras, o único fator capaz de diferenciá-las seria a região. Isso porque, durante as buscas sobre a polêmica do gerundismo, apresentada na introdução, atribui-se a São Paulo o pólo irradiador das construções *estar –NDO*, como podemos observar nos fragmentos extraídos da internet:

São Paulo - Nos supermercados, nas escolas, nos escritórios, nas TVs e até mesmo em jornais e revistas, é muito comum o uso de frases como “you estar mandando um fax”, ou “you estar telefonando em breve”.  
([www.jomalismo.ufsc.br/arquivo/noticias/no/2001/manifesto](http://www.jomalismo.ufsc.br/arquivo/noticias/no/2001/manifesto))

A professora de português Márcia Carlos Bastos explica o vício: “É um modismo forte de São Paulo que está ganhando espaço no Rio.”  
([www.uol.com.br/folha/pensata/schwartzman](http://www.uol.com.br/folha/pensata/schwartzman))

## CAPÍTULO VI

### 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção visa primeiramente detalhar a amostra e a delimitação da regra variável que é analisada nesta pesquisa. A seguir, propomos os grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que possivelmente atuem na seleção dos falantes pelas formas verbais que expressam a futuridade.

#### 1.1 A amostra

Nossa amostra é constituída pelas transcrições das sessões plenárias<sup>1</sup> dos meses de dezembro de 2002, janeiro e fevereiro de 2003, dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, disponíveis na Internet, no *site* da Assembléia Legislativa desses Estados, com exceção do Paraná e Santa Catarina. As sessões desses Estados foram obtidas a partir de solicitação via e-mail, no caso de Santa Catarina, e via correio, no caso do Paraná.

A escolha desta amostra justifica-se por diversas razões. Vamos a elas. A primeira delas visa esclarecer o caráter predominante de dados provenientes da Internet. As buscas pelas locuções *estar –NDO* na Internet foram motivadas inicialmente pela observação da presença desse tipo de ocorrência em e-mails de caráter empresarial, particular e promocional/publicitário coletados pela pesquisadora<sup>2</sup>. Entretanto esses dados não puderam se constituir como amostra para pesquisa sob pena de obscurecer futuros resultados, uma vez

---

<sup>1</sup> Os dados foram coletados apenas no ‘grande expediente’ e na ‘ordem do dia’, quando nestes houve interação entre os falantes.

<sup>2</sup> A coleta ocorreu de duas formas: primeiro, através do recebimento de e-mails na caixa da própria pesquisadora e, segundo, com a ajuda de terceiros que, cientes da pesquisa, também arquivavam os e-mails portadores das locuções *estar –NDO*.

que, na ocasião, não foram coletados os e-mails que não apresentassem as locuções *estar – NDO*.

Em decorrência disso, ampliamos as buscas para um escopo maior, através de uma das ferramentas de pesquisa disponibilizadas na Internet, o Google. Como resultado, constatamos a presença de *estarei –NDO* num número bastante variado de *sites*, a maioria de caráter publicitário/promocional, nos quais não havia a presença de *vou estar –NDO*. Uma busca mais cuidadosa, feita posteriormente, levou-nos a encontrar a presença de ambas, de forma mais expressiva, nas sessões plenárias da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. A partir daí, determinamos alguns critérios para estabelecer aquilo que se constituiria como amostra desta dissertação.

A opção pelos anos de 2002/2003 também é fruto de análises anteriores, além de compreender um período não contemplado nas dissertações de Baleeiro (1988), Santos (1997), Santos (2000) e Gibbon (2000), todas tratando de tempo futuro.

A escolha dos meses de dezembro/janeiro e fevereiro justifica-se pelo fato de que nesses meses são feitas as previsões, projetos para o ano seguinte, o que se configura como um ambiente bastante propício para a ocorrência de formas de futuridade. Foram coletados os 400 primeiros contextos de futuridade nas amostras de cada um dos estados, excluindo-se esporadicamente algumas das sessões extraordinárias no caso dos estados onde havia um grande número de sessões, como São Paulo e Santa Catarina. Essa irregularidade nos números de sessões de estado para estado também contribuiu para estendermos as buscas até fevereiro de 2003.

A decisão de lidar com dados das sessões plenárias, especialmente as de São Paulo, pode ser atribuída às buscas feitas pelo Google, mas não só por isso. O fato de terem sido selecionadas justamente as sessões de São Paulo coincide com a afirmação de que São Paulo seria o pólo irradiador das locuções *estar –NDO*, conforme a polêmica já mencionada.

Diante disso, surgiu o interesse em saber se se trata apenas de uma variação regional ou se o fenômeno também já atinge outros estados. Para responder a essa questão, selecionamos ainda as sessões do Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

Para entendermos como funciona o mecanismo das sessões parlamentares, é útil conhecermos algumas de suas características. Todas as sessões são públicas; as sessões podem ser preparatórias, ordinárias, extraordinárias e solenes; exige-se o registro de comparecimento de um quarto (24) dos deputados para se iniciar uma sessão.

As sessões preparatórias antecedem a instalação da sessão legislativa anual (15 de março a 30 de junho e 1º de agosto a 15 de dezembro). Nelas dá-se a posse dos deputados eleitos para a legislatura de quatro anos; eleição e posse dos membros da Mesa Diretora; mensagem anual do governador sobre a situação do estado; instalação de cada sessão legislativa da legislatura.

As sessões ordinárias são realizadas nos dias úteis, exceto aos sábados. São compostas de:

- Pequeno Expediente: Nesta parte, o parlamentar previamente inscrito dispõe de cinco minutos para falar sobre um tema de livre escolha, não sendo permitidos apartes de outros deputados.
- Grande Expediente: Cada deputado previamente inscrito ganha um tempo maior para assomar à tribuna: quinze minutos. O tema aqui também é de livre escolha, sendo permitidos apartes.
- Ordem do Dia: Ocorrem aí as discussões e votações dos temas propostos.

---

<sup>3</sup> A seleção dos demais estados, além de São Paulo, bem como a concentração da pesquisa somente em ocorrências das sessões da Assembléia Legislativa desses estados, foi sugerida pela banca, composta pelas professoras: Ana Zilles, Edair M. Gorski e Izete L. Coelho, no Bondeandando, realizado em 28/10/2003. Inicialmente, o projeto de dissertação previa como amostra: a) as sessões ordinárias, do governo do estado de São Paulo, dos dias 18 e 19 de setembro, dos anos de 2000, 2001 e 2002; b) as entrevistas das sessões de bate-papo do site UOL, relativas aos temas política, televisão, esportes e música; c) 80 gravações do serviço de atendimento ao lojista (SAL), de uma indústria de vestuário de Jaraguá do Sul; e) 11 fóruns de discussão da disciplina “Seminários em Comunicação”, disponibilizados pelo Teleduc (sistema oferecido pela UNIVALI, o qual oportuniza que o aluno curse disciplinas à distância). Essas outras amostras ficam reservadas para trabalhos futuros.

- Explicação Pessoal: A palavra é franqueada ao parlamentar para, num prazo de quinze minutos, discorrer sobre assunto de livre escolha, com possibilidades de apartes.

Quanto às sessões extraordinárias, estas são as realizadas em dias ou horas diversos dos prefixados para as ordinárias. São compostas somente de Ordem do Dia, com duração prevista de duas horas e trinta minutos, admitindo-se prorrogação máxima por igual prazo.

### 1.1.1 Características da amostra

Percebemos que se trata de um grupo de pessoas que se reúnem com uma frequência mais ou menos regular, dado o número elevado de sessões ordinárias (realizadas nos dias úteis, exceto aos sábados), principalmente, as extraordinárias (realizadas em dias ou horas diversos dos prefixados para as ordinárias), realizadas durante o período de vigência de cada governo. Além disso, cabe ainda observar que, provavelmente, apesar das possíveis diferenças a serem encontradas de estado para estado, as sessões ocorrem de forma similar: são apresentados projetos de lei/medidas e daí segue-se, em geral, à votação/discussão dos mesmos, com tempo determinado para cada parlamentar para fazer uso da palavra. E, mesmo que as discussões se tornem acaloradas, descambando para níveis extremos de tolerância, há a intervenção do presidente da sessão a fim de garantir o nível de respeito/formalidade característico das sessões. Outro item a ser observado é o caráter público da fala dos parlamentares. Supõe-se que haja entre eles uma certa preocupação com a norma culta. Essa preocupação com a “correção” estaria relacionada tanto à receptividade de uma platéia atenta e bastante crítica quanto à consciência dos parlamentares de que sua fala ficará registrada nos

anais da Casa ou ainda está sendo acompanhada via rádio, tv. Esses fatores devem contribuir para que os dados tenham um caráter relativamente formal. A semelhança quanto aos assuntos discutidos durante as sessões também é importante. Em geral, durante as sessões parlamentares, discutem-se questões relativas a temas da atualidade: problemas econômicos, sociais e culturais.

Ainda, no que se refere à nossa amostra, esta não retrata estritamente o vernáculo (como variedade informal e casual), nem permite delinear com precisão os fatores sociais envolvidos. Porém, o próprio Labov (1972, grifo nosso) admite que dados de programas de rádio ou televisão (principalmente nos casos de entrevista), palestras, **debates** podem se constituir em amostras, desde que se tenha em mente que nestas a questão do estilo é mais formal e que estabeleçamos “uma hierarquia estilística do desempenho do informante: de formal a informal; de “não-natural” a “natural” (TARALLO, 1985, p. 30).

## **2 DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL: A QUESTÃO DO SIGNIFICADO**

Nosso objeto de análise são as formas verbais que desempenham a função de expressar a futuridade. Entretanto, visto que a expressão da futuridade em uma língua nunca está restrita a uma única motivação, é provável que as formas verbais de futuro não signifiquem exatamente a mesma coisa, pois no complexo domínio funcional do tempo futuro pode haver a interferência da modalidade ou do aspecto ou de ambos.

A questão de que as formas de expressão de futuridade não significam “exatamente” a mesma coisa reacende a discussão de Labov (1978) e Lavandera (1978) sobre a impossibilidade de haver variação no sentido restrito do termo, em ambientes morfossintáticos ou discursivos. Mas a solução para esse impasse está no conceito daquilo que se entende por “variante”. Nesse sentido, a definição de Gryner (1990, p.43) é

esclarecedora: “empregamos o conceito de **variante**, no mesmo sentido de Lavandera, isto é, de modo a incluir entre as formas que constituem as ‘várias maneiras de dizer a mesma coisa’ aquelas que veiculam diferentes significados estilísticos. Assim, a redefinição do termo não altera, mas expande a definição proposta por Labov”<sup>4</sup>. Além disso, “podemos estudar fenômenos que implicam diferenças de sentido entre as variantes se levamos em consideração este fator, como qualquer outro fator relevante.” (NARO, 1998, p. 110)<sup>5</sup>.

Essas considerações permitem que nossa variável dependente seja recortada a partir da função *futuridade em relação ao momento de fala*, isto é, as variantes isoladas, mediante teste de substituição, devem compartilhar, num mesmo contexto de uso, o mesmo valor temporal de futuridade – tendo como ponto de referência o momento de fala. As nuances aspectuais ou modais são vistas como (sub)funções das formas de futuridade e serão controladas como grupo de fatores, de modo a captar matizes de função/significado diferenciados que podem estar atuando no emprego de cada variante. Nesse sentido, a variável aqui tratada pode ser caracterizada como um fenômeno superordenado (cf. GORSKI et al., 2003, p. 109).

Nossa variável dependente terá sete formas de expressão:

*estar (morfema de futuro do presente) + verbo principal (gerúndio) - (estarei –NDO);*

*ir (presente) + estar + verbo principal (gerúndio) - (vou estar –NDO);*

*estar (presente) + verbo principal (gerúndio) - (estou –NDO);*

futuro do presente do indicativo - (FS);

*ir (presente) + verbo principal (infinitivo) - (vou –R);*

*ir (morfema de futuro do presente) + verbo principal (infinitivo) - (irei –R )<sup>6</sup>;*

<sup>4</sup> Veja mais detalhes da conciliação das perspectivas teóricas de Labov e Lavandera em Gryner (1990).

<sup>5</sup> A esse respeito, vejam-se também: Macedo, Roncarati e Mollica (1996); Mollica e Braga (2003); Gorski et al. (2002); Gorski et al. (2003).

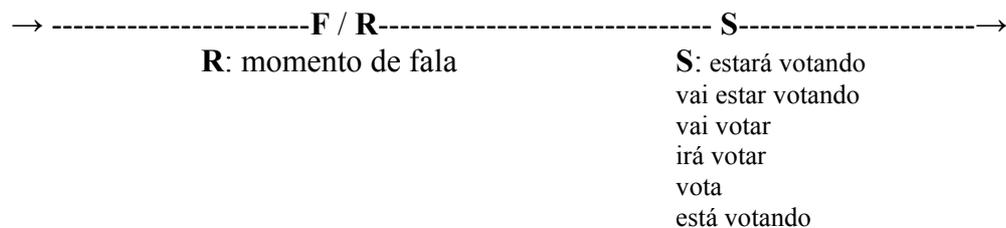
<sup>6</sup> Devido ao reduzido número de dados, apenas 33 (5 %), *irei – R* teve um tratamento diferenciado nas rodadas: primeiro rodamos esses dados sozinhos, depois amalgamados a *vou – R*. Quando rodamos *irei – R* versus as demais variantes, apenas o *traço semântico inerente ao verbo* foi selecionado como estatisticamente significativo e quando rodamos esses dados amalgamados a *vou – R* a inclusão dos dados de *irei – R* não provocou alterações nos grupos e pesos relativos selecionados para *vou – R*. Portanto, nas tabelas constam apenas os resultados da variante *vou – R*, somente na análise do grupo *traço semântico inerente ao verbo* é que fazemos algumas considerações em relação ao comportamento de *irei – R*. Ainda em relação a *irei – R*, Santos (1997, p.13) comenta que a variante tem características tanto do futuro sintético quanto de *vou – R*: “a soma das marcas das duas formas de futuro garante a dupla realização morfêmica de futuro: tem-se a futuridade expressa pelo verbo *ir*

presente - (*presente*).

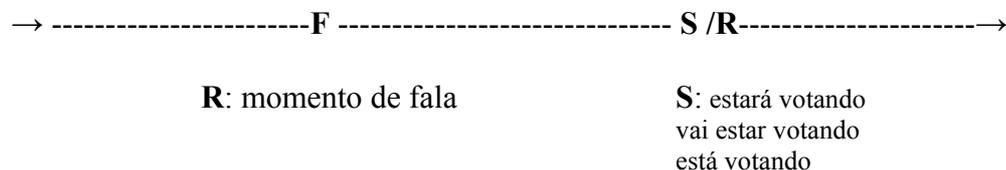
O contexto de futuridade deve permanecer o mesmo para as sete variantes, a ponto de permitir a substituição de uma forma por outra, sem comprometer o significado, em um mesmo enunciado.

No exemplo (1), observamos como o contexto de futuridade se mantém em todas as variantes:

- (1) Porque se trata do projeto mais importante que esta Casa **votará** até o final do ano. (PR – 104ord02)  
 ... que esta Casa **estará votando** até o final do ano.  
 ... que esta Casa **vai estar votando** até o final do ano.  
 ... que esta Casa **vai votar** até o final do ano.  
 ... que esta Casa **irá votar** até o final do ano.  
 ... que esta Casa **vota** até o final do ano.  
 ...que esta Casa **está votando** até o final do ano.



A representação acima F/R – S pode sofrer alterações, dependendo do contexto discursivo e da variante utilizada. Essa possibilidade é decorrente da proposta reichenbachiana, que prevê um esquema diferente para formas “extendidas”. Neste caso, as locuções *estar –NDO* poderiam ser representadas por:




---

de movimento, e também o morfema de futuro simples no próprio *ir*.” Além disso, a autora também diz que é difícil encontrarmos alguma referência à variante; apenas Earl W. Thomas, um estudioso americano da língua portuguesa falada no Brasil, faz alusão à variante: “esta construção não é muito freqüente, mas é recorrente na fala o suficiente para ser considerada uma forma estabelecida. É usada na escrita menos formal, como revistas, mas é rara na literatura.” (1969, p. 122 apud SANTOS, 1997, p. 34).

O diagrama acima ilustra bem o fato de que, mesmo havendo diferentes nuances de sentido<sup>7</sup> com a substituição de uma variante pela outra, todas elas compartilham a codificação de uma situação *S* futura em relação ao momento de fala *F*. Temos, portanto, a manutenção do mesmo contexto de futuridade para as sete formas verbais, o que nos permite tratá-las como *variantes de uma mesma variável*.

## 2.1 Restrições

Obedecendo às propostas de Labov sobre a manutenção do mesmo significado entre as formas variantes em estudo, o contato próximo aos dados nos levou a fazer as delimitações descritas abaixo.

Visto que o contexto de futuridade é aquele que se refere a uma situação a ser possivelmente concretizada posteriormente ao momento de fala, encontramos dados que não correspondem ao contexto em estudo, embora expressem certa futuridade. Assim foram descartadas de nossa análise:

a) ocorrências em que ao se realizar o teste de substituição com as variantes *estou –NDO* ou a forma *presente* o resultado fosse a idéia de habitualidade. Encontramos poucas ocorrências desse tipo, as quais serão discutidas na próxima seção.

(2) Tenho certeza, Deputado Eliseu Santos, de que fatos lamentáveis como esse, um equívoco do Secretário do Trabalho, não **ocorrerão** mais neste Estado e neste País. (RS – 03ord03)

(3)...um projeto dessa natureza, que vai perturbar não só as empresas, mas, principalmente, **irá onerar** ainda mais o pequeno consumidor. (SC – 18ex02)

(4)Tenho a impressão de que estamos diante de um Projeto que **vai gerar** intenso debate nesta Casa. (RS – 03or03).

---

<sup>7</sup> Longo e Campos (2002) afirmam que as formas sintética e analítica (*vou –R*) devem ter a mesma representação semântica: MF, MR – ME, apesar da não coincidência do valor discursivo dessas variantes. As autoras questionam se a forma sintética, em função de sua ruptura com o presente, deveria ter a representação temporal MF – ME, MR. Porém, como a forma perifrástica está sendo empregada cada vez mais nesse ambiente, antes reservado à forma sintética, Longo e Campos acabam por considerar que apenas uma representação é suficiente.

b) dados que apresentam certa futuridade, porém ao se realizar o intercâmbio com *estou* – *NDO* ou a forma *presente* tornam-se concomitantes ao momento de fala.

(5) E os estudiosos dizem que se você aumentar cada vez mais a cidade, **vai criar** problemas sociais infundáveis e irresolúveis. (SC – 89ord02)

(6) Agora estou surpreso, porque estão querendo refazer esse acordo. E com isso não **vou concordar**, Sr. Presidente, pois sou de fazer um só acordo. (RS – 93ord02)

Fazendo teste com o dado acima, obtemos **não concordo/não estou concordando** concomitantes ao momento de fala. Esse tipo de situação foi bastante freqüente no processo de seleção dos dados, fazendo com que um número elevado de ocorrências ficasse excluído da variável em análise. Por esse motivo, adiante faremos um estudo mais detalhado desse contexto de restrição.

c) ocorrências apenas com o verbo *estar*, as quais no intercâmbio com a variantes *estar* – *NDO* resultaria numa construção com dois verbos *estar*. Temos aqui uma restrição, portanto, de caráter estrutural<sup>8</sup>. Vejamos o exemplo (11):

(7) Peço a todos os membros da Comissão que não se esqueçam de que, dentro de alguns minutos, **deverão estar** na sala de reunião da Comissão de Orçamento, Finanças, Tributação, Fiscalização Financeira e Controle. (RJ – 12ord02)

Fazendo a substituição pelas variantes com *estar*, teremos:

... dentro de alguns minutos, **estarão estando** na sala de reunião ...  
 ... dentro de alguns minutos, **vão estar estando** na sala de reunião ...  
 ... dentro de alguns minutos, **estão estando** na sala de reunião ...

Porém, ainda assim o dado expressa futuridade:

... dentro de alguns minutos, **estarão** na sala de reunião ...  
 ... dentro de alguns minutos, **irão estar** na sala de reunião ...  
 ... dentro de alguns minutos, **vão estar** na sala de reunião ...  
 ... dentro de alguns minutos, **estão** na sala de reunião ...

---

<sup>8</sup> Esta restrição mostra que a gramaticalização de *estar* – *NDO* está num estágio bem inicial, se comparada a de *vou IR*, em que *vou* é auxiliar e se combina com *ir* principal. Em relação a *vou IR*, não encontramos nenhuma ocorrência dessa forma.

### 3. COLETA E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Num primeiro momento, coletamos todas as formas verbais do modo indicativo que se encontravam em contextos de futuridade, observando-se as restrições anteriormente detalhadas. A fim de poder descrever as configurações lingüísticas das formas verbais em análise, todos os dados foram codificados de acordo com grupos de fatores previamente selecionados, os quais sofreram ajustes durante o processo de codificação.

#### 3.1 Tratamento dos dados

Para analisar e descrever os contextos de uso de uma e outra forma variante, empregamos o programa VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988), que fornece o peso relativo dos fatores de cada uma das variáveis independentes em relação à variável dependente, mostrando qual é a influência desses fatores sobre cada uma das formas variantes. O programa também apresenta a significância estatística dos efeitos dos fatores, sendo que os mais fortes dão conta de boa parte da variação nos dados. De qualquer forma, Guy (1998) esclarece que, a fim de identificar se um grupo realmente é significativo ou não, devemos aplicar o teste de significância<sup>9</sup> dos efeitos dos fatores, fazendo uma rodada incluindo tal item (grupo ou fator) e outra sem esse grupo. De posse dos números, devemos começar nossas análises guiados pela teoria que reunimos ao redor do objeto de estudo, uma vez que “os números não são resposta a nenhuma de nossas perguntas; eles são apenas estatísticas inferenciais adicionais que podemos usar como indicadores empíricos na nossa busca por respostas.” (GUY; ZILLES, p. 100, no prelo). Esses resultados sugerem apenas a direção e a magnitude dos

---

<sup>9</sup> Foram feitos testes de significância para todas as possibilidades de amálgamas que surgiram ao longo da análise dos grupos. Onde não houver amálgamas é porque a diferença entre os fatores mostrou-se significativa.

efeitos dos fatores. Assim, durante a interpretação dos resultados, guiamo-nos de acordo com os princípios sociofuncionalistas.

#### 4 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Conforme a exposição dos procedimentos metodológicos, o foco desta dissertação é detalhar a variação entre as formas variantes para a expressão da futuridade, com enfoque especial nas locuções *estar –NDO*.

Para dar conta dessa tarefa, detectamos quais contextos eram propícios ou não ao uso de cada uma delas, a partir da atuação de alguns grupos de fatores. Os grupos de fatores lingüísticos testados foram: *traço aspectual do verbo, traço semântico inerente ao verbo principal, especificação temporal, estimativa temporal para ocorrência da situação, pessoa do discurso, modalidade, verbos modais, voz verbal e tamanho da construção*. Os extralingüísticos: *fonte do dado, assunto e sexo*.

De qualquer forma, é bom esclarecermos que alguns desses grupos tiveram que ser descartados devido ao número reduzido de dados. Entretanto, as ocorrências (pertencentes aos grupos excluídos) permaneceram na amostra e foram codificadas conforme os grupos restantes.

Os grupos descartados foram:

- *verbos modais*<sup>10</sup>: apenas 62 dados.
- *voz verbal*<sup>11</sup>: encontramos apenas 49 dados na voz passiva, assim distribuídos: 43 na variante canônica, 3 em *estarei – NDO* e mais 3 em *vou – R*.

---

<sup>10</sup> Os dados em restrição revelaram aspectos interessantes sobre o uso dos modais na amostra. Dentre os verbos modais, *poder* e *dever* foram os mais freqüentes (128 dados – *poder* e 42 dados – *dever*). Curiosamente, tanto *poder* (77/128 = 60%) quanto *dever* (25/42 = 60%) foram mais freqüentes com o emprego do morfema *–rei*. Esse resultado surpreende, uma vez que os verbos modais já possuem uma carga de futuridade inerente e deveriam ser mais freqüentes no uso do *presente* como futuro.

- *tamanho da construção*: este grupo tinha por objetivo verificar o número total de sílabas da construção, quando houvesse na locução a presença de verbos modais ou aspectuais. Porém, devido ao reduzido número de dados, apenas 8, o grupo foi descartado. Nesses dados não houve nenhuma ocorrência das variantes *estar* –*NDO*. Esse resultado sugere que quanto maior a construção, menor é a possibilidade de o *estar* entrar na construção. A distribuição das ocorrências pode ser vista a partir dos exemplos a seguir:

(8) Depois, mesmo os Deputados que hoje querem votar esses projetos **vão acabar tendo de apreciar** o veto num futuro não muito distante (RS – 94ord02);

(9) Se assim continuar, no ano que vem **vamos começar a votar** um dia especial para todos os clubes (RS – 96ord02);

(10) e quem **vai ter que cumprir** o Orçamento será o próximo Governo (SC – 89ord02);

(11) Só não vai ele próprio implantar na sua plenitude, porque perdeu a eleição, porque não **vai continuar governando** o Estado a partir de 1º de janeiro de 2003 (SC – 89ord02);

(12) Um professor de escola para procurar a Coordenadoria de Educação de Apiúna, se tiver que ir a Blumenau, **vai ter que se deslocar** 50 quilômetros! (SC – 44ord03);

(13) já tenho o meu sentimento de saudades dos grandes companheiros que tenho nesta Casa e que com tristeza **you ter que deixar** (PR – 101ord02);

(14) A CDHU não **vai conseguir gastar** esse dinheiro todo no próximo ano (SP – 77ord02);

(15) É esse o apelo que faço e sei que V. Exa. é um moço sensível, educado, culto e **vai acabar entendendo**, ao final da história (SP – 77ord02).

- *sexo*: o grupo também foi descartado por haver apenas 51 dados relacionados ao sexo feminino, com a seguinte distribuição: RS – 4; SC – 21 e RJ – 26 dados.

Na próxima seção, detalhamos quais foram os tipos de ocorrências retiradas da análise variacionista por estarem em contexto de restrição, apresentamos os dados em que foi possível realizar o intercâmbio entre as sete variantes, bem como a sua distribuição por estado e de forma geral. Em seguida, descrevemos os resultados dos grupos de fatores para cada uma das variantes de forma geral<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Vale a pena ressaltarmos o fato de que a passiva parece ser um contexto que favorece a ocorrência do futuro canônico. Fazendo uma varredura nos dados em restrição, verificamos que dos 90 casos de voz passiva encontrados, 77 eram de futuro canônico e apenas 13 de *vou* –*R*.

<sup>12</sup> Nos anexos desta dissertação, apresentamos os resultados dos grupos de fatores para cada uma das variantes especificamente por estado.

#### 4.1 A variável dependente

Ao final da coleta de dados, obtivemos 1.921 dados em contextos de futuridade, distribuídos conforme a tabela a seguir:

**TABELA 1: Distribuição geral dos contextos de futuridade**

ESTADO	EM RESTRIÇÃO			INTERCAMBIÁVEIS	TOTAL
	Concomitância Estar (presente) -NDO/presente	Habitualidade estar (presente) -NDO/presente	Estar		
RS	231	13	12	130	386
SC	171	23	16	190	400
PR	241	31	22	104	398
SP	207	10	9	144	370
RJ	226	11	10	120	367
<b>TOTAL</b>	<b>1.076</b>	88	69	688	<b>1.921</b>
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.233</b>			688	<b>1.921</b>

A tabela acima mostra que 1.233 dados não puderam ser utilizados na análise variacionista, pois estavam em contexto de restrição. Esses dados apresentavam idéia de futuridade; entretanto ao realizarmos o teste de substituição com as variantes *estou –NDO* ou *presente* a temporalidade do dado ficava concomitante ao momento de fala ou era permitida a leitura habitual.

Como o teste de substituição entre as variantes provocou a perda desses 1.233 dados nas rodadas válidas para a análise geral e nos estados, pareceu-nos necessário verificar em detalhes o contexto desses dados.

O primeiro grupo de fatores em relação à amostra tinha a missão de identificar quais dados passariam pelo teste da substituição entre as sete variáveis. Se o dado não passava, ele recebia um código identificando o tipo de restrição apresentada. Inicialmente, tínhamos as seguintes restrições:

- concomitância na substituição com o *presente*;
- concomitância na substituição com *estou – NDO*;
- concomitância na substituição com o *presente* e *estou – NDO*;

- habitualidade na substituição com o *presente*;
- habitualidade na substituição com *estou – NDO*;
- habitualidade na substituição com *o presente e estou – NDO*;
- verbo *estar* sozinho na construção.

Dentre essas restrições, a concomitância na substituição com o *presente e estou – NDO* foi a que mais dados retirou da análise. Os exemplos (5), (6) fazem parte desse tipo de ocorrência, da mesma forma que este:

(16) Eu determino a anexação, o apensamento das três emendas constitucionais e **you submeter** à apreciação a emenda de V.Exa. (SC – 95ord02)

Na substituição teríamos **submeto/estou submetendo**, deixando a situação concomitante ao momento de fala. De qualquer forma, o contexto de futuridade existe, visto que é perfeitamente possível trocarmos a ocorrência acima por:

Eu determino a anexação ... e **submeterei** à apreciação a emenda de V.Exa.  
 Eu determino a anexação ... e **irei submeter** à apreciação a emenda de V.Exa.  
 Eu determino a anexação ... e **estarei submetendo** à apreciação a emenda de V.Exa.  
 Eu determino a anexação ... e **you estar submetendo** à apreciação a emenda de V.Exa.

O grupo habitualidade com o *presente e estou – NDO* também contribuiu para a perda de alguns dados, mas em menor escala. O exemplo abaixo<sup>13</sup> ilustra bem como ocorre a leitura habitual nesse tipo de dado.

(17) Vou estar aqui como um guardião da verdade! É assim que **you agir**, porque não me **calarei** em nenhum momento, especialmente quando trouxeram informações inverídicas para esta tribuna. (SC – 86ord02).

Ao realizarmos o teste de substituição, o dado acima permite a leitura habitual **ajo/estou agindo** se pensarmos que o parlamentar em questão sempre **age** como um “guardião da verdade” quando são apresentadas informações de valor duvidoso. O mesmo pode ser dito acerca de **calarei**, uma vez que parece se tratar de uma atitude comum do

<sup>13</sup> Os exemplos (2), (3) e (4) também fazem parte dos dados que apresentaram esse tipo de restrição.

parlamentar não ficar quieto quando os fatos não correspondem à verdade. Essa idéia é reforçada pela especificação temporal **em nenhum momento**. Na troca teríamos **não me calo/não estou me calando**. Porém, independentemente da noção habitual, ainda existe futuramente nesses dados. É possível construirmos:

Vou estar aqui como um guardião da verdade! É assim que **agirei**...  
 Vou estar aqui como um guardião da verdade! É assim que **irei agir** ...  
 Vou estar aqui como um guardião da verdade! É assim que **estarei agindo** ...  
 Vou estar aqui como um guardião da verdade! É assim que **vou estar agindo**...

A tabela 2 abaixo traz a distribuição dos 1.233 dados em restrição. Na leitura das variantes *estar – NDO* é preciso salientar que:

i) amalgamamos as formas *estarei –NDO*, *vou estar – NDO* (apenas 17 dados) e *estou –NDO* (apenas 3 dados);

ii) os fatores de restrição (já apresentados) também foram amalgamados, devido ao reduzido número de dados em alguns deles:

**TABELA 2: Distribuição dos dados em restrição**

Fatores	FS		vou –R		presente		estar - NDO		irei -R	
	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%
concomitância <i>presente/estou –NDO</i>	470/1.076	43	400/1.076	37	76/1.076	6	90/1.076	8	40/1.076	3
habitualidade <i>presente/estou –NDO</i>	74/88	84	14/88	16	-	-	-	-	-	-
<i>só estar na construção</i>	65/69	94	4/69	6	-	-	-	-	-	-
Total	609/1.233	49	418/1.233	33	76/1.233	6	90/1.233	8	40/1.233	3

O fato de 1.076 dados, distribuídos conforme a tabela acima, permitirem a concomitância com o momento de fala no teste de substituição com as variantes *estou –NDO* e *presente* aponta para a questão de que estas duas variantes devem precisar de *especificação temporal* para garantirem a significação de futuro de forma integral.

Quando realizávamos o teste, se o dado em questão não tivesse a *especificação temporal propriamente dita*, ou fornecida pelo contexto, era muito provável que ele não

passasse pelas variantes *estou –NDO* ou *presente*. Assim um considerável número de ocorrências foi descartado.

O grupo de fatores *especificação temporal* mostra alguns resultados esclarecedores para os dados em restrição, conforme a tabela 3 a seguir:

**TABELA 3<sup>14</sup>: Distribuição dos dados em restrição conforme a especificação temporal**

Fatores	<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>		<i>estar - NDO</i>		<i>irei -R</i>	
	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%	Freq.Aplic./ Total	%
<i>sem especificação temporal</i>	485/1.043	47	384/1.043	37	67/1.043	6	76/1.043	5	36/1.043	5
<i>outros tipos de especificação</i> <sup>15</sup>	59/121	50	30/121	25	9/121	8	14/121	12	4/121	4
Total	544/1.064	51	414/1.064	38	76/1.064	7	90/1.064	8	40/1.064	1

A tabela 3 mostra que 1.043 ocorrências não possuíam nenhum tipo de especificação temporal. É um número bastante significativo e ajuda a compreender porque 1.233 dados (conforme distribuição da tabela 2) foram retirados da análise. Não estamos querendo dizer com isso que para expressar futuridade o enunciado teria que ter circunstanciais temporais propriamente ditas, como, por exemplo *amanhã*, *semana que vem*, *ano que vem* etc, porém devido à inclusão de *estou –NDO* e *presente*<sup>16</sup>, como formas variantes para a expressão da futuridade, a presença dos circunstanciais temporais acabou sendo um fator muito importante a fim de mantermos o rigor metodológico da análise variacionista.

Todos os dados que pertenciam a algum dos contextos de restrição acima relatados foram retirados das rodadas posteriores, uma vez que nesses ambientes a variação não pôde ser estabelecida em sua plenitude. Na tabela abaixo, podemos visualizar a distribuição das variantes por estado, apenas com os dados intercambiáveis.

<sup>14</sup> Na tabela 3 não constam as ocorrências em que o verbo *estar* estava sozinho na construção. Nesses casos, tivemos 21 ocorrências em que não havia especificação temporal e 48 com outros tipos de especificação.

<sup>15</sup> Esse fator inclui as ocorrências com circunstanciais pontuais, durativos, os quais permitiam a leitura habitual ou concomitante ao momento de fala.

<sup>16</sup> O *presente*, amplamente citado pelos gramáticos como uma forma possível para expressar futuridade, depende de certos contextos para realizar esta tarefa. Esses contextos estão associados à presença de *especificação temporal*, visto que a futuridade não está implícita nessa forma verbal. Sem as marcas temporais, a forma pode indicar *concomitância ao momento de fala* ou *habitualidade*. Esse raciocínio também é válido para *estou – NDO*, com a diferença de que essa locução não é apontada pelos gramáticos como forma de futuridade.

**TABELA 4: Distribuição das formas variantes de futuro nos estados**

ESTADO	VARIANTES							
	<i>FS</i>	<i>Estarei-NDO</i>	<i>Vou -R</i>	<i>Vou estar -NDO</i>	<i>Irei -R</i>	<i>Presente</i>	<i>Estou -NDO</i>	Total
	n./%	n./%	n./%	n./%	n./%	n./%	n./%	n.
<b>RS</b>	<b>90/68</b>	16/12	10/8	0/0	6/5	9/7	0/0	130
<b>SC</b>	<b>81/43</b>	8/4	<b>74/39</b>	2/1	8/4	17/9	0/0	190
<b>PR</b>	<b>45/43</b>	<b>23/22</b>	<b>27/26</b>	0/0	4/4	4/4	1/1	104
<b>SP</b>	<b>71/49</b>	8/6	<b>42/29</b>	0/0	6/4	16/11	1/1	144
<b>RJ</b>	<b>66/55</b>	6/5	<b>30/25</b>	1/1	9/7	8/7	0/0	120

Estes primeiros resultados respondem nossa hipótese relacionada à *fonte* dos dados como único fator capaz de diferenciar as variantes. Suspeitávamos, diante da polêmica acerca do gerundismo, que houvesse uma tendência de que São Paulo estivesse fazendo uso mais acentuado das locuções *estar -NDO* para expressar futuridade. Entretanto os percentuais não confirmam isso. Os números indicam que o Paraná lidera o uso das variantes *estar -NDO*. Adiante, na discussão dos grupos de fatores, apresentamos com mais detalhes a atuação do grupo *fonte* dos dados.

Vejamos agora a distribuição geral das variantes:

**TABELA 5: Distribuição geral das formas variantes de futuro**

Variantes	Número de dados	%
<i>FS</i>	<b>352</b>	<b>51</b>
<i>Vou - R</i>	183	27
<i>Estarei -NDO</i>	61	9
<i>Presente</i>	54	8
<i>Irei -R</i>	33	5
<i>Vou estar -NDO</i>	3	0
<i>Estou -NDO</i>	2	0
<b>Total</b>	688	100

Os resultados da tabela 5 convergem para nossas expectativas em relação à variante canônica. Nossa hipótese era de que tivéssemos uma significativa concentração de dados no *FS*, dado o grau de formalidade inerente de nossa amostra. Tal expectativa originou-se do trabalho de Santos (1997, p. 45), em que a autora lidando também com textos de escrita culta e transcritos de fala, provenientes dos periódicos Diário do Congresso Nacional e revista

semanal IstoÉ, encontrou 73% de uso de futuro simples (*sairei*); 22% da forma perifrástica (*vou sair*); 3% do futuro simples perifrástico (*irei sair*) e apenas 1% do presente do indicativo.

Santos (2000, p.60) trabalhando com duas amostras, uma de natureza formal<sup>17</sup> e outra de natureza informal, obteve uma distribuição bastante interessante na amostra formal: 30% de uso do futuro simples equiparado aos 30% de uso da forma perifrástica. Porém ambos são superados pelo uso do presente com sentido de futuro (*saio*), 40%.

As amostras de Santos (1997) e Santos (2000) estabelecem um elo a partir da formalidade. No caso da última, o entrevistado acaba dando um ar mais formal a sua fala, pois está consciente da imagem idealizada que os ouvintes têm de um especialista. Em relação à primeira, a formalidade decorre do tipo de público leitor do Diário ou da revista. Além disso, esperava-se que tais amostras fossem parecidas também no emprego da variante de prestígio, a forma sintética de futuro, uma vez que “as formas de prestígio ocorrem mais em textos mais formais, mais nobres, entre interlocutores que ocupam posições mais elevadas na escala social” (VOTRE, 1994, p. 75). Entretanto os resultados divergem do esperado. No trabalho de Santos (2000), há um declínio da forma sintética e um aumento significativo no emprego da forma de presente como futuro.

O uso da forma do *presente* como futuro no trabalho de Santos (2000) é um tanto alto se comparado aos resultados de Santos (1997) e aos desta dissertação. Isso fez com que buscássemos que tipo de ocorrências foram retiradas das análises dessas pesquisas, a fim de verificar se essas restrições é que poderiam ser a causa de resultados tão divergentes. Santos (1997) retirou da análise quantitativa apenas as ocorrências de *irei* –R (devido ao número reduzido de dados) e do *presente*. Para a autora:

---

<sup>17</sup> A amostra era constituída por entrevistas realizadas no *set* de um programa radiofônico do Programa “Encontro com a Imprensa”, transmitido pela rádio JB, hoje extinta. As entrevistas ocorreram nas décadas de 70/80, com especialistas das mais diversas áreas que exerciam influência no panorama sócio-político-econômico. O entrevistado, questionado por um grupo de jornalistas, era levado a defender seu ponto de vista sobre problemas do seu campo de atuação na sociedade. Logo, as entrevistas tinham um cunho argumentativo, e, em função da situação, do tempo estabelecido para cada pergunta, da presença do aparato eletrônico, etc., provavelmente induziram o informante a usar o dialeto padrão. Os informantes tinham nível de, no mínimo, 3º grau.

o presente como futuro não é uma variante completa de futuro, pois sua realização depende de ambiente favorecedor (adjunto adverbial de tempo, oração condicional, verbo anterior no futuro) ou do semantema do verbo [...] Por esta razão e pela baixíssima ocorrência, os dados do presente não participaram da análise quantitativa. (SANTOS, 1997, p. 67).

Transcrevemos alguns exemplos e comentários que ilustram a afirmação da autora:

- b – Só assim o desenvolvimento do nosso país **será respeitado/é respeitado** lá fora.  
 e – Nosso mandato **estará/está** a serviço desta causa.  
 f – Algumas emendas já estão no Congresso e outras **serão encaminhadas/\*são encaminhadas** futuramente.  
 g – Logicamente, a Mesa **poderá conceder/pode conceder** um ou dois minutos a mais.  
 [...] Para manter o sentido de futuro é preciso apor ao verbo o adjunto adverbial de tempo, mas o advérbio de tempo não é o único responsável pela possibilidade de presente, como se vê na oração ‘f’. (SANTOS, 1997, p. 62).

Santos (2000, p. 58-59) retirou da análise quantitativa as seguintes ocorrências:

- I – Formas não variantes de futuro  
 (12) Olha, só. Se vo... Essas empresas **controlam** (presente habitual) o mercado, que elas...que não tem ninguém que segure elas. Nem concorrentes. Que elas **começam** a ganhar. Elas **controlam** o mercado, o que que elas **fazem?** (C.G., 1981: 12)  
 II – Formas no futuro perifrástico não – alternantes com o futuro sintético.  
 (18) Tem que contar com a boa vontade das pessoas. Você vê, você sai de manhã cedo, vai **trabalhar** (**trabalha**), volta esgotada. (B.T., 1981: 14)  
 III – Formas de futuro sintético não-alternantes com o presente.  
 (21) Essa resposta você nunca **saberá** (**vai saber**)! (S.G., 1982: 1)

Santos (2000, p. 119) afirma ainda que “o presente tende a ocorrer em contextos com marca de futuridade: condicionais e modais respectivamente a ‘ter que’, ‘precisar’, ‘poder’, ‘dever’, ‘querer’.”

As restrições feitas por Santos (1997), em geral, parecem ser equivalentes às desta dissertação. Porém as de Santos (2000) não incluem o grupo *adjunto adverbial de tempo*, o que talvez possa ser a causa para a diferença nos resultados em relação ao *presente* como futuro<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Em relação ao uso do *presente* como futuro, parece-nos importante destacar ainda o trabalho de Faraco (1995). O autor verificou a redução do número de ocorrências das formas de futuro do presente indicativo no livro dos Salmos, na edição de *A bíblia sagrada/tradução na linguagem de hoje* (1988). Houve uma redução de 42% em comparação à edição *Corrigida* (1898) e de 35% em relação à edição *Atualizada* (1958). Segundo o autor, essa redução da frequência do futuro do indicativo é atribuída a duas razões. A primeira deve-se à substituição dessa forma pela construção analítica com o verbo *ir* (aqui designada por *vou -R*), nos casos em que havia referência a um evento claramente localizado num tempo futuro. A segunda está associada à substituição, em

O resultado de nossa amostra (51%), conforme a tabela 5, ainda reflete, de certa forma, a relação ambiente formal = *FS*. E essa era a nossa expectativa, uma vez que supostamente os parlamentares dispensem alguma atenção à maneira como conduzem o seu discurso<sup>19</sup>, por estarem cientes de que as sessões são públicas, podem ser acompanhadas via rádio ou tv, ou ainda ficam registradas nos Anais da Casa.

#### 4.2 A atuação das variáveis independentes

Os resultados de cada um dos grupos de fatores são apresentados, a seguir, em tabelas organizadas com as quatro variantes, onde é possível visualizarmos, paralelamente, os percentuais e os pesos relativos. Todos os resultados são oriundos das rodadas binárias, em que opomos sistematicamente cada uma das variantes às demais. A seqüência de rodadas binárias, que é mostrada nas tabelas organizadas com as quatro variantes para cada um dos grupos de fatores, é a seguinte:

locuções *estar* – *NDO* versus as demais;

*FS* versus as demais;

*vou* – *R* versus as demais e

*presente* versus as demais.

Esse procedimento foi necessário em função do grande número de variantes desta dissertação. A realização de rodadas binárias visa garantir a análise da significância estatística de cada grupo e serve como base para relatarmos minuciosamente os resultados dos fatores significativos para cada uma das variantes, estabelecendo correlações entre os fatores lingüísticos e, quando possível, com extralingüísticos.

---

índices relativamente altos, pelo *presente do indicativo* em estruturas em que se expressa modalidade. Essa modalidade corresponde a um sentido de quase intemporalidade, isto é, válida desde já ou, em outras palavras, válida hoje, amanhã e sempre, e não apenas num ponto qualquer do tempo futuro.

<sup>19</sup> Discurso: “é concebido como a língua em uso.” (SCHIFFRIN, 1994 apud COSTA, 1997, p. 52).

As análises de cada um dos grupos de fatores foi feita em duas etapas: primeiro apresentamos sistematicamente os resultados gerais (com todos os estados reunidos) e depois os particulares de cada estado. Isto impediu que desprezásemos informações relevantes, que só foram encontradas após termos feito rodadas binárias, (conforme já detalhamos), em cada um dos estados.

A interpretação dos resultados gerais e de cada estado está organizada da seguinte forma: primeiro, listamos como foi o desempenho dos fatores do grupo em questão, nas tabelas organizadas com as quatro variantes, e, a seguir, discutimos a atuação dos mesmos começando sempre pelas locuções *estar – NDO*, que, apesar de terem um número reduzido de ocorrências, recebem um enfoque especial nesta dissertação.

Todas as variantes com *estar – NDO* foram amalgamadas numa só, devido ao número muito reduzido de dados encontrado para *vou estar – NDO* e *estou – NDO*, apenas três daquela e dois desta, conforme os exemplos abaixo:

\* Ocorrências de *vou estar – NDO*

(18) **Vamos estar cobrando** porque não estamos aqui apenas para aprovar emprego para os seus apadrinhados ou para alguns afiliados ou para a acomodação dos seus colaboradores. (SC – 07ex03)

(19) Se votarmos o relatório, **vamos estar aprovando** 21 secretarias. (SC – 07ex03)

(20) Daqui a pouco **vamos estar vivendo** momentos mais alegres, resolvida a questão da população e dos funcionários. (RJ – ex03)

\* Ocorrências de *estou – NDO*

(21) ...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

(22) Um dia, o Governador vai, entrega a chave, e no outro dia, as pessoas **estão entrando** na casa, e a fechadura dá choques. (SP – 79ex02)

Os dados acima foram amalgamados a *estarei – NDO* e, a partir daí, fizemos as análises válidas<sup>20</sup> para as três variantes do grupo *estar – NDO*. O número reduzido de

---

<sup>20</sup> Fizemos uma rodada sem os cinco dados de *estou – NDO* e *vou estar – NDO* e não tivemos alterações nos grupos de fatores significativos, nem nos pesos relativos. Assim, nas tabelas a seguir, esses cinco dados foram amalgamados, definitivamente, a *estarei – NDO*.

ocorrências com *estar –NDO* não era o esperado, mas nos permite observar, de certa forma, qual é o comportamento desse grupo de variantes em contraste às demais formas de futuro em estudo nessa pesquisa. Até porque, nos demais trabalhos citados, Santos (1997), Poplack e Turpin (1999)<sup>21</sup>, Gibbon (2000), Santos (2000) e Silva (2002), nada ou quase nada foi dito em relação ao comportamento das variantes *estar – NDO* para expressão do futuro.

Veremos adiante que as locuções *estar – NDO*, mesmo em pequena escala, estão em variação com o *FS* e com *vou – R*<sup>22</sup>, e, em determinados contextos, com a forma verbal de *presente*, para expressão da futuridade, respondendo assim a uma das questões centrais deste trabalho.

A teoria funcionalista, particularmente, os princípios da marcação de Givón (2001)<sup>23</sup> nos ajudam a dar os primeiros passos na tentativa de explicar o funcionamento de *estar – NDO*. Segundo os princípios da marcação, a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) e menos freqüente do que a não marcada, dependendo do contexto comunicativo. De acordo com essa caracterização, pode-se dizer que a variante *estar –NDO* é a mais marcada.

O quadro abaixo mostra quais grupos foram considerados estatisticamente relevantes para as variantes em estudo. A partir dele, podemos verificar os grupos que nos ofereceram mais contribuições para entender o fenômeno da variação entre as formas de futuridade<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> As autoras fizeram uma pesquisa variacionista com as formas: futuro do presente, presente do indicativo e forma perifrástica, no francês, utilizando o **Corpus du français parlé à Ottawa-Hull**, constituído de 60 falantes nativos do Canadá.

<sup>22</sup> É o que afirma o artigo de Henriques (2000, p. 3): “à tradicional substituição de ‘enviaremos’ por ‘vamos enviar’, acrescentam-se hoje as formas ‘estaremos enviando’ ou ‘vamos estar enviando’, o que representa duas variantes de idéias em processo, sem contudo a carga semântica de futuro imediato.”

<sup>23</sup> Os princípios da marcação já foram detalhados no capítulo II, seção 1.2.

<sup>24</sup> O anexo A apresenta os grupos de fatores estatisticamente selecionados para as variantes nos estados.

**QUADRO 2: Grupos de fatores estatisticamente selecionados para as variantes**

Variantes	Grupos de fatores							
	Traço aspectual do verbo	Traço semântico inerente ao verbo	Fonte do dado	Modalidade	Estimativa temporal	Pessoa do discurso	Especificação Temporal	Assunto
<i>Estar (3)</i> <sup>25</sup>	X		X			X		
<i>FS</i>	X	X	X	X			X	X
<i>vou -R</i>		X	X	X	X			
<i>Presente</i>	X			X	X	X		

<sup>25</sup>As variantes de *estar* – NDO (*estarei* –NDO, *vou estar* –NDO e *estou* –NDO) foram reunidas em uma única em todos os estados e em todas as rodadas.

#### 4.2.1 Traço aspectual do verbo

O traço aspectual do verbo, conforme o quadro 2, foi um dos mais importantes grupos selecionados estatisticamente para nossas variantes. Para controlarmos o traço aspectual do verbo,<sup>26</sup> adotamos a tipologia verbal de Vendler (1967), pois

para uma categorização verbal adequada, devemos levar em conta o verbo e seus argumentos [...] caracterizar formas verbais isoladamente quando em sua maioria se relacionam a outros constituintes do enunciado, parece-nos desconsiderar, em alguns casos, a possibilidade combinatória da língua (COAN, 1997, p. 107).

A tipologia vendleriana é mais abrangente e considera a estrutura argumental a partir do contexto no qual cada dado está inserido. Assentada em valores aspectuais, a proposta abandona a polarização perfectivo/imperfectivo e constitui-se pelos seguintes tipos de verbos: atividades, *accomplishments*, *achievements* e estados<sup>27</sup>, os quais são abaixo caracterizados e exemplificados.

a) Atividades: não precisam alcançar um término, sendo verdadeiras mesmo quando interrompidas. Tomemos como exemplo o verbo *empurrar*, na frase *João empurrou o carrinho*. Mesmo que *João* pare a qualquer momento, desde que tenha empurrado o tal carrinho, será verdade que ele o empurrou. A noção de acarretamento nos permite testar se o verbo é ou não de atividade. Um outro teste sugerido por Vendler é tentar relacionar verbos de *atividade* com advérbios temporais; verbos de *atividade* não co-ocorrem com advérbios do tipo *em uma hora*, somente com advérbios durativos *durante uma hora*.

(20)Daqui a pouco **vamos estar vivendo** momentos mais alegres, resolvida a questão da população e dos funcionários. (RJ – ex03)

(23) Por essa razão, **reuniremos** também, na próxima quarta-feira, as representações das categorias. (RJ – ex03)

(24)Qualquer outra explicação que fuja ao bom senso, **vai agredir** a nossa sociedade. (SP –81ex02)

(25) Se quiserem, é só me dar o endereço que **posso mandar** as pessoas comerem em suas casas. (RJ – ord02)

<sup>26</sup> No caso das locuções, controlaremos o verbo principal.

<sup>27</sup> Traduzimos apenas *activities* e *states* para atividades e estados, deixando *achievement* e *accomplishment* na forma original para garantirmos a clareza na distinção.

b) *Accomplishments*: os verbos que forem inseridos nessa categoria devem necessariamente alcançar um fim. O autor exemplifica da seguinte forma: se alguém estava desenhando um círculo e parou antes de concluí-lo, não podemos dizer que esse alguém fez um círculo. Aqui o teste deve ser com advérbios temporais do tipo *em uma hora*. Verbos do tipo *accomplishment* não ocorrem com advérbios durativos.

(21)...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

(26) Há uma outra matéria de interesse do Tribunal de Contas do Estado, que é separada da matéria original do Governo, ou da matéria da reforma administrativa, a qual nós temos urgência em aprovar, porque a Associação dos Engenheiros só **venderá** aquele prédio se for dentro deste mês. (SC – 89ord02).

(27) Portanto, o justo, o correto seria a mobilização da própria reitoria da Udesc e de todos os que estão participando do movimento para levar a Udesc para o Oeste do Estado terem uma conversa muito franca com o Governador eleito, para saber se ele **vai cumprir** aquilo que o atual Governador pretende fazer e deixar para o outro. (SC – 89ord02)

(28) O que estamos pretendendo, imaginando que **possa acontecer** até quinta-feira, é um acordo entre o futuro governo e o atual para que tenhamos a oportunidade de votar um substitutivo. (RJ – ord02)

c) *Achievement*: os verbos desta tipologia referem-se a situações pontuais, captam o começo ou o clímax de uma ação e não podem acontecer em uma extensão temporal (VENDLER, 1967, p. 106). Para não confundi-los com os de *accomplishment*, o autor afirma que a diferença está no tempo envolvido em cada ação: verbos do tipo *accomplishment* podem durar uma extensão de tempo, os *achievement* devem ocorrer em um determinado instante de tempo, sendo apropriadas as seguintes respostas para este tipo de verbo: *em que hora...* ou *em que momento*.

(22) Um dia, o Governador vai, entrega a chave, e no outro dia, as pessoas **estão entrando** na casa, e a fechadura dá choques. (SP – 79ex02)

(29) Não sei se V.Exa. **convocará** os Líderes para definir um cronograma, mas há necessidade deste Parlamento - como em todas outras ocasiões houve manifestações - se manifestar. (SC – 91ord02).

(30) Mas V.Exa. é jovem, **vai voltar** para a vida política ou como Prefeito de São Joaquim ou como Deputado Estadual, **com certeza**. (SC – 03ex03).

(31) ... nos próximos quatro anos não verei o seu sorriso contagiante [...]V. Exa. **vai** a Brasília e fico alegre.

d) Estado: são aqueles que ocorrem em todos os instantes de um período de tempo. Vendler sugere alguns testes para verificação desse tipo de verbo, porém como nem sempre eles funcionam, baseamo-nos no que propõe Coan (1997, p. 110) a respeito dos verbos de *estado*.

Um verbo de *estado* tem valor de verdade se ocorrer em todos os pontos de um determinado período. A pergunta relevante é, como no caso das *atividades*, ‘Por quanto tempo?’, mas, diferentemente das *atividades*, os *estados* são situações que perduram por um determinado número de instantes temporais, sem possibilidade de divisão em fases. É claro que se pode, por exemplo, saber sobre um assunto, esquecer-lo e saber sobre ele outra vez mas não é possível dividir os momentos de saber.

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa.(PR –104ord02)

(33) Nós entendemos ser oportuna a convocação do Presidente da Comissão de Constituição e Justiça, porque amanhã os Srs. Deputados já **terão** conhecimento dos projetos. (SC –88ord02)

(34) Isso, com certeza, **vai ser** uma das maiores conquistas para as pessoas simples e humildes deste Estado, que passam dificuldade na vida e muitas vezes já tiveram a água cortada.(SC –91ord02)

(35) P. nos atendeu e uma obra de 500 mil reais **deve ficar** pronta até o começo de janeiro.(SC –91ord02)

Num primeiro momento, a proposta quadripartida do autor pode parecer mais adequada aos tempos do passado por considerar o aspecto “terminativo” das situações. Entretanto a maior contribuição da proposta vendleriana, para a análise das variantes em estudo, é justamente a captação dessa noção. Ao enunciarmos uma situação futura em relação ao momento de fala, não temos como verificar o seu valor de verdade em função da não factualidade do futuro (MATEUS et al., 1989, p.86). Assim, resta aos falantes a tentativa de codificar suas certezas a respeito da ocorrência de situações futuras através do uso diferenciado das formas verbais. Essa certeza de que a situação virá a ocorrer é um tanto quanto subjetiva, mas é fundamental para os falantes de nossa amostra.

Nossa preocupação concentrou-se, portanto, em determinar quais das variantes, em seus respectivos contextos, na amostra indicavam que a situação (planos/promessas/projetos)

seria levada a cabo (independentemente de ter sido efetivada de fato). Essa é basicamente a função da tipologia verbal de Vendler aplicada nesta pesquisa: captar qual das variantes em estudo carrega consigo a noção de que a situação seria “terminada”. É necessário enfatizar que não estamos interessados aqui com a posterior efetiva ocorrência dos fatos, o que nos intriga é a forma como o falante codifica a provável ocorrência da ação, pois “ ‘a língua, nas suas formas, está completamente desinteressada na realidade ou não-realidade dos eventos...’ ‘Ela não está interessada em...se um fato está situado num momento anterior ao presente, mas sim **no jeito que o falante se refere a ele.** ’” (WEINRICH, 1970, p. 36 apud FLEISHMAN, 1982, p. 20, grifo da autora).

Codificar os dados com base em Vendler permitiu observar como as situações são expressas em relação à delimitação temporal, isso porque tanto os *accomplishments* quanto os *achievements* necessitam de um ponto que indique o término da situação para que ela seja considerada verdadeira.

Antes de prosseguirmos com os resultados, é útil dizermos que, durante a codificação dos dados, houve verbos cuja identificação como *achievement* ou *accomplishment* estava bastante difícil, o que nos motivou a criar um grupo que reunisse os verbos que tivessem esse comportamento ambíguo, mas compartilhassem a característica de necessitar de um término<sup>28</sup>.

Nossas expectativas eram as seguintes: o *FS*, *vou -R*, e o *presente como futuro* deveriam ocorrer mais com verbos cujos traços aspectuais favorecessem essa idéia de término (*achievement* ou *accomplishment*). Em relação às variantes *estar - NDO*, supúnhamos que essas se concentrariam mais ao lado de verbos principais cujo traço aspectual não precisasse indicar o término, como os verbos de *atividade*, que têm a propriedade de tornar desnecessária, ou pelo menos difusa, a finalização da ação. A maior frequência de uso de verbos do tipo

---

<sup>28</sup> Exemplo (56): Srs. Deputados, quero lembrar que temos inscritos na lista de oradores os Deputados D. R. e L. N. para falarem a favor e os Deputados R. S. e J. M. para falarem contra. O tempo da sessão extraordinária é de mais uma hora e cinco minutos. Evidentemente nós **poderemos prorrogá-la**, não há obrigatoriedade de encerrarmos a discussão e votação na noite de hoje. (SP – 84ex02)

*accomplishment* e *achievements* nas demais variantes seria justificável porque o uso de *accomplishments* e *achievements* na forma progressiva<sup>29</sup> retira a obrigatoriedade do ponto de culminância, mas mantém as eventuais situações ainda como verdadeiras. Em função disso, a interpretação que se pode fazer das situações futuras expressas a partir de *accomplishments* e *achievements* no progressivo é de que elas não serão finalizadas, concretizadas, deixando no ar a sensação de falta de comprometimento do falante com aquilo que ele mesmo enuncia. Dessa forma, em nossa amostra, as variantes *estar - NDO* devem abarcar a minoria dos verbos que indicam *accomplishment* e *achievement*, visto que a idéia de término e concretização das situações é supostamente imprescindível no discurso político.

Os exemplos e respectiva análise que trazemos abaixo são extraídos de Scher e Viotti (2001) e esclarecem como se processa essa noção de não finalização da ação e falta de comprometimento:

(a) Estou ligando pra *estar passando* pra senhora a sua senha da Caixa Postal.

(b) Estou ligando pra passar pra senhora a sua senha da Caixa Postal.

Na forma não-progressiva, em (b), a verdade da sentença depende da culminância da eventualidade. Ou seja, para que essa sentença seja considerada verdadeira, é necessário que a eventualidade chegue até seu ponto de culminância, isto é, a senha precisa ser passada, aliás, foi esse mesmo o motivo da ligação. Diferentemente da forma progressiva, em (a), a verdade das sentenças não requer que a eventualidade por elas expressa chegue a seu ponto de culminância. [...] Em uma sentença como (14), por exemplo, não é necessário que a moça que realizou a ligação chegue, efetivamente, a passar a senha da Caixa Postal. Para que um falante do português canônico interprete essa sentença como verdadeira, a moça precisa simplesmente satisfazer o processo [...]. Essa análise explica [...] a sensação de falta de comprometimento de que a ação vai ser levada a cabo.

A tabela 6 mostra a influência do grupo *traço aspectual* do verbo sobre as formas variantes. Porém, antes de iniciarmos a análise, é útil dizermos que fizemos alguns amálgamas a fim de facilitar a leitura e compreensão dos resultados. No caso das locuções *estar - NDO* os verbos do tipo *accomplishment* e *achievement* (118 dados) foram amalgamados aos do tipo *accomplishment* (71 dados) devido ao fato de compartilharem o traço de término da situação e também devido aos seus pesos relativos iniciais serem muitos semelhantes: 0,66 e 0,70 respectivamente. O teste de significância também indicou que a diferença entre esses

<sup>29</sup> Cf. o artigo de Scher e Viotti (2001).

dois fatores não era significativa. Devido às mesmas razões já expostas para as locuções *estar –NDO*, na análise do *FS* e *vou –R*, os verbos do tipo *accomplishment* e *achievement* (118 dados) foram amalgamados aos do tipo *achievement* (362 dados). Seus pesos iniciais eram 0,55 e 0,51 respectivamente.

As amalgamações feitas para as locuções *estar – NDO* dos casos ambíguos (*accomplishment* e *achievement*) aos verbos do tipo *accomplishment* e, aos do tipo *achievement*, no caso de *FS* e *vou –R* provavelmente indicam que: no caso das locuções *estar –NDO* os casos ambíguos na verdade poderiam ser interpretados como *accomplishment* e no caso do *FS* e *vou –R*, como *achievement*. A explicação para esse fato, no caso de das locuções *estar – NDO*, provavelmente está relacionada ao caráter durativo destas locuções, o qual é compatível com a duração que encontramos nos verbos do tipo *accomplishment*<sup>30</sup>. Como o *FS* e *vou-R* não possuem esse traço durativo, a compatibilidade seria com verbos em que esse traço também esteja ausente, nesse caso, com os verbos do tipo *achievement*. Nenhuma das referidas amalgamações provocou alteração nos totais.

**TABELA 6: Influência do traço aspectual do verbo sobre as variantes<sup>31</sup>**

Fatores	Variantes											
	<i>Estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>Vou –R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>Accomplishment</i>	31/189	16	<b>0,68</b>	20/71	28	0,30	24/71	34	(0,53)	4/71	6	0,48
<i>Achievement</i>	22/362	6	0,42	262/480	55	0,54	118/480	26	(0,47)	40/362	11	<b>0,65</b>
<i>Accomplishment e Achievement</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6/118	5	0,35
Atividade	10/67	15	<b>0,67</b>	20/67	30	0,27	25/67	37	(0,62)	3/67	4	0,33
Estado	3/70	4	0,26	50/70	71	<b>0,67</b>	16/70	23	(0,45)	1/70	1	0,21
Total	66/688	10		352/688	51		183/688	27	-	54/688	8	
Ordem de seleção estatística	2º grupo selecionado			1º grupo selecionado			Grupo não selecionado			4º grupo selecionado		

A discussão anterior nos fez supor que os verbos de *atividade*, por não necessitarem de término, favorecessem as locuções *estar –NDO*. Porém, os resultados nos revelam fatos

<sup>30</sup> Possenti (2003), conforme a polêmica do gerundismo, apresentada na introdução, também sugere que “o *estar*, sendo durativo, também deveria se combinar com verbos de caráter durativo. Ocorrendo com outros causa estranheza, uma espécie de paradoxo.”

<sup>31</sup> Nesta e nas próximas tabelas, quando o grupo não foi estatisticamente selecionado, os pesos relativos foram retirados do nível 1 da rodada.

intrigantes: tanto verbos cujo término é obrigatório (*accomplishment* e *achievement* e *accomplishment* - 0,68) quanto verbos em que essa noção não é obrigatória (*atividade* – 0,67) favorecem as locuções *estar –NDO*. Assim, de um lado, temos a confirmação de nossas expectativas, isto é, verbos de *atividade* favorecem as locuções *estar – NDO*, pois em ambos não há contrariedade quanto ao traço terminativo. De outro, o choque de traços<sup>32</sup>: verbos do tipo *accomplishment* e *achievement* perdem a necessidade de término das situações que expressam ao serem usados nas locuções *estar – NDO*.

Essa “licença” quanto ao término da situação desemboca ainda na questão da falta de comprometimento e provoca um impasse em nossa análise porque os resultados dos grupos *modalidade* e *pessoa do discurso* respaldam a idéia de comprometimento do falante ao usar as locuções *estar – NDO*.

Em relação ao *FS*, os resultados da tabela 6 mostram, primeiramente, a grande concentração de dados nos verbos do tipo *achievement* e a freqüência similar de ocorrência dos demais. O resultado (0,54) favorece levemente a hipótese de que o futuro canônico viesse a ocorrer mais com verbos cujo traço aspectual evidenciasse um término. Entretanto, os verbos do tipo *accomplishment*, cuja necessidade de término também é obrigatória, desfavorecem o *FS* (0,30). Talvez a duração dessas situações, que compartilham a necessidade de término e que provocaram a criação do grupo *achievement* e *accomplishment*, é que seja a resposta desse resultado contraditório. Verbos do tipo *achievement* captam situações pontuais e não podem acontecer em uma extensão temporal, ao contrário dos verbos do tipo *accomplishment*. É possível, então, que seja mais relevante para os parlamentares evidenciarem apenas uma das fases de seus projetos, principalmente o término, o que melhor se configura com os verbos do tipo *achievement*. Essa idéia ganha força ao lembrarmos da grande concentração de verbos do

---

<sup>32</sup> Givón (2001) chama a atenção para o fato de que qualquer um dos tipos de verbos pode ainda ser adicionalmente marcado com um aspecto gramatical específico, alterando o foco da perspectiva comunicativa. Por exemplo, eventos com aspectualidade inerente (no léxico) podem ser modificados pelo acréscimo de aspectos gramaticais. No caso aqui discutido, o aspecto gramatical durativo fica evidente na construção *estar - NDO*.

tipo *achievement* (362 dados) na amostra. Assim, parece necessário aos parlamentares enfatizar não apenas que são responsáveis pelos projetos, mas também que os concretizarão, isto é, concluirão as obras prometidas (situação em que poderíamos captar o aspecto pontual), pois a não concretização de alguns projetos (asfaltamento de ruas, construção de casas populares, etc.), normalmente, serve como ponto frágil a ser atacado pelos partidos adversários. Quanto aos verbos de *estado*, com 0,67, é útil retomarmos as palavras de Coan: “perduram por um determinado número de instantes temporais, sem possibilidade de divisão de fases”. Essa particularidade deve ser eficiente para expressar, de certa forma, o término das ações, uma vez que se estas não podem ser divididas em fases, ao menos se constituem num todo, que naturalmente tem um ponto final.

Para *vou -R*, o grupo *traço aspectual do verbo* não foi selecionado. Mas, supomos que a hipótese de que os verbos de caráter terminativo favorecessem a variante em questão não esteja completamente descartada, devido à intensa concentração de dados nos verbos do tipo *achievement* (nos demais tipos de verbos há um equilíbrio). Suspeitamos que para *vou -R* o traço semântico inerente ao verbo (selecionado estatisticamente para essa variante, como veremos a seguir) seja mais importante<sup>33</sup>.

Apesar do número reduzido de dados do *presente do indicativo*, podemos dizer que esta variante inclina-se a ser mais empregada quando o término das planos/promessas/projetos dos parlamentares precisa ficar em evidência. A distribuição dos dados para o *presente* também indicou uma grande concentração de verbos do tipo *achievement* e confirmou nossa hipótese: verbos do tipo *achievement* favorecem (0,65) a ocorrência do *presente* como futuro.

Nos estados<sup>34</sup>, conforme o anexo B, a atuação do grupo *traço aspectual do verbo* não provocou alterações significativas para as variantes em geral.

<sup>33</sup> Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Gibbon (2000), Longo e Campos (2002) apontam a relevância do traço movimento (controlado no grupo *traço semântico inerente ao verbo principal*) para os contextos de futuridade.

<sup>34</sup> Nos estados, os resultados das tabelas (cf. anexos), organizadas com as quatro variantes, também são oriundos de rodadas binárias onde empregamos a mesma metodologia, opondo cada uma das variantes versus as demais.

#### 4.2.1.1 Conclusões parciais

Com as devidas ressalvas, podemos dizer que os verbos do tipo *achievement* e *estado* favorecem o *FS*; *vou -R* também é mais freqüente com verbos *achievement*. O *presente* também é favorecido pelos verbos do tipo *achievement*, e, contrariamente às nossas expectativas, os *accomplishments* e *atividade* também favoreceram as locuções *estar - NDO*.

As locuções *estar -NDO* merecem atenção pelo comportamento inconstante que apresentaram tanto na análise dos estados em conjunto quanto nos estados individualmente, sendo favorecidas por verbos cujo caráter terminativo ora precisava, ora não, estar evidenciado. De qualquer forma, os verbos do tipo *accomplishment* sobressaem-se levemente entre os demais no favorecimento das variantes *estar - NDO*. Parece que o que está em jogo aqui seja a duração das situações: situações expressas por verbos do tipo *accomplishment* levam algum tempo para serem concluídas e podem ser usadas com advérbios durativos. De forma similar, as locuções *estar - NDO* também têm naturalmente esse caráter durativo, o que provavelmente possibilite o emprego de *estar - NDO* com verbos do tipo *accomplishment*. O único problema dessa associação é o fato de que o uso de *accomplishments* na forma progressiva retira a obrigatoriedade do término da situação e deixa no ar a sensação de que a mesma não será concretizada, conforme Scher e Viotti. Aqui merece destaque o comportamento das locuções em São Paulo, onde percebemos que os verbos do tipo *accomplishment* favorecem justamente as formas *estar -NDO* e talvez denotem essa falta de comprometimento, um dos elementos que provocou a polêmica do gerundismo, e conseqüentemente o baixo emprego dessas variantes durante as sessões parlamentares paulistas. O choque de traços terminativo/durativo nas locuções *estar -NDO* deve ser fruto do suposto processo de gramaticalização pelo qual essas variantes estão passando e será compreendido de forma mais clara com a ajuda das análises dos próximos grupos de fatores.

É provável que as locuções *estar – NDO* estejam passando pelo processo de *bleaching* (descoramento). Neste caso, as locuções estariam perdendo conteúdo semântico (traço durativo). Porém, relacionado ao processo de perda de parte do conteúdo semântico lexical, haveria também um processo de preservação, podendo o auxiliar “conter” um resíduo, ainda que mínimo, da sua fonte. Por outro lado, de acordo com Bybee e Pagliuca (1985, p. 63 apud HEINE 1993, p.90) pode-se falar também que o que está havendo para *estar – NDO* seja uma generalização de conteúdo semântico, onde a locução esvaziada de suas especificidades semânticas teria uma distribuição mais geral, uma vez que poderia ser usada num maior número de contextos. A gramaticalização das formas *estar – NDO* parece também indicar que elas já podem estar se encaminhando para atuar em outras funções, além da aspectual evidenciada pela literatura tradicional.

#### 4.2.2 Traço semântico inerente ao verbo principal

O traço semântico inerente ao verbo foi o segundo grupo mais significativo para nossas variantes e permite captarmos o traço *movimento* nas formas verbais.

A relevância do traço *movimento* para as formas de futuro vem de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 267): “verbos de movimento constituem-se numa fonte lexical mais proeminente do que qualquer outro tipo de material lexical para formação de futuros”. Conseqüentemente, a identificação do traço semântico do verbo principal, isolado ou em locução, torna-se fundamental para quem se propõe a analisar as formas de futuridad<sup>35</sup>.

Gibbon (2000, p.84) controlou esse grupo de fatores e constatou que para a perífrase “o fator *estado* (0,61) contra o fator *movimento* (0,26) evidencia que a idéia de movimento deve estar presente no contexto de futuridad ou fornecida pelo auxiliar da perífrase, ou pelo traço inerente do verbo principal”. A autora pontua ainda que verbos de movimento desfavorecem a perífrase e que, portanto, contextos desprovidos de idéia de movimento a propiciam.

A fim de controlarmos esses traços, utilizamos a proposta que Gibbon elaborou para mostrar a escalaridade do componente *movimento*. A autora usou os critérios “deslocamento e quantidade de movimento na ação intrínseca ao verbo (op.cit., 82)<sup>36</sup>”. A união desses critérios permitiu a construção do quadro a seguir:

---

<sup>35</sup> A importância do traço *movimento* nas formas de futuridad também é evidenciada por Longo e Campos (2002, p. 470, grifo nosso) “as gramaticalizações com verbos de movimento superam os outros tipos, e o valor semântico que possibilita o uso como futuro é **movimento + progressivo + alativo** [ponto de ação expresso pelo verbo, segundo Borba (1976)].”

<sup>36</sup> *Movimento*: “ato ou processo de mover (-se), animação, agitação”; *deslocamento*: “tirar do lugar onde se encontrava” (FERREIRA, 1988 apud GIBBON, 2000, p. 82).

**QUADRO 3: Apresentação dos critérios *movimento e deslocamento* para organização da escalaridade do grupo de fatores tipo semântico do verbo principal**

Tipos	Traços		Exemplos
	Movimento	Deslocamento	
<b>Movimento 1</b>	++	++	<b>sair, ir, andar</b>
<b>Movimento 2</b>	++	+ -	<b>fazer, namorar, brigar</b>
<b>Movimento 3</b>	+	-	<b>mostrar, comer, dirigir</b>
<b>Movimento 4</b>	<b>Movimento interno (percepção, emoção)</b>		<b>assistir, ver, amar</b>
<b>Movimento 5</b>	-	-	<b>ter, ser, estar</b>

FONTE: Gibbon (2000, p.82)

a) Movimento 1: movimento amplo com deslocamento no espaço.

(36) ...na próxima semana, **estarei indo** para Brasília, porque são inúmeros os problemas que o Paraná enfrenta. (PR –101ord02)

(37) O Ministro **virá** a Santa Catarina no dia 19.(SC – 01ex03)

(38) numa cadeia que brutaliza muito mais esse homem, que amanhã **vai se encontrar** conosco na nossa casa, na rua, no ônibus porque não existe política para reabilitar essa pessoa. (SP – 171ord02)

(31) ... nos próximos quatro anos não verei o seu sorriso contagiante [...]V. Exa. **vai** a Brasília e fico alegre. (RJ – ord02)

b) Movimento 2: movimento amplo com deslocamento menor.

(22) Um dia, o Governador vai, entrega a chave, e no outro dia, as pessoas **estão entrando** na casa, e a fechadura dá choques. (SP – 79ex02)

(39) ...à tarde o presidente **poderá distribuir** a matéria e já marcar cronogramas de reuniões. (SC-01ex03)

(24)Qualquer outra explicação que fuja ao bom senso, **vai agredir** a nossa sociedade. (SP –81ex02)

(40) **Entregamos** o projeto na próxima semana para o judiciário. (PR – 104ord02)

c) Movimento 3: movimento restrito e sem deslocamento.

(41) Por isso, amanhã, os membros da Comissão **estarão entregando** pessoalmente ao Ministro da Agricultura, P. de M., esse excelente trabalho desenvolvido pela Comissão... (PR- 34ex02)

(42) ...quando **faremos** a entrega do Título de Cidadão Catarinense ao Sr. J.S.(SC- 23ex02)

(43) Se vier a votação, evidentemente, **vamos nos manifestar**. (SC – 07ex03)

(44) Amanhã, terça feira, às nove horas da manhã, o Governador G.A. **inaugura** a pista descendente da Rodovia dos Imigrantes (SP –75ord02)

d) Movimento 4: cognição, percepção e emoção.

(18)**Vamos estar cobrando** porque não estamos aqui apenas para aprovar emprego para os seus apadrinhados ou para alguns afiliados ou para a acomodação dos seus colaboradores. (SC – 07ex03)

(45) Quem **administrará** Santa Catarina, a partir do ano que vem, é um Chefe do Poder Executivo. (SC - 89ord02)

(27) Portanto, o justo, o correto seria a mobilização da própria reitoria da Udesc e de todos os que estão participando do movimento para levar a Udesc para o Oeste do Estado terem uma conversa muito franca com o Governador eleito, para saber se ele **vai cumprir** aquilo que o atual Governador pretende fazer e deixar para o outro. (SC – 89ord02)

(46) Amanhã, a Comissão de Finanças **deve apreciar** o Orçamento de 2003.(SC 92ord02)

e) Estado: ausência total de movimento e de deslocamento.

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa. (PR – 104ord02)

(47) Em seguida, **teremos** a continuidade do Projeto de lei que estima a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 2003.(SC – 95ord02)

(34) Isso, com certeza, **vai ser** uma das maiores conquistas para as pessoas simples e humildes deste Estado, que passam dificuldade na vida e muitas vezes já tiveram a água cortada. (SC-91ord02)

(35) P. nos atendeu e uma obra de 500 mil reais **deve ficar** pronta até o começo de janeiro.(SC-91ord02)

f) Outros:

(48) **Estaremos gerenciando** nas próximas semanas os recursos vindos do governo federal. (PR-102ord02)

(49) Este projeto, quer dizer, teve a honrosa manifestação dos Líderes de todas as Bancadas para a sua publicação na Ordem do Dia, o que **viabilizará**, se um dia assim se entender adequado, a sua votação numa outra oportunidade.(RS – 01ord03)

(50) O Governador eleito foi categórico ao dizer ao Sinte que **vai municipalizar** todo ensino fundamental em Santa Catarina. (SC –86ord02)

(51) Neste momento, vou lembrar que o nosso recesso **começa** dia 16, segunda-feira próxima. (SC-90ord02)

Tínhamos hipóteses diferenciadas para nossas variantes: partindo das constatações de Gibbon, supomos também que em nossos dados *vou – R*, como já possui o traço movimento no próprio auxiliar (COSTA, 1990), surgisse mais ao lado de verbos de traços 4 e 5. Já o *FS* e o *presente* como futuro deveriam ocorrer com verbos do tipo 1 e 2 a fim de garantir a idéia de

futuridade. As locuções verbais *estar – NDO* deveriam ocorrer mais com verbos de movimento 1 e 2, pois o *estar* fornece apenas o traço *estado*<sup>37</sup>.

Antes de analisarmos a tabela 7, a seguir, vejamos quais amálgamas foram feitos com o intuito de facilitar o entendimento da atuação dos fatores. No *FS*, os fatores movimento 1 (130 dados) e 2 (109 dados) foram amalgamados, pois sob o ponto de vista lingüístico ambos compartilham o traço de maior movimento e também porque seus valores iniciais também eram muito próximos: 0,65 e 0,61. O mesmo foi feito para os verbos de movimento 3 (89 dados), 4 (158 dados) e 5 (117 dados), nos quais o traço movimento é menos intenso ou ausente e seus valores iniciais também eram parecidos. Em *vou –R*, os fatores 1 e 2 e 3, 4 e 5 também foram amalgamados devido à semelhança lingüística e nos pesos relativos. O teste de significância também permitiu os referidos amálgamas.

**TABELA 7: Influência do traço semântico inerente ao verbo principal sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou –R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>Movimento 1</i>	12/130	9	(0,51)	153/239	64	<b>0,63</b>	51/239	21	0,39	11/130	8	(0,56)
<i>Movimento 2</i>	5/109	5	(0,33)	-	-	-	-	-	-	2/109	2	(0,21)
<i>Movimento 3</i>	12/89	7	(0,61)	163/364	45	0,44	111/364	30	<b>0,58</b>	6/89	7	(0,50)
<i>Movimento 4</i>	16/158	10	(0,53)	-	-	-	-	-	-	21/158	13	(0,68)
<i>Movimento 5</i>	7/117	6	(0,39)	-	-	-	-	-	-	5/117	4	(0,39)
<i>Outros</i>	14/85	16	(0,67)	36/85	42	0,39	21/85	25	0,47	9/85	11	(0,62)
Total	66/688	10		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção estatística	Grupo não selecionado			4º grupo selecionado			4º grupo selecionado			Grupo não selecionado		

Um dos primeiros itens que se destaca na leitura da distribuição dos dados é o alto número de verbos em que não há idéia de movimento ou temos um movimento restrito (verbos de movimento 3, 4, 5 e *outros* totalizam 449 dados). A explicação para isso talvez esteja no próprio perfil da amostra, uma vez que as discussões normalmente têm caráter mais “teórico”, envolvendo tramitações de projetos, leis, orçamentos. Portanto, o surgimento de

<sup>37</sup> Como o *estar* fornece apenas o traço *estado* é provável que ele se combine com verbos onde a idéia de movimento seja mais saliente, daí a razão de considerarmos os verbos de movimento como importantes fontes lexicais de futuro, para as locuções *estar – NDO*.

verbos ligados à noção de movimento estaria, possivelmente, vinculado a questões de ordem prática, como as promessas relativas a questões sociais, as quais supostamente teriam urgência na concretização.

O grupo não foi selecionado para as locuções *estar –NDO* e a leitura dos resultados acima precisa ser feita com cautela, uma vez que temos reunidas três variantes. Em relação à *estarei –NDO* percebemos que nossa hipótese não foi descartada, mas também não foi tão favorecida quanto esperávamos. A locução *estarei – NDO* de forma geral e contrariamente às nossas expectativas foi mais freqüente com verbos cujos traços de movimento são mais fracos (*movimento 4 e outros*). Tínhamos em mente que, como a idéia de movimento é importante aos contextos de futuridade<sup>38</sup>, fosse mais provável que o *estar*, devido ao seu traço *estado*, surgisse com maior freqüência ao lado de verbos 1 e 2 no quais a idéia de movimento é mais forte. Essa hipótese também era sustentável a partir das constatações de Longo e Campos (2002, p. 461). De acordo com as autoras:

talvez se possa considerar que o traço *movimento* nas perífrases com *ir* ainda se conserva com mais força do que o traço *estado* na perífrases com *estar*. Teríamos então um contra-argumento para a hipótese do esvaziamento semântico do auxiliar *ir* e, ao mesmo tempo, um argumento favorável à formada com *estar*.

Entretanto, o *estar* não se comportou conforme o esperado. Talvez a causa desse comportamento camaleônico seja fruto do suposto processo de mudança pelo qual a locução deve estar passando: por enquanto ela oscila entre os verbos cujos traços podem ser de maior ou menor movimento e, depois, numa próxima etapa, passa a ocorrer apenas ao lado de um deles. Esse choque de traços de presença/ausência de movimento é que deve ter desencadeado o emprego dito “indiscriminado” das locuções verbais *estar – NDO*. O fato de o fator *outros* ter favorecido *estarei – NDO* não chega a comprometer os nossos resultados uma vez que

---

<sup>38</sup> Salientamos, novamente, que não se trata de considerar a idéia de movimento como essencial a todos os contextos de futuridade; apenas destacamos a idéia de movimento por ela figurar dentre as fontes lexicais de futuro e, ao que parece, ser necessária às locuções *estar – NDO*, para que estas formas possam atuar com mais ênfase na expressão da futuridade. A idéia de movimento é destacada por autores como Bybee, Perkins e Pagliuca (1994); Gibbon (2000), entre outros.

nesse grupo teríamos, na verdade, verbos de “relação”, conforme Tavares (1997). Esses verbos “representam relações assinaladas pelos homens em seu processos de percepção da realidade.” (TAVARES, 1997, p.137)<sup>39</sup>. São verbos que ficariam situados numa faixa intermediária entre os verbos de cognição/percepção e estado. Trata-se, portanto, de verbos cuja idéia de movimento e deslocamento também estaria ausente.

Quanto à nossa hipótese para o *FS*, os resultados correspondem à expectativa de que o *FS* ocorreria mais com verbos de movimento 1, 2 (0,63), confirmando que a idéia de movimento necessária às formas de futuridade deve ser fornecida pelo verbo principal ou pelo verbo auxiliar. Com o intuito de sabermos se os traços de movimento nas situações expressas pelo futuro canônico correspondem a questões de ordem “prática” [+ movimento] ou “teórica” [- movimento], cruzamos os grupos *traço semântico inerente ao verbo e assunto*. Os resultados obtidos mostram que assuntos sociais (que devem implicar maior rapidez na resolução dos problemas) favoreceram em 59% a ocorrência do *FS*.

A afirmação de Gibbon (2000) de que contextos desprovidos de movimento favoreceriam *vou – R* também é válida nesta dissertação. Os verbos do tipo 5, 4 e 3, cujo traço de movimento é inexistente ou restrito, mostraram-se como o contexto mais favorável à ocorrência de *vou – R*, uma vez que a idéia de movimento seria fornecida pelo auxiliar<sup>40</sup>. Por outro lado, como contextos inibidores à variante *vou – R*, temos os verbos de *movimento 1* e *2*, ou seja, aqueles que envolvem algum tipo de deslocamento no espaço.

Para o *presente* como futuro o grupo *traço semântico inerente ao verbo principal* não foi relevante e provoca algumas indagações. O *presente* também deveria surgir com mais freqüência ao lado de verbos do tipo *movimento 1* e *movimento 2*, a fim de garantir a idéia de

<sup>39</sup> Para maiores detalhes dessa classificação, confira o artigo de Tavares: **O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem** (1997, p.123-142).

<sup>40</sup> O grupo *traço semântico inerente ao verbo principal* foi o único selecionado para *irei – R* e os resultados obtidos confirmam a idéia de que *ir* tem tendência a ocorrer com verbos que indicam ausência de movimento. Os pesos relativos dos fatores *movimento 3* (movimento restrito) e *movimento 4* (verbos de cognição) foram: 0,52 e 0,62 respectivamente. Verbos de *movimento 1* desfavorecem a ocorrência de *irei – R* (0,36), assim como *outros* (0,49).

movimento própria das formas de futuridade. Entretanto nos verbos em que há ausência de movimento é que o *presente* foi mais freqüente.

A atuação do grupo traço *semântico inerente ao verbo principal* nos estados, conforme o anexo C, trouxe-nos algumas informações importantes, principalmente em relação ao uso do *presente* como futuro.

O grupo não foi selecionado para *estar –NDO* em nenhum dos estados, o que talvez indique que os *traços aspectuais* ainda são mais importantes para essas variantes. De forma geral, com exceção do Paraná, as locuções *estar – NDO* tendem a aparecer mais ao lado de verbos em que a idéia de *movimento* é fraca ou inexistente. Esse fato talvez possa ser atribuído ao processo de mudança das formas *estar –NDO*; como elas são relativamente recentes para codificar tempo, é provável que a idéia de *movimento*<sup>41</sup> ainda esteja num estado bastante inicial. A carga aspectual ainda deve estar relativamente presente nessas variantes, mas não impede a expressão de outras nuances, as quais estão permitindo que as locuções *estar –NDO* expressem uma certa futuridade.

Para o *FS*, o traço *semântico inerente ao verbo principal* foi o segundo grupo estatisticamente selecionado no Estado de São Paulo, nos demais estados o grupo não se mostrou significativo. Em São Paulo, o grupo corresponde àquilo que a análise dos estados reunidos havia mostrado: verbos cuja carga de movimento é maior (1 e 2) favorecem o *FS*; entretanto, nesse Estado os verbos do tipo 2 superam ligeiramente os do tipo 1, e os do tipo *outros* (onde a carga de movimento é inexistente) também favorecem a ocorrência da variante. Em Santa Catarina e no Paraná, o grupo não foi selecionado, mas comportou-se de forma similar ao que ocorreu em São Paulo, com exceção do tipo *outros*, onde a freqüência do *FS* parece ser menor. As capitais que indicaram diferenças um pouco mais acentuadas foram a

---

<sup>41</sup> Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, grifo nosso) estabelecem como fontes de futuro as construções auxiliares com significado de desejo, obrigação e **movimento em direção a uma meta**. As formas podem ser verbos que originalmente indicam aspecto, modo ou movimento [...] **As gramatizações com verbos de movimento superam os outros tipos**.

gaúcha e a carioca. Nestas, não só os verbos do tipo *movimento 1* e *2* mas também os do tipo *3,4* e *5* são propícios à ocorrência do *FS*.

Curiosamente o grupo não foi selecionado como estatisticamente significativo em nenhum dos estados para *vou -R*, mas seus resultados mostram que a variante é mais freqüente com verbos em que a idéia de movimento é mais fraca ou inexistente. Este parece ser o caso no Rio Grande do Sul, onde apesar da pouca freqüência, *vou -R* se manifestou mais ao lado dos verbos do tipo *4* (verbos de cognição). Nesse sentido, dentre as demais capitais, São Paulo é a que mais se aproxima da capital gaúcha. Em Santa Catarina, onde a variante é mais freqüente, a forma oscilou entre verbos de maior e menor movimento, assim como no Paraná e no Rio de Janeiro. A irregularidade do comportamento de *vou -R* nas capitais, ora com verbos de maior ora de menor movimento, talvez tenha alguma relação com o caráter da amostra. A princípio poderíamos pensar que o comportamento da variante corresponderia plenamente às nossas expectativas, sendo favorecida apenas por verbos cuja idéia de movimento fosse menos intensa, dado que há no corpus uma significativa parcela de verbos em que a idéia de movimento é fraca. Porém, estamos lidando com uma amostra que:

i) é de natureza supostamente mais formal, onde a ocorrência de *vou -R* é menos freqüente de forma geral;

ii) a tendência é o emprego do *FS*, que precisaria da idéia de movimento e só a conseguiria mediante uso de verbos *1* e *2*.

Assim é provável que *vou -R* seja afetada, sendo usada tanto por verbos de maior movimento (típicos do *FS*) quanto por verbos de menor movimento (característicos do próprio material analisado).

O traço semântico inerente ao verbo principal para a variante *presente* como futuro foi relevante tanto em Santa Catarina quanto no Rio de Janeiro. Em Santa Catarina, o grupo foi o primeiro a ser selecionado e indica que verbos cuja idéia de movimento é restrita

(*movimento 3*) ou inexistente (*movimento 4 e outros*) favorecem o *presente* enquanto verbos onde a idéia de movimento é mais forte (*movimento 1*) restringem sua ocorrência. Já no Rio de Janeiro, onde o grupo foi o terceiro a ser selecionado, temos uma situação curiosa: tanto verbos do tipo *movimento 1* (0,84) quanto *movimento 3* (0,81) favorecem a variante, os demais inibem sua ocorrência. Nos demais estados, o *presente* também oscila entre verbos cuja idéia de movimento é maior ou menor.

#### 4.2.2.1 Conclusões parciais

O grupo *traço semântico inerente ao verbo principal* parece completar a análise que vínhamos fazendo do comportamento das variantes. O grupo foi selecionado na rodada com os estados agrupados para o *FS* e *vou -R*, confirmando nossas expectativas quanto à importância da noção de movimento nos contextos de futuridade, já evidenciada nos trabalhos de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), Gibbon (2000) e Longo e Campos (2002). Podemos dizer ainda que essa idéia também se sustenta de forma geral na leitura dos resultados de cada um dos estados, mesmo diante da oscilação de alguns dados.

Visto que as sessões têm um caráter supostamente formal e relativamente “teórico”, onde a idéia de movimento seria necessária somente em situações específicas (evidenciar que atitudes serão tomadas na resolução dos problemas sociais), o comportamento irregular de algumas variantes parece ser justificável. A tendência seria: *FS* e *presente* favorecidos por verbos com maior carga de movimento e *vou -R* por verbos cuja idéia de movimento fosse restrita ou inexistente. Mas, a amostra, sendo relativamente “teórica” (como veremos no grupo *assunto*), enfraquece a possibilidade da idéia de movimento e acaba influenciando no emprego das variantes.

Quanto às variantes *estar -NDO*, a não seleção do *traço semântico inerente ao verbo principal* mais uma vez sugere que para essas formas os traços aspectuais (durativos) ainda sejam mais relevantes.

## 4.2.3 Fonte do dado

O próximo grupo de fatores que contribuiu para a análise de boa parte de nossas variantes foi a *fonte do dado*. Este grupo foi criado para testarmos a hipótese de que algum fator extralingüístico tivesse influência sobre as variantes *estar – NDO* e se essas teriam um uso mais acentuado em São Paulo, se estaríamos diante de uma variação apenas regional ou se o fenômeno do “gerundismo” já estaria atingindo outras regiões.

**TABELA 8: Influência da fonte do dado sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou – R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>RS</i>	16/130	12	<b>0,61</b>	89/130	68	<b>0,65</b>	10/130	8	0,20	9/130	7	(0,48)
<i>SC</i>	10/190	5	0,40	81/190	43	0,38	74/190	29	<b>0,67</b>	17/190	9	(0,55)
<i>PR</i>	24/104	23	<b>0,77</b>	45/104	43	0,41	27/104	26	0,49	4/104	4	(0,33)
<i>SP</i>	<b>9/144</b>	6	<b>0,42</b>	71/144	49	0,51	42/144	29	0,56	16/144	11	(0,61)
<i>RJ</i>	7/120	6	0,38	66/120	55	<b>0,59</b>	30/120	25	0,53	8/120	7	(0,47)
Total	66/688	10		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção Estatística	1º grupo selecionado			3º grupo selecionado			1º grupo selecionado			O grupo não foi selecionado		

Invalidando nossa hipótese inicial, os números indicam que o ambiente das sessões parlamentares paulistas não favorece o uso das locuções *estar – NDO*; pelo contrário: tende levemente a desfavorecê-lo (0,42). Talvez outros contextos do falar paulistano propiciem o uso das formas e sejam o motivo para a polêmica do “gerundismo”, mas as sessões parlamentares de São Paulo não se mostram como ambiente propício para o uso da variante com *estar*. Se retomarmos as únicas ocorrências de *vou estar – NDO*, foco da polêmica, verificamos que há apenas um dado dessa construção, mas em contexto de restrição, como mostra o exemplo:

(52) Poderíamos, a partir deles, que são formadores de opinião, que **vão estar** em sala de aula **discutindo** com seus alunos, explicar a importância, o significado do incremento do Mercosul. (SP – 06ord03)

Ao contrário das nossas expectativas, as sessões do Paraná (0,77), principalmente, e do Rio Grande do Sul (0,61) favorecem a ocorrência das formas *estar – NDO*.

No Rio Grande do Sul (0,65), principalmente, e Rio de Janeiro (0,59) percebemos que os parlamentares, para a expressão da futuridade, ainda tendem a empregar com maior frequência a variante canônica. São Paulo (0,51) é o local onde o *futuro do presente* disputa a expressão da futuridade de forma mais acirrada com as demais variantes. Já os parlamentares paranaenses (0,41) e catarinenses (0,38) inclinam-se a não empregar a forma verbal canônica durante suas sessões.

Essa oscilação nos estados parece indicar que as atitudes dos falantes diante das variantes em estudo não são as mesmas, sugerindo assim que a *fonte do dado* possa de fato interferir na escolha da variante. Conseqüentemente, a tabela 8 também revela que a formalidade (atribuída ao *futuro do presente*) que esperávamos encontrar não é a mesma em todos os estados e é provável que sofra algum tipo de alteração de acordo com os assuntos em discussão nas sessões em cada um dos estados. Para confirmarmos isso, cruzamos os grupos *assunto e fonte do dado* e verificamos que podemos estar certos.

**Tabela 9 : Influência do cruzamento entre o assunto e a fonte do dado sobre o FS**

	Assunto							
	Homenagens, Despedidas		Não social		Social		Total	
Fonte	Frequência Aplic./Total	%	Frequência Aplic./Total	%	Frequência Aplic./Total	%	Frequência Aplic./Total	%
RS	14/21	67	66/91	73	9/18	50	89/130	68
SC	5/12	42	64/130	49	12/48	25	81/190	43
PR	20/44	45	18/47	38	7/13	54	45/104	43
SP	11/22	50	26/49	53	34/73	47	71/144	49
RJ	8/26	31	44/67	66	14/27	52	66/120	55
Total	58/125	46	218/384	57	76/179	42		

Conforme a tabela 9, no Rio Grande do Sul, Estado que faz uso acentuado do futuro canônico, os assuntos mais discutidos (73%), no período em que coletamos os dados, foram relacionados à aprovação de leis, projetos, orçamentos, etc (*fator não social*). O mesmo vale para o Rio de Janeiro (66%) e São Paulo (53%). Em Santa Catarina, há uma distribuição mais equilibrada dos assuntos, o que deve influenciar também na escolha das variantes: 49% para assuntos não sociais (aprovação de leis, projetos, etc.); 42% para homenagens/despedidas e 25% para assuntos relacionados a problemas sociais<sup>42</sup>.

Retornando à tabela 8, percebemos também que os parlamentares de Santa Catarina (0,67) tendem ao favorecimento da variante *vou –R*, o que provavelmente ameniza um pouco o tom de formalidade inerente às sessões, pelo menos em relação às catarinenses. Contrastivamente, observa-se um comportamento oposto na fala dos parlamentares gaúchos, com PR de 0,20 para a variante *vou –R* no Rio Grande do Sul, o que sugere que neste Estado os políticos garantem às sessões a formalidade esperada. De qualquer forma, o que nos surpreende é a grande diferença de uso da variante em estados sulistas tão próximos. Por outro lado, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná são as regiões que apresentam maior propensão à variação (com a ressalva de que no estado paulista há uma leve inclinação ao uso da variante na forma perifrástica (0,56)). Assim, no que se refere ao uso de *vou –R*, o Paraná alinha-se aos estados da região sudeste, mostrando um comportamento variável mais neutro, enquanto o Rio Grande do Sul claramente se opõe a Santa Catarina no uso da variante em questão. Suspeitamos, em função do comportamento similar de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, e da proximidade do Paraná com Santa Catarina, que a variação esteja se propagando e atingindo este último Estado, que estaria assimilando as variações que já ocorrem nas capitais carioca, paulista e paranaense. Mas essa hipótese só poderá ser testada futuramente.

---

<sup>42</sup> A relação entre o grupo *assunto* e as formas variantes em estudo será mais detalhada na seção 4.2.8.

A *fonte do dado* não foi relevante para o *presente*, mas indica que em Santa Catarina e em São Paulo a variante é mais freqüente. Em São Paulo, onde temos o maior contexto de variação, o *presente* também acaba sendo empregado como mais uma forma de expressar a futuridade.

#### 4.2.3.1 Conclusões parciais

O grupo *fonte do dado* evidenciou a importância de olharmos a atuação de cada uma das variantes de forma particular, sob pena de obscurecermos os resultados da análise. Percebemos que nem todos os estados apresentam o mesmo padrão quanto ao uso das formas variantes, em estudo nesta dissertação. Os estados apresentaram algumas diferenças significativas que merecem atenção: a capital gaúcha parece ser a prototípica quanto ao emprego do futuro canônico, forma de prestígio, prevista pela literatura tradicional; nessa linha, temos ainda, com menor intensidade, as sessões cariocas. As sessões catarinenses e paranaenses fogem ao padrão esperado, mostrando um emprego relativamente freqüente de outras variantes, além do *FS*. As sessões paranaenses mostraram-se como o ambiente mais propício à ocorrência das variantes *estar –NDO*. São Paulo destaca-se como local de maior variação, porém, contraria-nos quanto à hipótese do gerundismo.

Diante do resultado inesperado das locuções *estar – NDO* nas sessões paranaenses, uma dúvida se instaura: como São Paulo possui uma certa ascendência sobre o estado do Paraná, será que não houve a partir desse contato um possível espraiamento das locuções para outros estados, além do Paraná? Isso nos levaria mais uma vez a afirmação (cf. a polêmica na introdução desta dissertação) de que São Paulo seria o pólo irradiador das locuções *estar – NDO*. Entretanto, a confirmação dessa suspeita fica reservada para trabalhos futuros.

#### 4.2.4 Modalidade

Como a modalidade é fonte primária de futuros, é provável que haja uma diferenciação quanto à influência das submodalidades deôntica e epistêmica sobre as variantes em estudo. Dessa forma, é importante realizarmos uma breve retrospectiva sobre modalidade e submodalidades – deôntica ou epistêmica.

A modalidade é vista como a qualificação do falante no que diz respeito ao comprometimento do conteúdo da proposição e recobre nuances semânticas como ordem, desejo, intenção, necessidade, possibilidade, etc. as quais podem ser deduzidas do contexto como um todo. Essas nuances dividem-se e vão constituir duas submodalidades: a epistêmica e a deôntica (FLEISHMAN, 1982).

Segundo Givón (1995), a *modalidade deôntica* está ligada ao uso da linguagem para expressar, de um lado, uma vontade, um desejo e, de outro, para conseguir a satisfação dessa vontade através da imposição feita aos outros. Está incluída no âmbito das normas de moral e conduta, direitos e deveres. Já a *modalidade epistêmica* denota o conhecimento, a crença do falante sobre o conteúdo das proposições enunciadas, indicando o grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição, certeza da realização do fato à suposição de uma ocorrência provável, possível ou mesmo improvável.

Para classificarmos as ocorrências quanto à *modalidade*, foi necessária a criação de dois grupos de fatores. O primeiro codificou o dado a partir do contexto, observando qual o tipo de modalidade atuante, decorrente da discussão entre os parlamentares. O segundo grupo, de caráter complementar, identificava se havia ausência ou presença de auxiliar modal no contexto e, quando houvesse, também o classificava conforme os fatores do grupo *verbos modais*<sup>43</sup>. A captação das nuances das submodalidades expressas pelo contexto ou com o auxílio dos auxiliares modais possibilitou a verificação de: i) qual das variantes é mais

---

<sup>43</sup> O grupo foi descartado logo nas rodadas iniciais devido à escassez de dados.

atingida pela *modalidade* e ii) qual é o tipo de submodalidade (em suas nuances gradientes) mais presente na amostra analisada.

A fim de caracterizar a *modalidade* no contexto no qual estavam inseridas as variantes, utilizamos os critérios propostos por Coates (1995, p.60). Esses critérios<sup>44</sup> são formulados a partir de seis propriedades, a saber:

- F:** existe uma força que é caracterizada como ‘um elemento de querer’, ou seja, que tem interesse em que o evento aconteça ou não aconteça;
- C:** o evento será realizado por um agente;
- D:** o evento é dinâmico, i.e., envolve a manipulação da situação e é concebido tipicamente como conduzindo a mudança de estado;
- L:** o evento ainda não aconteceu no tempo de referência e sua ocorrência, se ela acontecer, será depois do tempo de referência;
- P:** o evento é não-factual, embora exista um certo grau de probabilidade de que ele acontecerá .
- S:** presença da subjetividade. Só deve ocorrer nos casos de modalidade epistêmica, quando o falante, ao enunciar, simultaneamente comenta seu enunciado e expressa sua atitude em relação ao que está dizendo.

A presença dessas propriedades define o tipo de modalidade que está presente num determinado dado, conforme detalhado no quadro a seguir.

**QUADRO 4: Propriedades de Coates**

Propriedade						Tipo de modalidade
F	C	D	L	P	S	
+	+	+	+	+	-	Obrigação deôntica
+	+	+	+	+	-	Necessidade deôntica
-	+	+	+	+	-	Possibilidade deôntica
-	-	-	-	+	-	
-	-	-	-	-	-	Existencial
-	-	-	-	+	+	Necessidade epistêmica
-	-	-	-	+	+	Possibilidade epistêmica
-	-	-	+	+	+	
-	+	+	+	+	+	

FONTE: Coates (1995, p. 60)

A partir das propriedades propostas por Coates, classificamos os dados de futuridade, de acordo com os seguintes grupos de fatores: *extremo epistêmico*, *possibilidade epistêmica*,

<sup>44</sup> Os critérios aqui apresentados já incluem a propriedade *subjetividade*, não presente na proposta de Heine (1995). O trabalho de Karam (2000, p. 22-23) apresenta detalhadamente as propostas de Heine (1995) e Coates (1995).

*extremo deônico* e *possibilidade deônica*. Esses quatro fatores recobrem a distribuição proposta por Coates da seguinte forma: *obrigação* e *necessidade deônica* foram agrupados no fator *extremo deônico* uma vez que compartilham as propriedades *F*, *C*, *D*, *L* e *P*. Essas cinco propriedades do *extremo deônico* diferenciam-no do grupo *extremo epistêmico*. Quanto os demais fatores, *possibilidade deônica* e *epistêmica*, estes foram mantidos separados uma vez que Coates (1995) propõe a inclusão da propriedade *S* (subjetividade), para se diferenciar possibilidade deônica da epistêmica. A inclusão da propriedade *S* foi necessária, visto que “a distinção entre possibilidade deônica e epistêmica era fraca, devido à ausência, nos casos de modalidade deônica, de propriedades normalmente associadas com o sentido deônico (*F*, *A*, *D* e *L*)” (COATES, 1995 apud KARAM, 2000, p. 23).

Em função do tipo de amostra em estudo, nossa hipótese é que a influência da modalidade ocorra de maneira significativa sobre todas as formas variantes, especialmente a submodalidade epistêmica, pois esta recobre nuances como crença e certeza do falante a respeito daquilo que enuncia. Esses matizes são imprescindíveis no discurso político, porque denotam o nível de comprometimento necessário para convencer os demais (partidos da oposição) de que as promessas, planos serão cumpridos. No caso específico de *vou -R*, as conclusões dos trabalhos de Gibbon (2000) e Santos (2000) sugerem que a variante está se encaminhando para codificar com mais ênfase a função tempo. Em decorrência disso, postulamos que o fator *extremo epistêmico* confirme também essa tendência, já evidenciada nos trabalhos citados.

a) Extremo epistêmico: o fator extremo epistêmico, conforme a proposta de Karam (2000), recobre as ocorrências em que não havia outras marcas de modalidade além do tempo lingüístico e aquelas em que o falante expressava explicitamente certeza sobre a realização da ação, como podemos ver nos exemplos abaixo.

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, **com certeza** será nosso governador em muitos momentos e **pode ter certeza** de que você orgulha não

só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa. (PR – 104ord02)

(53) **Tenho certeza de que**, como presente de aniversário, **levarei** essa liberação, no próximo final de semana, às Regiões Norte e Nordeste do Estado. (RS – 01ex03)

(45) Quem **administrará** Santa Catarina, a partir do ano que vem, é um Chefe do Poder Executivo. (SC - 89ord02)

(30) Mas V.Exa. é jovem, **vai voltar** para a vida política ou como Prefeito de São Joaquim ou como Deputado Estadual, **com certeza**. (SC – 03ex03).

(54) A matéria foi retirada de pauta e **volta** na quinta-feira (RJ –ord02)

b) Possibilidade epistêmica: foram incluídas nesse grupo apenas as ocorrências que indicassem prioritariamente idéia de possibilidade de ocorrência do evento, separando assim a noção de possibilidade de outras noções epistêmicas.

(55) Como já disse, o nosso Regimento não permite que os homenageados se manifestem – é um Regimento antigo e, certamente, **deverá**, amanhã ou depois, **ser modificado** nesse particular. (RS - 93ord02)

(14)A CDHU não **vai conseguir gastar** esse dinheiro todo no próximo ano (SP – 77ord02)

(28) O que estamos pretendendo, imaginando que **possa acontecer** até quinta-feira, é um acordo entre o futuro governo e o atual para que tenhamos a oportunidade de votar um substitutivo. (RJ – ord02)

c) Possibilidade deôntica: este grupo inclui as ocorrências que apresentam apenas as noções deônticas de permissão e capacidade.

(56)Srs. Deputados, quero lembrar que temos inscritos na lista de oradores os Deputados D. R. e L. N. para falarem a favor e os Deputados R. S. e J. M. para falarem contra. O tempo da sessão extraordinária é de mais uma hora e cinco minutos. Evidentemente nós **poderemos prorrogá-la**, não há obrigatoriedade de encerrarmos a discussão e votação na noite de hoje. (SP – 84ex02)

(25)Se quiserem, é só me dar o endereço que **posso mandar** as pessoas comerem em suas casas. (RJ – ord02)

d) Extremo deôntico: este grupo abarca os dados cujas noções deônticas de obrigação e necessidade estavam mais evidentes.

(57) Tenho dito aos companheiros que **precisaremos**, na nova legislatura, jogar mais em equipe. (RJ – ex02)

(12) Um professor de escola para procurar a Coordenadoria de Educação de Apiúna, se tiver que ir a Blumenau, **vai ter que se deslocar** 50 quilômetros! (SC – 44ord03).

**TABELA 10: Influência da *modalidade* sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou –R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>extremo epistêmico</i>	66/624	100	-	307/624	49	0,48	179/624	29	<b>0,55</b>	39/624	6	0,46
<i>Possibilidade epistêmica</i>	-	-	-	30/40	75	<b>0,74</b>	1/40	2	0,07	9/40	23	<b>0,84</b>
<i>Possibilidade deôntica</i>	-	-	-	4/10	40	0,54	-	-	-	6/10	60	<b>0,76</b>
<i>extremo deôntico</i>	-	-	-	11/14	79	0,78	3/14	21	0,30	-	-	-
Total	66/688	9		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção Estatística	O grupo não foi selecionado			5º grupo selecionado			3º grupo selecionado			1º grupo selecionado		

Inicialmente, é interessante ressaltarmos como as nuances da modalidade ficaram distribuídas na tabela 10, mantendo os extremos das submodalidades deôntica e epistêmica em lados opostos. Em seguida, outro aspecto relevante é a distribuição desequilibrada dos dados nesses extremos: temos apenas 24 caracterizados conforme as nuances das submodalidade deôntica e 664 relativos às epistêmicas. Essa concentração revela que os contextos de uso de nossa amostra são caracteristicamente epistêmicos, ou seja, são contextos em que o falante sente uma necessidade vertiginosa de deixar explícito o quão comprometido está com o seu discurso. Uma vez que em nossa amostra esse discurso é um discurso político, é perfeitamente compreensível que os parlamentares abusem das nuances de crença/certeza (próprias da modalidade epistêmica) sobre o conteúdo das proposições enunciadas, a fim de tentarem convencer os partidos da oposição ou mesmo os cidadãos comuns de que as planos/promessas/projetos serão cumpridos.

O grupo de fatores *modalidade* não pôde ser utilizado nas rodadas para as formas *estar – NDO*, uma vez que todas as ocorrências do grupo ficaram concentradas no fator *extremo epistêmico*. Tal resultado aventa a idéia de que as noções de conhecimento e crença do falante quanto à ocorrência da situação futura, próprias da modalidade epistêmica, se relacionam bem com as locuções *estar - NDO*, o que nos leva a uma contradição, pois as críticas afirmam que essas formas denotam falta de comprometimento (idéia de certa forma favorecida pelos resultados do grupo *traço aspectual do verbo*). Entretanto, veremos que essa contradição

diminui no grupo de fatores *pessoa do discurso*, uma vez que as primeiras pessoas, as quais costumam salientar as noções de comprometimento e certeza, também favoreceram a ocorrência das locuções *estar – NDO*.

De certa forma, os números confirmaram nossas expectativas quanto ao favorecimento do *FS* nos contextos em que a modalidade epistêmica (0,74)<sup>45</sup> estivesse atuante. Diante desse resultado, temos um argumento favorável à hipótese de que esta variante esteja restringindo sua atuação à modalização.

Os resultados para *vou –R*, variante favorecida pelo extremo epistêmico (0,55), sugerem que quando os parlamentares precisam afirmar categoricamente que alguma situação será cumprida no futuro, parece que a locução *vou –R* é a melhor opção. Além do que, fortalecem a idéia de que essa variante realmente esteja atuando com mais ênfase na função tempo, conforme já atestaram os trabalhos de Gibbon (2000) e Santos (2000).

O *presente*, da mesma forma que as demais variantes, também foi favorecido pelas nuances da modalidade epistêmica<sup>46</sup>.

A atuação do grupo *modalidade* nos estados, conforme o anexo D, confirma a análise feita para as variantes reunidas, porém os resultados de cada estado trazem informações importantíssimas acerca das funções que cada forma exerce na amostra e ajudam a entender o fenômeno da variação das formas de futuridade. Sem essa leitura, o entendimento das funções de cada uma das formas torna-se inviável. O grupo de fatores *modalidade* foi o segundo selecionado no Rio Grande do Sul e o terceiro em Santa Catarina (em ambos para o *FS*); em São Paulo, o grupo foi o segundo, e no Rio, o primeiro, ambos para o *presente*. O grupo não foi selecionado em nenhum dos estados para as variantes *estar – NDO* e *vou –R*.

---

<sup>45</sup> O fato de que o extremo deontico favoreça a ocorrência do *FS* não compromete nossa análise em função do reduzido número de ocorrências, apenas 4% (somados os fatores extremo deontico e possibilidade deontica: 15/352).

<sup>46</sup> Nos dados em restrição, os verbos modais, como já era esperado, foram um ambiente bastante freqüente (40%) para o emprego do *presente* como futuro.

Para as variantes *estar - NDO*, o grupo não foi selecionado em nenhum dos estados, mas revela que, no Paraná, essas formas concorrem diretamente com *vou -R* na expressão das nuances do extremo epistêmico. Por isso, talvez, é que a variante tenha uma frequência de uso mais acentuada nas sessões paranaenses. Nas sessões gaúchas, a frequência das locuções *estar - NDO*, na expressão dessas nuances, também supera *vou -R* e o *presente*, e é provável que por isso essas formas estejam conquistando seu espaço, uma vez que estão atuando justamente na expressão dos matizes de crença e comprometimento do falante. No Rio Grande do Sul, as nuances da possibilidade epistêmica ficaram altamente concentradas no *FS* (0,85), esse fato provavelmente justifica o intenso emprego da variante nesse Estado.

De forma similar às sessões gaúchas, nas catarinenses, a possibilidade epistêmica favoreceu a ocorrência do *FS* (0,90), porém, nesse contexto, o *presente* também é empregado com uma certa frequência. Além disso, o *FS*, abarcando ainda boa parte das nuances do extremo deontico (0,80 - obrigação e necessidade), faz com que os parlamentares catarinenses procurassem por outras formas para expressar as demais nuances de maneira mais clara, por isso há o emprego de outras variantes no estado e, conseqüentemente, emerge o fenômeno da variação.

Nas sessões paranaenses, o *FS* também centraliza as nuances da possibilidade epistêmica, e, no extremo epistêmico, volta a ocorrer uma certa variação entre as formas *estar -NDO* e *vou -R*, como já detalhamos acima.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a análise do grupo *modalidade* precisa ser feita levando-se em consideração o fato de que o *presente* como futuro também foi selecionado. Continuando a análise, as nuances da possibilidade epistêmica também concentram-se de certa forma no *FS*, mas nesses Estados, o *presente* como futuro concorre com essa variante nesse contexto. A disputa é mais acirrada na expressão do extremo epistêmico nas sessões paulistas: parece que esse é um contexto de variação entre o *FS* e *vou-R*.

No Rio de Janeiro, na expressão da possibilidade epistêmica, o *FS* também abarca boa parte dos dados, mas o *presente* nesse contexto também é favorecido.

#### 4.2.4.1 Conclusões parciais

É oportuno retomar uma das questões principais desta dissertação. Postulamos que a função puramente temporal, defendida por Camara Jr. para a forma verbal canônica de tempo futuro, não é condizente com o real emprego das formas alternantes na expressão de futuridade. Encontramos fundamento para rejeitar a proposta do autor em Fleishman (1982). Segundo a autora, mesmo que as formas passem a ter novas funções, elas ainda mantêm vestígios das funções anteriores, o que nos leva a considerar a possibilidade de sobreposição de funções. Este parece ser o caso da variante *vou -R*: embora esteja se orientando para expressar com mais vigor o tempo, ela permite a identificação de outras funções, menos salientes, como a modalidade, em nossa amostra. Portanto, é bastante defensável a idéia de que a proposta de Camara Jr. não retrate adequadamente as funções das formas de expressão da futuridade. Outro elemento que merece destaque aqui são os resultados da modalidade epistêmica para o *FS*. Resgatando a diacronia semântica das formas de futuridade, proposta por Fleishman (1982), podemos pensar que essa variante deve estar se encaminhando para expressar com mais ênfase as nuances epistêmicas na etapa V.<sup>47</sup>, enfraquecendo sua atuação na função tempo.

---

<sup>47</sup> As etapas da diacronia semântica das formas de futuridade podem ser vistas no capítulo I, seção 1.2.3.

#### 4.2.5 Estimativa temporal para ocorrência da situação (planos/promessas/projetos)

Esse grupo de fatores também foi controlado por Poplack e Turpin (1999) e Gibbon (2000)<sup>48</sup>. Para aquelas, o grupo, intitulado *distância temporal*, foi inicialmente testado codificando-se as ocorrências conforme uma escalaridade que ia de uma hora até séculos. Entretanto esta distribuição não foi relevante estatisticamente, apenas quando as autoras amalgamaram as ocorrências em *tempo próximo* (incluindo fatos até um dia) e *tempo distante* é que o grupo tornou-se significativo. Os resultados das autoras contrariaram a idéia de que, conforme atesta a literatura tradicional<sup>49</sup>, a distância temporal fosse importante para a escolha das variantes. Tanto *vou – R* quanto o *FS* foram favorecidas pelo tempo próximo.

Em nossa pesquisa, as sentenças que apresentavam *especificação temporal* foram classificadas segundo a estimativa de tempo para a sua ocorrência: *curta*, *média* ou *indeterminada*.

a) curta: as situações ocorreriam até o término de 2002<sup>50</sup> ou logo nas primeiras semanas de 2003<sup>51</sup>;

(58) Se fizermos isso, **estaremos diminuindo** tanto a União Nacional dos Estudantes, quanto a União Paranaense de Estudantes Secundaristas. (PR – 37ex02)

(45) Quem **administará** Santa Catarina, a partir do ano que vem, é um Chefe do Poder Executivo. (SC - 89ord02)

(59) Acho que **vou ver** muita coisa nesta Casa **até o final desta Legislatura**. (SC – 89ord02)

(60) Sim. Mas, acho que essa decisão **podemos tomar amanhã** ou até depois, numa reunião do Colégio de Líderes. (RJ – ex03)

<sup>48</sup> Gibbon (2000) também controlou o grupo, da mesma forma como as autoras acima, chamando-o de *projeção do fato futuro*. Os resultados, embora percentuais, confirmaram a idéia de que *vou – R* fosse favorecida quando a projeção do fato fosse *curta*. Os dados de futuro do presente, por serem muito reduzidos, não participaram das rodadas finais, o que nos permite comparar apenas os resultados para *vou – R*.

<sup>49</sup> Tanto Said Ali (1963) quanto Cunha e Cintra (1985) dizem que *vou – R* indica uma ação futura imediata.

<sup>50</sup> Adotamos o critério de agrupar as situações até o término de 2002, visto que a análise das sessões começou no mês de dezembro de 2002 e as mesmas já entrariam em recesso no dia 15 do mesmo mês, isto nos daria apenas duas semanas de estimativa.

<sup>51</sup> Optamos por codificar como curtas também as ações que ocorressem logo nas primeiras semanas de 2003, pois o número de sessões até fevereiro de 2003 era bastante reduzido e irregular, deixando intervalos de até quase duas semanas sem a ocorrência de nenhuma sessão.

b) média: a ação ocorreria durante o ano de 2003;

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa.(PR – 104ord02)

(61) Pense um pouco, deputado R.C., quem faz este ano, **poderá ser feito** o **ano que vem**, porque V.Exa. se reelegeu. (PR – 39ex02, p. 8)

(62) Se Deus quiser, **no próximo ano, vamos apresentar** esse projeto, porque estamos embasados na decisão da justiça. (SC – 18ex02)

(31) ... **nos próximos quatro anos** não verei o seu sorriso contagiante [...]V. Exa. **vai** a Brasília e fico alegre.

c) indeterminada: a relação estabelecida não permitia a definição de um tempo para a ocorrência da ação.

(63) Futuramente **estaremos votando** esse projeto que favorecerá os pequenos empresários. (PR – 37ex02)

(49) Este projeto, quer dizer, teve a honrosa manifestação dos Líderes de todas as Bancadas para a sua publicação na Ordem do Dia, o que **viabilizará**, se **um dia** assim se entender adequado, a sua votação numa outra oportunidade.(RS – 01ord03)

(64) Talvez os proprietários dos Centros de Formação de Condutores ainda não conseguiram visualizar o que **vai acontecer no futuro**. (PR – 39ex02)

(25)Se quiserem, é só me dar o endereço que **posso mandar** as pessoas comerem em suas casas. (RJ – ord02)

Nossas hipóteses para a *estimativa temporal* eram as seguintes: com base na literatura tradicional, esperávamos que as variantes *presente* como futuro e *vou –R* fossem favorecidas pela *estimativa temporal curta*. Quando a estimativa fosse *média* ou *indeterminada*, o *FS* e as locuções *estar – NDO* deveriam ser privilegiadas.

Os fatores *estimativa média* ou *indeterminada* inicialmente foram controlados separadamente, porém, após realizarmos algumas rodadas, percebemos que a diferença entre os mesmos não era significativa. Portanto, na tabela 11, esses fatores aparecem amalgamados.

**TABELA 11: Influência da *estimativa temporal* sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou – R</i>			<i>presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>Curta</i>	46/496	9	(0,49)	268/496	54	(0,45)	110/496	22	0,43	49/496	10	<b>0,62</b>
<i>Média à indeterminada</i>	20/192	10	(0,52)	84/192	44	(0,63)	73/192	38	<b>0,66</b>	5/192	3	0,22
Total	66/688	9		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção Estatística	O grupo não foi selecionado			O grupo não foi selecionado			2º grupo selecionado			2º grupo selecionado		

Antes de verificarmos a atuação dos fatores sobre as variantes, é interessante ressaltarmos a alta concentração de dados no fator *curta* duração (aproximadamente 72%), indicando que os temas tratados pelos parlamentares têm um escopo temporal de futuridade próxima.

O grupo não foi selecionado para as locuções *estar – NDO*, e os números indicam que para essas formas a *estimativa temporal* (curta ou média à indeterminada) parece não ser relevante.

Os números também não corresponderam às nossas hipóteses para o *FS*; parece que a variante é empregada principalmente quando há necessidade de transmitir a idéia de que a ação ocorrerá logo (54%). Os resultados, embora percentuais, parecem ratificar as conclusões de Poplack e Turpin, reforçando assim a idéia de que a *estimativa temporal* não influencia, pelo menos, a escolha da variante *futuro do presente*.

A *estimativa temporal* foi selecionada como o segundo grupo estatisticamente relevante para *vou – R*, mas os resultados não validam a hipótese de que a forma verbal *vou – R* seja usada para expressar ações cuja *estimativa temporal* seja curta, contrariando a literatura tradicional e o trabalho de Gibbon (2000). Parece que essa tarefa é melhor desempenhada pelo *FS*, conforme resultados da sessão anterior (com 54% do *FS* nesse fator).

A tabela 11 mostra que o *presente* como futuro apresentou o comportamento esperado: a *estimativa temporal curta* condicionou positivamente a ocorrência da variante (0,62),

enquanto a estimativa *média e/ou indeterminada* (0,22) inibiu-a. Temos portanto um argumento a favor da literatura tradicional.

No anexo E, relativo ao grupo *estimativa temporal* nos estados, a atuação dos fatores evidenciou, de modo geral, o favorecimento do *FS* quando a *estimativa temporal* fosse curta e mostrou uma certa divisão de tarefas entre as outras variantes.

No Rio Grande do Sul, temos a única exceção quanto ao emprego do *FS*. Este foi o único Estado em que a variante foi mais freqüente quando a estimativa era média ou indeterminada. Quando a estimativa ficou caracterizada como *curta*, o *FS* concentrou a maior parte dos dados sim, mas a informação relevante aqui é novamente que as formas *estar – NDO* são mais freqüentes nesse contexto (o grupo foi o segundo selecionado para elas) do que as já conhecidas *vou –R* e o *presente*. Temos, portanto, mais uma razão que motiva o emprego das formas *estar – NDO*: nas sessões gaúchas, elas denotam que as situações serão concretizadas em pouco tempo. É provável que para os parlamentares gaúchos a idéia de que essas variantes seriam usadas para “enrolar” os outros não se sustente.

Em Santa Catarina, o grupo *estimativa temporal* só foi relevante para o *presente* e indica que essa variante é preferida quando a estimativa é curta. Ao lado do *presente*, os parlamentares também usam freqüentemente o *FS*. Nesse Estado, quando a estimativa é longa, parece que essa função cabe a *vou –R*.

No Paraná, o grupo *estimativa temporal* não foi relevante para nenhuma das variantes em estudo. Nas sessões paranaenses, quando os parlamentares precisam enfatizar que algo acontecerá logo, a forma mais freqüente é o *FS*. Porém, esse também é um contexto em que surgem com uma certa freqüência as locuções *estar – NDO*. Quando a estimativa é longa, essa é uma função que cabe a *vou – R*. Disso é possível inferirmos que há chance que esteja

havendo uma especialização de usos dentre as formas em estudo nesta dissertação, conforme os princípios de Hopper (1991)<sup>52</sup>.

Em São Paulo, o grupo só não foi selecionado para as locuções *estar – NDO*. Quando a *estimativa temporal* é curta, temos um contexto de variação entre o *FS* e a forma do *presente* como futuro. Entretanto quando a *estimativa* é longa, essa função é desempenhada prioritariamente por *vou –R*.

O grupo não foi selecionado para nenhuma das variantes nas sessões do Rio de Janeiro, mas a frequência das formas verbais nos sugere que o *FS* ainda é mais usado quando há necessidade de expressar que a *estimativa* de ocorrência da situação é curta. E, mais uma vez, *vou –R* atua quando a *estimativa* for concebida como indeterminada.

#### 4.2.5.1 Conclusões parciais

Em nossa amostra, o grupo *estimativa temporal* mostrou que algumas de nossas hipóteses para as variantes em estudo não se confirmaram: nem as locuções *estar – NDO*, nem o *FS* foram favorecidas pela *estimativa temporal média à indeterminada*, mas sim pela *estimativa temporal curta*. Para o *presente* e *vou – R*, a expectativa era de que a *estimativa temporal curta* condicionasse essas variantes; mas os resultados indicaram que o *presente* foi favorecido nesses contextos. A forma verbal *vou –R* foi preferida em situações de *estimativa média à indeterminada*. De maneira geral, esses resultados também são válidos na leitura individual dos estados, onde ficou nítida a divisão de tarefas entre as formas variantes de futuramente analisadas nesta dissertação.

---

<sup>52</sup> Os princípios de Hopper (1991) já foram apresentados no capítulo II, seção 1.2.1.

#### 4.2.6 Pessoa do discurso

De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p.256) “todos os futuros passam por uma fase de funcionamento na qual expressam intenção, primeiro do falante, e depois do agente do verbo principal [...] o senso de intenção é inferível a partir do uso de um modal, especialmente na primeira pessoa”.

Fica evidente, portanto, a importância do senso de intenção do falante quanto àquilo que enuncia como ação no futuro. É a partir da convicção do falante que se tem como certa ou incerta a ocorrência do evento. Assim a subjetividade tem papel fundamental sobre a declaração do falante a respeito de eventos futuros. (FLEISHMAN, 1982).

Conseqüentemente é válida também a hipótese de que as primeiras pessoas do discurso transmitam maior comprometimento acerca daquilo que é enunciado. Nesse sentido, os resultados dos trabalhos de Santos (1997, p. 101) e Gibbon (2000, p. 87) apontaram que o comprometimento e a noção de certeza do falante encontram-se associados ao emprego da locução verbal *vou –R*, nas primeiras pessoas. Porém, devido ao tom mais formal da amostra com que estamos lidando, aventamos a hipótese de que a idéia de comprometimento nas primeiras pessoas não esteja associada somente a *vou –R*, parte dessa noção deve estar também no *FS*. As demais pessoas devem favorecer as locuções *estar – NDO*, devido, principalmente, à polêmica do gerundismo que associa a falta de comprometimento a essas formas.

a) primeira pessoa do singular:

(21)...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

(53)**Tenho certeza de que**, como presente de aniversário, **levarei** essa liberação, no próximo final de semana, às Regiões Norte e Nordeste do Estado. (RS – 01ex03)

(59) Acho que **you ver** muita coisa nesta Casa **até o final desta Legislatura**. (SC – 89ord02)

(25)Se quiserem, é só me dar o endereço que **posso mandar** as pessoas comerem em suas casas. (RJ – ord02)

## b) primeira pessoa do plural:

(57) Tenho dito aos companheiros que **precisaremos**, na nova legislatura, jogar mais em equipe. (RJ – ex02)

(18) **Vamos estar cobrando** porque não estamos aqui apenas para aprovar emprego para os seus apadrinhados ou para alguns afiliados ou para a acomodação dos seus colaboradores. (SC – 07ex03)

(65) Vamos reabrir a discussão do Plano Estadual de Educação **a partir do ano que vem**, e **vamos fazer** as modificações. (SC – 88ord02)

(60) Sim. Mas, acho que essa decisão **podemos tomar** amanhã ou até depois, numa reunião do Colégio de Líderes. (RJ – ex03)

c) segunda pessoa<sup>53</sup>:

(29) Não sei se V.Exa. **convocará** os Líderes para definir um cronograma, mas há necessidade deste Parlamento - como em todas outras ocasiões houve manifestações - se manifestar. (SC – 91ord02)

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque **você estará lá representando** também esta Casa. (PR – 104ord02)

(30) Mas V.Exa. é jovem, **vai voltar** para a vida política ou como Prefeito de São Joaquim ou como Deputado Estadual, **com certeza**. (SC – 03ex03).

(31) ... nos próximos quatro anos não verei o seu sorriso contagiante [...] **V. Exa.** vai a Brasília e fico alegre. (RJ – ord02)

d) não-pessoa<sup>54</sup>:

(55) Como já disse, o nosso Regimento não permite que os homenageados se manifestem – é um Regimento antigo e, certamente, **deverá**, amanhã ou depois, **ser modificado** nesse particular. (RS - 93ord02)

(37) O Ministro **virá** a Santa Catarina no dia 19. (SC – 01ex03)

(22) Um dia, o Governador vai, entrega a chave, e no outro dia, as pessoas **estão entrando** na casa, e a fechadura dá choques. (SP – 79ex02)

(50) O Governador eleito foi categórico ao dizer ao Sinte que **vai municipalizar** todo ensino fundamental em Santa Catarina. (SC – 86ord02)

(54) A matéria foi retirada de pauta e **volta** na quinta-feira (RJ – ord02)

<sup>53</sup> Os fatores desse grupo estavam assim divididos: *ocê(s)*, *senhor* e *Vossa Excelência*, mas foram amalgamados sob a denominação de 2ª pessoa, uma vez que a classificação proposta não se mostrou relevante e os comportamentos estatísticos foram aproximados.

<sup>54</sup> Os fatores do grupo *não-pessoa* inicialmente estavam assim divididos: sintagma ou pronome (reto, indefinido ou demonstrativo). Entretanto, essa classificação não se mostrou significativa. Portanto, mantivemos apenas a divisão referente a *não-pessoa*, fazendo os amálgamas necessários. A denominação *não-pessoa* é sugerida por Benveniste (1976, p.251).

Na análise da tabela 12, temos que levar em consideração os seguintes fatos: cinco dados foram retirados da análise por não apresentarem sujeito: dois pertenciam às locuções *estar – NDO* e três ao *FS*. Nas locuções *estar – NDO*, os testes de significância apontaram que a diferença entre as primeiras pessoas (79 dados de primeira pessoa do singular e 165, primeira pessoa do plural) das locuções *estar – NDO* e *vou – R* não era significativa, por isso optamos por amalgamá-las.

**TABELA 12: Influência da *pessoa do discurso* sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou – R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	36/244	15	<b>0,65</b>	29/79	37	(0,36)	70/244	29	(0,62)	5/79	6	0,43
<i>1ª pessoa plural</i>	-	-	-	89/165	54	(0,53)	-	-	-	6/165	4	0,26
<i>2ª pessoa</i>	4/42	10	0,44	17/42	40	(0,39)	14/42	33	(0,58)	2/42	5	0,47
<i>Não-pessoa</i>	24/397	6	0,41	214/397	54	(0,53)	99/397	24	(0,51)	41/397	10	0,63
Total	64/683	9		349/683	51		183/683	27		54/683	8	
Ordem de seleção estatística	3º grupo selecionado			O grupo não foi selecionado			O grupo não foi selecionado			3º grupo selecionado		

A tabela mostra que a *pessoa do discurso* não foi selecionada nem para *vou – R*, nem para o *FS*, e o foi para as locuções *estar – NDO* e o *presente*.

Confrontando os resultados dos fatores estatisticamente significantes para *estar – NDO* com as críticas lançadas a essas variantes temos a sensação de que estamos diante de um impasse. Há uma contradição. De um lado, as locuções implicariam a idéia de falta de comprometimento, de que quem as usa tenta enrolar os outros, etc., o que é, em parte, confirmado pelos resultados do grupo *traço aspectual do verbo*. De outro, grupos de fatores importantes em nossa pesquisa mostram que as locuções *estar – NDO* encontram-se associadas às primeiras pessoas e à modalidade epistêmica<sup>55</sup>. Essas pistas nos fazem supor que, em nossa amostra, o comportamento das locuções não reflete as críticas a elas direcionadas.

<sup>55</sup> As variantes *estar – NDO* ficaram reunidas no fator *extremo epistêmico*, onde foram incluídos apenas os dados em que não havia outras marcas de modalidade além do tempo lingüístico e aquelas em que o falante expressa explicitamente a certeza sobre a realização da ação.

Para o *FS*, o grupo pessoa do discurso não foi estatisticamente relevante. Mas, seus resultados, embora percentuais, não excluem a possibilidade de que parte da noção de comprometimento possa ser transmitida no futuro do presente pela *primeira pessoa do plural*.

Apesar da importância que atribuímos ao grupo para *vou -R*, ele deixou de ser selecionado. Seus resultados, embora percentuais, sugerem que a variante tanto pode estar atrelada aos interlocutores (1ª e 2ª pessoa)<sup>56</sup>, como à chamada *não-pessoa*.

As noções de certeza e comprometimento também não favorecem a ocorrência do *presente* como futuro. As primeiras pessoas desfavorecem a ocorrência desta variante. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que a primeira pessoa do plural, no caso do *presente*, permite outras leituras que afetam a futuridade do dado, o que deve interferir na escolha da forma pelos falantes. O exemplo abaixo nos ajuda a entender melhor:

(66) **Encerramos** na próxima semana as atividades relativas a 2002. (PR -104ord02).

A futuridade do exemplo 66 só se mantém devido à especificação temporal **na próxima semana**, senão podemos ler a situação como anterior ao momento de fala ou concomitante a ele.

**Encerramos** as atividades relativas a 2002.

O exemplo com a ausência da especificação temporal permite a leitura da situação como anterior ao momento de fala, isto é, como se as atividades já tivessem sido encerradas, quando na época ainda não haviam sido; ou como se estivessem sendo encerradas no momento em que parlamentar estava proferindo o enunciado.

Nos estados, conforme o anexo F, a atuação do grupo *pessoa do discurso* foi relevante apenas em Santa Catarina, onde as locuções *estar -NDO*, apesar do reduzido número de ocorrências, foram favorecidas pela primeira pessoa do plural (0,77). Nos demais, essas formas também mantiveram sua relação acentuada com as primeiras pessoas.

---

<sup>56</sup> Essa denominação também foi usada no trabalho de Gibbon (2000).

Excetuando-se Santa Catarina, em geral, o grupo mostrou um caráter bastante inconstante: ora o *FS* era favorecido pelas primeiras pessoas, ora pelos interlocutores (1ª e 2ª pessoas), ora pelas primeiras pessoas e não-pessoas, o mesmo ocorrendo para *vou -R* e o *presente*.

#### 4.2.6.1 Conclusões parciais

Nossas hipóteses quanto às noções de comprometimento em *vou -R* e no *FS* não se confirmaram. Parece que, em nossa amostra, as locuções *estar -NDO*, apesar do reduzido número de dados, são a melhor opção dos parlamentares quando a necessidade é transmitir a idéia de comprometimento e certeza da realização da ação. Esse é mais um indicador de que em nosso corpus essas formas têm um comportamento que diverge da crítica lançada a elas.

Nos estados, as locuções *estar - NDO* também foram favorecidas pelas primeiras pessoas, enquanto que as demais variantes apresentaram um comportamento bastante irregular. Esse último fato não nos permite tecer maiores comentários a partir do grupo *pessoa do discurso*.

#### 4.2.7 Especificação temporal

Esse grupo tinha algumas funções, a primeira: pretendia controlar a presença ou ausência de adjuntos adverbiais ou circunstanciais temporais no enunciado, de forma parecida com a proposta de Poplack e Turpin (1999). As autoras controlaram esse grupo de fatores da seguinte forma: i) contexto de não especificação adverbial: aparece um advérbio, mas ele não especifica o tempo futuro; ii) especificação temporal adverbial e iii) sem advérbio. Para as autoras acima, bem como para Santos (1997) e para Gibbon (2000) que fizeram um controle semelhante, o grupo não se mostrou relevante, mas trouxe esclarecimentos interessantes, os quais compartilham a idéia de que o *presente* como futuro precisa realmente de especificação adverbial para desfazer a ambigüidade característica dessa forma (que poderia estar expressando um fato habitual). A alternativa *presente* como futuro não tem condições de expressar sozinha a futuridade; geralmente, precisa da especificação temporal ou dos contextos das condicionais, ou ainda dos verbos modais<sup>57</sup> que lhe permitem desempenhar esse papel temporal. Além disso, como segunda tarefa do grupo, buscamos resposta para a questão do aspecto, lembrando que no futuro a atualização da categoria só ocorre através da utilização de perífrases ou adjuntos adverbiais temporais.

Nossa expectativa é que a variante *presente* como futuro apareça no contexto de especificação adverbial temporal propriamente dito, o que lhe confere justamente a possibilidade de expressão de futuridade. Entretanto não pode atualizar a categoria do aspecto, conforme Travaglia (1985). A hipótese que tínhamos para o *FS*, como já possui marca de futuridade (o morfema *-rei*), era de que essa variante deveria aparecer em contextos sem advérbio, ficando assim impedida de atualizar a categoria do aspecto, já que para tal ela teria que aparecer ao lado de advérbios. Para *vou -R*, postulamos que a mesma seria usada

---

<sup>57</sup> No trabalho de Gibbon (2000) os dados de *presente* ficaram assim divididos: dos 252 dados, 115 estavam no contexto das condicionais; 75 apareceram com modais e 62 com o verbo *ir* no presente do indicativo.

com maior frequência quando não houvesse *especificação temporal*. Os motivos que nos levaram a esse raciocínio foram: i) o trabalho de Poplack e Turpin (1999) apontou que *vou –R* se realizou mais em contextos sem advérbio; ii) pressupondo que *vou –R* esteja de fato codificando tempo, a presença de *especificação temporal* seria um contra-argumento a essa idéia<sup>58</sup>, já que numa perspectiva funcionalista duas formas não exerceriam a mesma função: na presença da especificação temporal *vou –R* estaria atuando mais fortemente na função modalidade e na ausência da especificação, na função tempo. As locuções *estar – NDO* devem ocorrer preferencialmente em contextos com especificação temporal.

Controlamos esse grupo de fatores da seguinte forma:

i) especificação temporal adverbial explícita<sup>59</sup>;

(41) Por isso, amanhã, os membros da Comissão **estarão entregando** pessoalmente ao Ministro da Agricultura, P. de M., esse excelente trabalho desenvolvido pela Comissão... (PR- 34ex02)

(61)Pense um pouco, deputado R.C., quem faz este ano, **poderá ser feito** o **ano que vem**, porque V.Exa. se reeleger. (PR – 39ex02, p. 8)

(62) Se Deus quiser, **no próximo ano**, **vamos apresentar** esse projeto, porque estamos embasados na decisão da justiça. (SC –18ex02)

(28) O que estamos pretendendo, imaginando que **possa acontecer** até quinta-feira, é um acordo entre o futuro governo e o atual para que tenhamos a oportunidade de votar um substitutivo. (RJ – ord02)

ii) aproveita a especificação anterior;

(67) E tenho certeza absoluta e quero fazer um apelo, que a próxima Mesa não abra mão da experiência e seriedade do B. Z. nesta Casa. Entraremos **a partir de 15 de janeiro** em um período eleitoral aqui dentro, a disputa pelos cargos da mesa, mas é possível acontecer, as composições, as disputas. **Estarei travando** apenas uma luta, que é lutar para que esta Casa dedique o mesmo respeito ao deputado B.Z. que ele dedicou nos seus trinta anos nesta Casa. (PR – 104ord02).

(68) Quero acreditar que voltaremos, **no futuro**, a conviver, porque tenho certeza de que V. Exa. **voltará** a esta Casa ... (PR – 103ord02, p.7)

<sup>58</sup> Entretanto, o trabalho de Gibbon (2000) indicou, mesmo em percentuais, que *vou –R* surgiu mais onde havia marcas de explícitas de futuridade.

<sup>59</sup> Nestes dados, controlamos ainda o tipo de especificação adverbial, classificando-a em: i) circunstanciais temporais propriamente ditos, do tipo: *futuramente, em maio, quinta-feira que vem, na próxima semana, depois de amanhã*; ii) circunstanciais temporais pontuais: *de repente, agora, neste momento*; .iii) circunstanciais temporais durativos: *o dia todo, a semana toda, durante o ano todo*. Entretanto, não tivemos dados com circunstanciais temporais pontuais ou durativos que passassem no teste da substituição. De qualquer forma, esta subdivisão visava captar com exatidão o tipo de especificação adverbial temporal, uma vez que nem todas as especificações adverbiais temporais funcionam igualmente para a atualizar a categoria do aspecto. De acordo com Costa (1990), os circunstanciais temporais propriamente ditos podem ou não ser indicadores aspectuais; os temporais pontuais expressam uma ocorrência momentânea e combinam-se com fatos verbais perfectivos e os temporais durativos é que são considerados *intrinsecamente* definidores da marca imperfectiva da frase.

(65) Vamos reabrir a discussão do Plano Estadual de Educação **a partir do ano que vem**, e **vamos fazer** as modificações. (SC – 88ord02)

(31) ... nos próximos quatro anos não verei o seu sorriso contagiante [...]. Exa. **vai** a Brasília e fico alegre. (RJ – ord02)

### iii) especificação temporal adverbial dada pelo contexto<sup>60</sup>

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa. (PR – 104ord02)

(69) e, certamente, **darei** essa minha contribuição porque vou respeitar a vontade do povo paranaense. (PR – 104ord02, p. 8)

(50) O Governador eleito foi categórico ao dizer ao Sinte que **vai municipalizar** todo ensino fundamental em Santa Catarina. (SC – 86ord02)

### iv) sem especificação

(58) Se fizermos isso, **estaremos diminuindo** tanto a União Nacional dos Estudantes, quanto a União Paranaense de Estudantes Secundaristas. (PR – 37ex02)

(70) Se o fundo dos rios for revolvido dessa maneira, é quase certo que não **teremos** a capacidade de nessa peneirada tirar o material suspenso (SP – 79ex02).

(71) **Vamos criar** novas vagas, caso o projeto de Lei seja aprovado. (PR – 101ord02)

**TABELA 13: Influência da especificação temporal sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	estar – NDO			FS			vou – R			Presente		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>Explícita</i>	33/393	8	(0,47)	268/393	60	<b>0,58</b>	78/393	20	(0,41)	32/393	8	(0,54)
<i>Anterior</i>	6/67	9	(0,48)	33/67	49	0,51	23/67	34	(0,60)	3/67	3	(0,27)
<i>Contextual</i>	25/217	12	(0,55)	81/217	37	0,37	77/217	35	(0,61)	19/217	9	(0,52)
<i>Sem especificação</i>	2/11	18	(0,60)	3/11	27	0,21	5/11	45	(0,70)	-	-	-
Total	66/688	9		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção estatística	O grupo não foi selecionado			2º grupo selecionado			O grupo não foi selecionado			O grupo não foi selecionado		

<sup>60</sup> Sentimos a necessidade de criar esse grupo visto que o parlamentar, durante seu discurso, não repetiria, para cada uma de suas promessas, que estas seriam cumpridas no próximo ano, no próximo mandato. A princípio, poderíamos pensar em reunir esse grupo com o “aproveita a especificação anterior”, mas neste só entraram as ocorrências em que o próximo dado ainda estivesse no mesmo parágrafo do dado que “emprestou” a sua especificação temporal.

De modo geral, a tabela 13 revela uma distribuição gradiente e bastante funcional dos fatores desse grupo: inicialmente, temos o uso de marcas explícitas; depois, o aproveitamento dessas marcas; a seguir, apenas o contexto, e, finalmente, ausência de marcas temporais na expressão da futuridade.

Mas, antes de continuarmos a análise, é bom termos em mente que em nossa amostra a *especificação temporal* apresenta certas peculiaridades. O fato de haver apenas 11 dados sem marcas temporais está fortemente ligado à questão das restrições discutidas anteriormente e precisa ser relativizado na análise das variantes. Precisávamos garantir o contexto de futuridade para todas as formas verbais alternantes, assim na hora de fazermos o teste para ver se o dado era intercambiável ou não, a presença da especificação temporal é que acabava sendo o fator de sua inclusão ou exclusão, sob pena de usarmos ocorrências em que houvesse a leitura habitual ou fossem concomitantes ao momento de fala. Isso deixou muitos dados fora da análise variacionista.

Controlar esse grupo de fatores para as variantes *estar –NDO* nos permitiria observar se essas formas ainda estão atuando na função de expressar o aspecto<sup>61</sup>. Os resultados da tabela acima nos fazem recapitular a afirmação de que o emprego canônico de *estar* é/era “inserir automaticamente o fato verbal referido num fragmento de tempo [...] atribuindo-lhe um período de vigência” (COSTA, 1990,p.54). Vejamos o exemplo (1), já exposto na introdução desta dissertação:

1. Amanhã, a esta hora, **estaremos chegando** em Brasília.

O exemplo se configura como o emprego canônico de *estarei –NDO*, ou seja, primeiro temos a localização de um ponto no futuro, expresso em (1) por *amanhã*, e, depois, a delimitação desse ponto, dada por *a esta hora*, caracterizando assim uma situação futura durativa.

---

<sup>61</sup> A discussão referente à expressão do aspecto pelas locuções *estar –NDO* já foi detalhada no capítulo I, seção 1.1, desta dissertação.

Em nosso corpus, os resultados, embora percentuais, sugerem que o emprego das locuções *estar –NDO* parece não estar mais tão ligado ao uso das marcas temporais (apenas 50% dos dados tinham marca temporal explícita). Essa perda das marcas temporais talvez esteja sinalizando a diminuição do caráter durativo das locuções *estar – NDO*. Sem esse caráter durativo, ou seja, sem as marcas que lhe fornecem o período de vigência, essas variantes passariam a ter seus contextos de uso alargados, apenas projetando uma ação, mas sem dar-lhe um ponto específico de referência.

Portanto, a hipótese que estamos propondo é que as locuções *estar – NDO* estejam enfraquecendo seu traço aspectual. E parece-nos que não só os nossos resultados, mesmo em percentuais, autorizam-nos a pensar dessa forma. Henriques (2000, p. 2) afirma que o gerúndio, no português, pode ser considerado “atualizador da categoria semântico-aspectual, por sua propriedade de designar a duração do processo”. Ainda, segundo o autor, “a concretização do aspecto pode depender de outros elementos textuais (os verbos auxiliares e os adjuntos adverbiais)”<sup>62</sup>. Então a perda das marcas temporais realmente poderia evidenciar que as locuções estão passando a desempenhar outros papéis, além da atualização do aspecto. Restringindo a discussão apenas para *estarei – NDO*, supomos que a sobreposição de funções que havíamos postulado para ela no início do trabalho esteja de fato ocorrendo.

Assim, as considerações em relação à *especificação temporal* sugerem que nas locuções *estar –NDO*, particularmente<sup>63</sup> na variante *estarei –NDO*, esteja de fato ocorrendo a sobreposição das funções aspectual e temporal. Contudo, falta-nos um número mais expressivo de ocorrências para elucidarmos com maior exatidão qual é o grau dessas funções nas variantes em questão. Não sabemos precisamente qual é o grau de cada uma das funções que estão sobrepostas nas variantes, porém é certo que uma delas está atuando com maior

---

<sup>62</sup> Nesse sentido, o pensamento de Henriques aproxima-se de Givón (cf. nota 32, p. 107, desta dissertação).

<sup>63</sup> Com as devidas ressalvas para o reduzido dados de *vou estar –NDO* e *estou –NDO*.

saliência e as demais não foram excluídas, apenas enfraquecidas, aparecendo em determinados contextos.

Esse conjunto de funções talvez seja a chave para tentarmos solucionar a aparente contradição de alguns resultados encontrados em nossa pesquisa em relação às críticas de que essas formas denotam falta de comprometimento. As formas *estar –NDO* estariam passando por um processo de gramaticalização, isto é, estão abarcando novas funções em decorrência do uso que os falantes fazem delas, uma vez que é no discurso, na situação de interação dos falantes, que ocorre a organização da língua (HOPPER, 1987; GIVÓN, 1990; 1993; 1995; 2001). Assim, essas variantes, durante o processo de gramaticalização, estariam no *continuum*, ou seja, não estão perdendo sua função inicial (no caso, o aspecto), e sim passando por um processo de mudança categorial, em que estão abarcando outras funções (tempo), conforme a perspectiva de Givón (1979).

Essa alternância de funções é que pode ter motivado o surgimento da polêmica ao redor das locuções *estar - NDO*. A provável redução do traço durativo das locuções *estar – NDO* permitiu que elas fossem usadas em contextos variados, diferentes do seu emprego canônico. Conseqüentemente, a entrada da locução em ambientes novos, para os quais já havia formas (o *FS*, *vou -R*, o *presente*), provocou o seu estranhamento. Nesses ambientes, supostamente com o seu traço durativo enfraquecido, a “nova” forma passa co-ocupar/variá-las nos lugares das formas “antigas”. Um exemplo disso pode ser o uso de *estar – NDO* com os verbos de traços terminativos, com os quais anteriormente as formas antigas ocorriam sem problemas por não guardarem vestígios durativos, como é o caso das locuções *estar – NDO*. Esse período de estranhamento é que deve ter motivado as críticas acima mencionadas. Porém, estando as locuções no *continuum* proposto por Givón, elas tendem a abarcar as demais funções das formas antigas (que também vão deixando/adquirindo funções) e,

conseqüentemente, o tempo, foi a próxima função atribuída pelos falantes às locuções *estar* – *NDO*<sup>64</sup>.

A hipótese de que o *FS*, a princípio, não precisaria da marca, visto que já possui o morfema *–rei* para indicar futuridade, é pertinente; mas, em nossa amostra, ela acaba necessitando da marca devido ao grande número de variantes em estudo e às restrições que nos são metodologicamente necessárias. O que nos intriga é o fato de justamente as marcas explícitas favorecerem uma variante que por si só já garante a futuridade através do morfema *–rei*, o que contraria nossa hipótese inicial. A expectativa era de que quando houvesse ausência ou, no máximo, a especificação fosse apenas contextual é que teríamos a ocorrência do *futuro sintético*. Porém, de acordo com o resultado da tabela, esta variante é justamente favorecida nos contextos marcados pela especificação adverbial *explícita* (0,58)<sup>65</sup>. Quando não há especificação (0,21), ou esta é apenas *contextual* (0,37), não estando bem assinalada, temos um contexto que desfavorece a variante. Talvez isso esteja associado à questão que postulamos no grupo anterior: uma vez que é mais fácil para os parlamentares evidenciarem apenas uma das fases dos seus projetos, seria natural que isso ocorresse com o auxílio de uma especificação temporal. E, em nossa amostra, a verbalização da especificação temporal, explícita ou contextual, acaba tendo uma grande importância no discurso do parlamentar, pois acaba enfatizando a idéia de que as planos/promessas/projetos serão concretizados. Por outro lado, o fato do *FS* precisar da especificação temporal pode reforçar a idéia de que nessa

---

<sup>64</sup> Apesar de a modalidade encabeçar a hierarquia das fontes primárias de futuro, categorias espaciais/locativas também figuram entre as fontes primárias. De acordo com Fleishman (1982): “expressões modais e locativos evoluem para marcadores aspectuais [...]; marcadores aspectuais evoluem para marcadores temporais [...]”. Além disso, a autora afirma que na trajetória semântica das formas de futuridade uma forma não precisa passar por todos os estágios. Isso faz com que suponhamos que o *estar* por ser um locativo e marcador aspectual, como *go* e *ir*, também esteja atuando na função tempo. Porém, diferentemente de *ir* e semelhantemente a *go*, o *estar* entraria no estágio aspectual e estaria, aos poucos, também começando a atuar com mais força no estágio tempo, conforme a Diacronia semântica da futuridade proposta por Fleishman (1982), apresentada no capítulo I, seção 1.2.3, desta dissertação.

<sup>65</sup> Os resultados de Santos (1997), mesmo em termos percentuais, também indicaram que o *FS* aparece com maior frequência em contextos com especificação temporal.

variante esteja mesmo havendo um enfraquecimento da função tempo e um aumento das nuances modais.

Direcionemos agora nossa atenção a *vou -R*. De acordo com a tabela 13, mesmo em percentuais, nos contextos em que há especificação temporal explícita a variante é pouco freqüente (20%). Nossos resultados, de certa forma, corroboram os de Poplack e Turpin (1999)<sup>66</sup> e Gibbon (2000), porém é necessário atentarmos para o fato de que o reduzido uso de *vou -R* com especificação temporal reforça a tese de que é possível que a mesma esteja codificando tempo, mas não só isso. Para Gibbon (2000), *vou -R* apareceu mais em contextos com especificação temporal explícita e a autora chama atenção para duas possibilidades quanto às funções dessa variante e esse parece ser o caso aqui: por um lado, fazendo-se as ressalvas necessárias, os resultados da autora, mesmo em termos percentuais, revelaram que a variante apareceu mais nos contextos em que havia marca explícita de futuridade, sugerindo que: “uma vez que a ocorrência do advérbio ou locução marca com mais ênfase o tempo futuro, então é possível admitir que a perífrase está, nesses contextos, codificando tempo” (op.cit., p. 96). Por outro lado, a autora afirma que na presença da especificação temporal *vou -R* estaria atuando mais fortemente na função modalidade, já que numa perspectiva funcionalista duas formas não exerceriam a mesma função.

O grupo *especificação temporal* não foi considerado relevante para a variante *presente*. De qualquer forma, os números, embora percentuais, confirmam nossas expectativas de que o *presente* precisasse do auxílio da especificação temporal para eliminar a possível idéia de habitualidade e expressar a futuridade.

Nos estados, conforme anexo G, é perceptível a manutenção dos resultados já detalhados para as variantes em sua análise geral. No Rio Grande do Sul, o grupo só foi selecionado para as variantes *estar - NDO* e sugere que as mesmas são favorecidas por

---

<sup>66</sup> Para Poplack e Turpin (1999), os contextos sem advérbio também favoreceram a ocorrência de *vou -R*.

marcas contextuais. O grupo não foi selecionado para as demais variantes no Estado gaúcho, porém a atuação dos fatores se mantém inalterada se comparada à análise com os estados agrupados.

Em Santa Catarina, o grupo foi selecionado tanto para as locuções *estar – NDO* quanto para o *FS*, e mostra praticamente os mesmos comportamentos, já evidenciados nas sessões gaúchas, para as variantes em questão. Novamente *vou –R* e o presente não divergiram da análise com os estados agrupados.

No Paraná, o grupo não foi selecionado para nenhuma das variantes, mas aponta ligeiras diferenças quanto ao *FS* e *vou –R*. Parece que na capital paranaense os resultados para essas variantes se invertem: *FS* é mais freqüente em contextos sem marca explícita e *vou –R* passa a ser mais usada quando há marcas explícitas de temporalidade.

Em São Paulo, o grupo foi selecionado para o *FS* e os resultados nos levam ao padrão das sessões gaúchas e catarinenses quanto ao emprego do *FS* e também de *vou –R*.

No Rio de Janeiro, novamente o grupo foi selecionado para o *FS* e continua a manter o padrão das sessões gaúcha, catarinense e paulista quanto ao uso de marcas temporais. Apenas há uma leve alteração quanto ao emprego das locuções *estar – NDO*: nas sessões cariocas elas tendem a ser mais freqüentes ao lado de marcas temporais explícitas.

#### 4.2.7.1 Conclusões parciais

O grupo *especificação temporal*, tanto na análise com os estados agrupados quanto na análise individual, evidenciou que: contrariamente à nossa hipótese o *FS* foi favorecido por contextos onde há marca temporal. As locuções *estar – NDO* foram mais freqüentes onde há marcas temporais (conforme o esperado), porém os números já deixam transparecer que as mesmas tendem a ocorrer também em contextos sem marcas temporais explícitas, o que

provavelmente contribui para que passem a desempenhar outras funções além da aspectual. Quanto a *vou -R*, o fato dessa variante ser pouco freqüente em contextos onde há marcas temporais explícitas confirma a hipótese e sugere que a mesma esteja se encaminhando para atuar mais na função tempo, não deixando porém de atuar na função modalidade. O *presente*, confirmando nossas expectativas, foi mais freqüente nos casos em que havia marcas temporais a fim de evitar a possível leitura habitual.

Os resultados acima descritos são indícios de que a divisão de tarefas proposta por Fleishman (1982) pode estar acontecendo em nossa amostra. Assim, na diacronia semântica proposta pela autora, as variantes em estudo nesta dissertação estariam atuando da seguinte forma: nas funções aspecto/tempo: *estar -NDO*; modalidade/tempo *vou -R* e tempo/modalidade *FS*.

#### 4.2.8 Assunto

Este grupo foi controlado com o objetivo de verificar se, porventura, os parlamentares alterariam o uso das variantes em estudo conforme o tipo de assunto discutido durante as sessões. Aventamos a hipótese de que assuntos ligados a questões de ordem “teórica” (tramitações de projetos, leis, orçamentos...) ou “prática” (resolução de problemas sociais) influenciassem a escolha das formas alternantes sob análise: no caso, o *FS* deveria ser favorecido por questões distantes da prática. As demais variantes seriam privilegiadas quando o assunto em pauta fossem questões sociais.

O grupo foi assim organizado:

a) assuntos sociais (problemas com saúde, habitação, desemprego, educação, violência, asfaltamento de ruas, etc.);

(22) Um dia, o Governador vai, entrega a chave, e no outro dia, as pessoas **estão entrando** na casa, e a fechadura dá choques. (SP – 79ex02)

(72) No dia 20 ou 21, o Reitor e sua equipe **selecionarão** os novos professores e funcionários (RS – 01ord03)

(50) O Governador eleito foi categórico ao dizer ao Sinte que **vai municipalizar** todo ensino fundamental em Santa Catarina. (SC – 86ord02)

(25) Se quiserem, é só me dar o endereço que **posso mandar** as pessoas comerem em suas casas. (RJ – ord02)

b) assuntos não sociais (discussões entre os parlamentares sobre acerto de contas do mandato que estava encerrando, previsões orçamentárias para o próximo mandato, discussões durante as votações dos projetos);

(21)...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

(70) Em seguida, **teremos** a continuidade do Projeto de lei que estima a receita e fixa a despesa para o exercício financeiro de 2003.(SC – 95ord02)

(59) Acho que **vou ver** muita coisa nesta Casa **até o final desta Legislatura**. (SC – 89ord02)

(54) A matéria foi retirada de pauta e **volta** na quinta-feira (RJ –ord02)

c) ocasiões especiais (eventos, despedidas, homenagens dos parlamentares devido ao término do mandato do governo).

(32) São cinco mandatos de deputado estadual que lhe credenciam para ser vice-governador do Estado, com certeza será nosso governador em muitos momentos e pode ter certeza de que você orgulha não só o senhor N., sua mãe, sua esposa, seus filhos, você orgulha também todos os deputados estaduais, porque você **estará lá representando** também esta Casa.

(42) ...quando **faremos** a entrega do Título de Cidadão Catarinense ao Sr. J.S.(SC- 23ex02)

(30) Mas V.Exa. é jovem, **vai voltar** para a vida política ou como Prefeito de São Joaquim ou como Deputado Estadual, **com certeza**. (SC – 03ex03).

(31) ... nos próximos quatro anos não verei o seu sorriso contagiante [...]V. Exa. **vai** a Brasília e fico alegre. (RJ – ord02)

**TABELA 14: Influência do assunto sobre as variantes**

Fatores	Variantes											
	<i>estar – NDO</i>			<i>FS</i>			<i>vou –R</i>			<i>Presente</i>		
	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR	Frequência Aplic./Total	%	PR
<i>Sociais</i>	13/179	7	(0,43)	76/179	42	0,41	<b>67</b> /179	37	(0,63)	13/179	7	(0,48)
<i>Não sociais</i>	33/384	9	(0,48)	218/384	57	<b>0,55</b>	<b>85</b> /384	22	(0,45)	33/384	9	(0,53)
<i>Despedidas, homenagens</i>	20/125	16	(0,65)	58/125	46	0,49	31/125	25	(0,48)	117/125	6	(0,45)
Total	66/688	9		352/688	51		183/688	27		54/688	8	
Ordem de seleção Estatística	O grupo não foi selecionado			6º grupo selecionado			O grupo não foi selecionado			O grupo não foi selecionado		

De acordo com a tabela 14, o tipo de assunto discutido durante as sessões se mostrou relevante apenas para o *FS*. Entretanto, é interessante observarmos a distribuição dos percentuais a fim de estabelecermos algumas analogias com o comportamento das demais variantes.

As locuções *estar –NDO*, contrariamente às nossas expectativas, tendem a ser mais recorrentes quando os parlamentares estão em situações especiais como *despedidas/homenagens*, o que nos intriga uma vez que as locuções são tão criticadas e se trata de momentos bastante formais, nos quais se exigiria as formas previstas pelas gramáticas normativas. Isso pode ser um indício de que as locuções talvez estejam atuando em alguma das nuances da modalidade. Entretanto, os matizes modais que estariam em jogo não seriam pertencentes nem à modalidade epistêmica nem à modalidade dêontica. Na diacronia

semântica proposta por Fleishman (1982), o último estágio apresenta uma série de nuances modais e, dentre estas, estão a atenuação e as características de comportamento. Diante disso, é possível que o favorecimento das locuções *estar – NDO* durante as homenagens esteja relacionado a características de comportamento, quando o falante deseja ser mais polido com os seus interlocutores. E o contexto das *despedidas/homenagens* parece-nos ser bastante propício a essa nuance, supostamente, embutida nas locuções *estar – NDO*. Outro fator que contribui para essa idéia, é a maior frequência dessas formas ao lado das primeiras pessoas, conforme a tabela 12. Estendendo a discussão sobre o uso das locuções como recurso para mostrar polidez, poderíamos pensar que essa seja a causa para o suposto emprego dessas formas pelas atendentes de telemarketing. De qualquer forma, essas e outras especulações a respeito da utilização das locuções *estar – NDO* por esses profissionais precisam do amparo de um significativo número de dados desse tipo de interação.

Parece que assuntos que não mantenham ligações com problemas sociais (0,55) favorecem a ocorrência do *FS*, enquanto assuntos sociais desfavorecem-na, o que confirma nossas expectativas. Assim, é possível que haja alguma relação do *assunto* com o grupo *traço semântico inerente ao verbo*; pois em geral problemas com saúde, educação, violência ameaçam a qualidade de vida da população e, conseqüentemente, precisariam ser resolvidos com maior urgência. Isso implicaria o uso de verbos cujo traço de movimento fosse mais saliente, uma vez que precisa haver ação para a resolução dos problemas enumerados. Exemplo: se falarmos em construção de hospitais ou criação de equipes que atendessem as comunidades carentes em suas casas, pensamos em homens trabalhando para edificar as paredes do hospital, agentes comunitários se deslocando de um canto a outro na cidade, etc. Nesses exemplos, os traços dos verbos “trabalhar” e “deslocar” indicam um grau de movimento forte<sup>67</sup>, traço esse que seria comum a todas as situações sociais a serem resolvidas.

---

<sup>67</sup> O cruzamento dos grupos assunto e traço semântico inerente ao verbo indicam que os parlamentares empregam verbos de movimento (59%) quando os assuntos são ligados a problemas sociais. Porém, o maior uso

Além disso, supomos que o que esteja acontecendo também tenha alguma relação com o caráter público das sessões: ao mesmo tempo em que o parlamentar usa a variante canônica (a forma de prestígio, prevista pelas gramáticas) em situações mais formais, como no caso das homenagens e solenidades, ou durante as discussões dos projetos, leis, como forma de deferência para com seu interlocutor, ele também pode empregar outras variantes (a locução *vou-R*, o *presente*, cujo tom formal é menos acentuado) para se “aproximar” do cidadão comum, que possivelmente acompanha as sessões na Casa ou via rádio, tv.

Mesmo não sendo estatisticamente significativo para *vou -R*, o grupo revela que a variante não é bem-vinda, principalmente quando o assunto é a própria discussão dos parlamentares (*fatores não sociais*) ou quando estes encontram-se numa sessão cujo tema seja o encerramento de um mandato, homenagens ou solenidades (25%). Essas ocasiões mais formais mostram-se o contexto preferencial de uso do *FS*, segundo os pesos relativos da tabela 14. Conforme os percentuais da tabela acima, a variante *vou -R* está sendo mais usada (37%) quando os assuntos são sociais, talvez como estratégia de o parlamentar se aproximar mais do cidadão comum nesses momentos.

Para o *presente*, a assunto também não foi relevante, mas indica que a variante tende a ser empregada com mais frequência quando o assunto não tem relação com problemas sociais, o que contraria nossas expectativas.

Nos estados, conforme o anexo H, a leitura dos resultados reflete a discussão acima. O grupo foi selecionado como relevante apenas em Santa Catarina, mas confirma grande parte do que já foi dito a respeito da influência do *assunto* sobre as variantes.

---

dos verbos de movimento ocorre quando os assuntos não tem relação com o povo: 67% (assuntos não sociais) e 63% (homenagens e despedidas).

#### 4.2.8.1 Conclusões parciais

O grupo *assunto* não foi um dos mais relevantes nesta dissertação, porém trouxe informações que ajudam a entendermos melhor o processo de variação entre as formas de futuridade. Percebemos que cada uma das variantes parece ter seu lugar nas sessões parlamentares dos cinco estados analisados: o *FS* é empregado pelos parlamentares quando o assunto não tem ligação com assuntos sociais, o que confirma nossas expectativas; nesse sentido, parece que há uma certa funcionalidade entre as variantes, pois como suspeitávamos *vou -R* foi favorecida justamente quando os assuntos tinham vínculo com problemas sociais.

Curiosamente, as locuções *estar - NDO* e o presente foram mais freqüentes em situações distantes de questões sociais.

## Conclusão

Ao término desta dissertação, resgatamos o que foi exposto em cada uma das seções anteriores, sintetizamos as principais conclusões, pontos interessantes e polêmicos que nosso trabalho permitiu constatar. Além disso, apontamos possíveis desdobramentos que podem surgir a partir desta pesquisa.

Na primeira parte, procuramos delinear o que seria o nosso objeto de estudo, as formas de expressão de futuridade, a partir de trabalhos variacionistas já realizados, como o de Santos (1997), Gibbon (2000), Santos (2000). Além disso, fizemos uma busca em fontes diversas a respeito da polêmica sobre o gerundismo, uma vez que as locuções *estar -NDO* foram o “embrião” desta dissertação.

A segunda parte mostrou como as variantes estão intimamente ligadas às categorias de tempo, aspecto e modalidade. O surgimento de “novas” formas de futuridade está relacionado ao enfraquecimento de uma dessas categorias. A partir daí ou surgem perífrases ou alguma forma, já disponível para os falantes, passa a abarcar aquela função (no caso da língua portuguesa, essa alternância de funções na expressão da futuridade já vem desde o latim). A partir de Fleishman (1982), percebemos que existe um rodízio entre as funções próprias das formas de futuridade, isto é, elas carregam em diferentes graus nuances das três categorias: tempo, aspecto e modalidade. Assim, entre as possíveis formas de expressão da futuridade, vamos encontrar aquelas que evidenciam uma maior carga de modalidade, com nuances mais veladas de aspecto e tempo, ou ainda, uma carga temporal mais saliente e as demais mais atenuadas.

A terceira parte da pesquisa detalhou todo o aparato teórico que sustenta as análises realizadas. Começamos trançando o perfil da sociolinguística laboviana, discutindo conceitos importantes como o de regra variável, variantes linguísticas cuja motivação não se deve ao

acaso, mas sim a fatores lingüísticos ou extralingüísticos (conforme os resultados desta dissertação, vimos que ambos os fatores são significativos para dar conta da variação existente entre as formas analisadas). A seguir, adentramos nos domínios funcionalistas, percebendo que a língua, devido a motivações cognitivas, comunicativas e sociais, tende a sofrer modificações, as quais, conforme a freqüência de uso, podem vir a se tornar formas regulares e fixas. Buscamos no funcionalismo também os princípios da marcação, uma vez que consideramos as locuções *estar –NDO* como construções marcadas nesta dissertação. A noção de *continuum* relativa à gramaticalização, ainda nos domínios funcionalistas, foi extremamente útil para entendermos como as variantes *estar –NDO* passaram a codificar as categorias verbais de aspecto e tempo. A gramaticalização nos diz que as formas não assumem novas funções de uma hora para outra; temos aí um processo contínuo, no qual as formas vão aos poucos assumindo novas funções, sem, no entanto, abandonar as iniciais. O trabalho de Mendes (1999) ilustrou o processo de gramaticalização da locução *estar – NDO*, que teria ocorrido da seguinte maneira:

**verbo pleno > construções locativas > locuções verbais**

Como locuções verbais, verificamos que *estar – NDO*, conforme uma série de autores, pode atualizar a categoria de aspecto. Associando essa constatação à polêmica do gerundismo, postulamos que, além de aspecto, essas formas estariam desempenhando outras funções (tempo e modalidade) passando a fazer parte daquelas capazes de expressar futuridade na língua portuguesa e, portanto, poderiam ser incluídas como variantes, ao lado de formas já conhecidas na expressão do tempo verbal futuro: o *FS*, *vou –R* e o *presente*.

Nosso próximo passo, ainda na seção teórica, foi detalhar as categorias de tempo, aspecto e modalidade. Essas três categorias são comuns na expressão do tempo verbal futuro e acabam quase sempre emaranhadas, tornando difícil separarmos uma das outras. No estudo do tempo, tomamos emprestadas as noções reichenbachianas de momento de fala, momento de

referência e momento da situação, concebendo o futuro do presente como uma situação posterior ao momento de fala. Quanto ao aspecto, verificamos que a atualização desta categoria no tempo verbal futuro é bastante controversa, sendo possível apenas a partir de perífrases, lexema ou semantema do verbo ou com a ajuda de adjuntos adverbiais ou circunstanciais temporais. No estudo da modalidade, salientamos que esta categoria é fonte primária de futuros (fazendo-se as devidas ressalvas para as locuções *estar – NDO*) e que é bastante difícil termos uma expressão futura dissociada de nuances modais. O que pode acontecer é uma expressão mais atenuada dessas nuances quando outras categorias (tempo e aspecto) estão evidentes.

Na quarta seção, detalhamos a variável dependente e as restrições impostas na seleção dos dados, a fim de garantirmos o mesmo significado representacional das formas variantes. Além disso, descrevemos a amostra e o programa estatístico (VARBRUL 2S), utilizados nesta dissertação.

A análise dos resultados nos trouxe evidências favoráveis às hipóteses de que há: i) variação entre o *FS*, *vou –R*, o *presente* e as locuções *estar – NDO* para expressão da futuridade; ii) atuação tanto de fatores lingüísticos quanto extralingüísticos motivando a competição entre as variantes; iii) sobreposição de funções nas variantes e iv) um estágio inicial de gramaticalização das locuções *estar –NDO*.

Vejamos agora separadamente o que parece favorecer ou desfavorecer o uso de cada uma das variantes em estudo nesta dissertação.

Para as locuções *estar – NDO* os grupos estatisticamente selecionados foram nesta seqüência: *a fonte do dado*, *o traço aspectual do verbo* e *a pessoa do discurso*. Os demais grupos não foram selecionados, mas nos trouxeram informações importantes a respeito do funcionamento dessas formas.

Os resultados do *traço semântico inerente ao verbo principal* sugerem que as locuções possuem uma leve tendência a ocorrer mais com verbos cuja noção de movimento é fraca ou ausente. Quando a idéia de movimento é mais forte, temos um contexto que, ao contrário de nossas expectativas, não favorece as locuções *estar - NDO*. Se a *estimativa para ocorrência da situação* for *média* ou *indeterminada*, temos outro contexto não propício à ocorrência dessas formas, mais freqüentes quando a estimativa é *curta*. A freqüência de apenas 50% das locuções na presença de *marcas temporais* indica que *estar - NDO* pode sim estar perdendo um pouco de seu caráter durativo, uma vez que as marcas permitem que a locução estabeleça os limites de vigência de uma situação, ou seja, a sua duração. Esse fato confirma nossa intuição a respeito da possível sobreposição de funções nas locuções *estar - NDO*.

A *fonte do dado*, primeiro grupo selecionado como estatisticamente significativo, mostrou que nossa hipótese sobre a tendência de haver um maior emprego das locuções *estar - NDO* em São Paulo não foi confirmada, mas revelou-nos que talvez estejamos no caminho certo. Ainda que a maior freqüência de uso das locuções *estar - NDO* se concentre no Paraná, é possível dizermos que esse fato reaviva a idéia de que São Paulo seria o pólo irradiador dessas construções. O que nos leva a considerar essa hipótese é o fato de que São Paulo tem uma certa ascendência sobre o Estado do Paraná e isso provocaria o espraiamento da forma. Há uma grande chance de que se as locuções tivessem realmente se espraiado a partir de São Paulo a direção a ser tomada seria o Paraná. A incidência das formas, mesmo que em números bastante reduzidos, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, sugere que talvez esteja se configurando um *continuum* dialetal entre esses estados. Entretanto, essa hipótese só pode ser confirmada com a busca de dados em outras amostras de fala.

O segundo grupo selecionado para as locuções, o *traço aspectual do verbo*, parece nos indicar porque os parlamentares paulistanos, ao contrário do que esperávamos, empregam pouco as locuções. Os verbos do tipo *accomplishment* (que precisam evidenciar a noção de

término) e *atividade* (que não precisam evidenciar término) foram os que mais privilegiaram ocorrência das construções em questão, na rodada geral. Nos estados, os resultados do grupo foram praticamente os mesmos, com exceção de São Paulo, onde os verbos do tipo *accomplishment* exibiram uma tendência mais acentuada ao favorecimento das locuções. Essa informação, oriunda justamente do Estado de São Paulo, talvez seja a causa do pouco uso de *estar -NDO* nas sessões paulistas, pois verbos *accomplishments* na forma progressiva retiram a obrigatoriedade do término da situação, conforme Scher e Viotti, e ainda deixam no ar a sensação de falta de comprometimento. Entretanto, os resultados do grupo *pessoa do discurso* revelaram que a sensação de falta de comprometimento não se aplica integralmente a essas formas. O grupo *pessoa* só foi relevante para as locuções e mostrou que as mesmas mantêm uma relação harmônica com as primeiras pessoas do discurso, o que não coincide com as críticas atribuídas ao uso das locuções *estar -NDO*. Outro grupo considerado importante, a *modalidade*, não foi selecionado, mas mostrou a concentração absoluta das locuções no extremo epistêmico, o que se configura como mais um indício de que em nossa amostra o comportamento das locuções não traduz as críticas oriundas do fenômeno “gerundismo”.

Depois de resgatados os fatores que (des)favorecem as locuções *estar -NDO* podemos tentar delinear como está o seu atual estágio de gramaticalização. Abaixo recuperamos parcialmente a diacronia semântica da futuridade, proposta por Fleishman (1982):

### **III. aspecto → IV. tempo → V. modalidade**

Recuperamos a trajetória parcialmente, uma vez que a autora considera que as formas candidatas à expressão da futuridade podem entrar em qualquer ponto da seqüência e passar para o próximo sem problemas. No caso das locuções *estar - NDO*, sugerimos que elas ocorram com maior freqüência na trajetória entre a categoria do aspecto e do tempo, ora expressando nuances mais temporais ora mais aspectuais, a depender do contexto.

Contribuem para a hipótese da gramaticalização: a oscilação encontrada no *traço aspectual do verbo*, pois as locuções se combinam tanto com verbos que necessitam quanto com aqueles que não necessitam de término. Essa compatibilidade com verbos de traços distintos é normal sob o ponto de vista de gramaticalização; as locuções estão ainda num estágio inicial e, portanto, num próximo momento, elas devem se combinar com maior frequência apenas com um tipo de verbo. O uso das locuções sem as marcas permite que elas tenham seus contextos de ocorrência alargados, o que, associado com os demais fatores aqui arrolados, nos sugere que as locuções *estar – NDO* possam sim estar codificando tempo e modalidade, além de aspecto. As nuances modais expressas a partir das locuções seriam aquelas relacionadas a características de comportamento. Visto que essas variantes foram mais frequentes com as primeiras pessoas e em situações especiais como *despedidas* e *homenagens* podemos dizer que elas são empregadas quando o falante deseja ser mais polido com o seu interlocutor. Outro item que evidencia a ocorrência do processo de gramaticalização é a não seleção do grupo *traço semântico inerente ao verbo principal*. Nesse grupo seria possível captarmos com maior exatidão se as locuções estão ocorrendo com verbos cujo traço de movimento é mais intenso ou inexpressivo, quase ausente. A idéia de movimento, como já apontamos, também é importante às formas de futuridade, no entanto, as locuções *estar – NDO* estão dando apenas os primeiros passos na busca por verbos em que a idéia de movimento seja mais forte. Ou seja, as locuções ainda devem possuir uma carga aspectual relativamente forte, mas que, a depender do contexto, pode ser enfraquecida, permitindo assim a leitura temporal ou modal. Amparam-nos nessa idéia Longo e Campos (2002), as quais, lidando com perífrases temporais, encontraram duas ocorrências de *estar – NDO* em que a leitura temporal só foi possível graças ao contexto. As autoras sugerem então, similarmente ao que propomos nesta dissertação, que deva haver aí um processo de gramaticalização em estágio inicial.

Para os falantes as conseqüências desse processo de gramaticalização das locuções *estar – NDO* ocorrem de maneira variada, uma vez que estamos supondo um processo relativamente inicial. Além disso, é preciso levar em consideração que a interpretação das nuances temporais, aspectuais e modais na expressão da futuridade é bastante complexa e também interfere na seleção das formas, como atestaram os fatores controlados. A análise dos resultados para as locuções *estar – NDO* apontou também *motivações em competição*, conforme a perspectiva funcionalista. Se por um lado as críticas lançadas ao uso das locuções em relação à falta de comprometimento são de certa forma confirmadas pelo grupo *traço aspectual do verbo* (conforme já discutimos), outros grupos como *a pessoa do discurso* e a *modalidade* nos permitem dizer que tais críticas não refletem o comportamento das locuções. Um argumento em favor de que as locuções denotam sim a idéia de comprometimento é o fato de que em alguns estados elas, mesmo que em número bastante reduzido, concorrem com as demais formas de futuridade já usadas pelos falantes: o *FS*, *vou –R* e o *presente*. A ocorrência das locuções *estar – NDO* com as demais formas de futuridade denota a regularidade dessas formas na língua portuguesa para expressão da futuridade.

O *FS* foi a forma mais freqüente para expressão da futuridade em quase todos os estados, como já era esperado devido ao caráter supostamente formal da amostra. Os grupos selecionados, em ordem de relevância, para essa variante foram: *traço aspectual do verbo*, *especificação temporal*, *fonte do dado*, *traço semântico inerente ao verbo*, *modalidade*, e *assunto*. Apenas a *estimativa temporal* e a *pessoa do discurso* não se mostraram estatisticamente significativas.

Como contextos que favorecem a ocorrência do *FS* temos: com as devidas ressalvas, verbos de caráter terminativo (*achievements*); verbos *1* e *2* onde a idéia de movimento é bastante acentuada; especificação temporal explícita e nuances modais da possibilidade epistêmica. A associação dessas características nos dá o perfil do *FS* e justifica seu elevado

uso na amostra: trata-se de uma variante que corresponde às características típicas exigidas de uma forma de futuridade: é favorecida por verbos cuja carga de movimento é forte; sendo usada ao lado de marcas temporais, indica que deve sim estar codificando tempo, mas na perspectiva funcional é difícil aceitarmos que uma forma como o *FS* precisasse das marcas temporais, uma vez que já tem o morfema *-rei*. É provável que, na presença das marcas, a forma esteja assumindo outras funções; no caso, as nuances da modalidade epistêmica, apontadas no último estágio da diacronia semântica proposta por Fleishman, o que se torna sustentável visto que o *FS* foi bastante favorecido pelas nuances da possibilidade epistêmica. Por fim, o favorecimento do *FS* por verbos *achievement* indica que essas formas expressam o término das situações (planos/promessas/projetos), idéia essencial no discurso político. Esses fatores, além da formalidade inerente do *FS*, parecem suficientes para justificar a preferência da variante em quase todas as sessões analisadas.

A reunião dessas características é, de maneira geral, a mesma quando olhamos para os estados individualmente, a não ser pela frequência de uso da variante em questão. E parece que o grupo *assunto* é que ajuda a esclarecer a divergência no uso do *FS* nos estados. Santa Catarina é o Estado que menos favorece a ocorrência da variante, e a possível causa disso tem, provavelmente, origem funcional. Nas sessões catarinenses, quando o *assunto* tem relação com problemas sociais, a variante que entra em jogo é *vou -R*. Embora essa associação fuja à formalidade esperada nas sessões, uma vez que *FS* é tida como a forma de prestígio, prevista pela literatura tradicional, podemos aventar aqui a possibilidade de uma tentativa dos parlamentares se identificarem com o povo ao usarem *vou -R*.

*Vou -R*, a segunda forma mais freqüente em nossa amostra, teve como significativos os seguintes grupos: primeiro, a *fonte do dado*; segundo, a *estimativa temporal*; terceiro, a *modalidade*; e quarto, o *traço semântico inerente ao verbo principal*.

Dentre os estados, o que mais favorece a ocorrência de *vou -R* é Santa Catarina, seguido de São Paulo, onde a disputa pela expressão da futuridade é mais acirrada. Em Santa Catarina, a motivação para o uso de *vou -R* parece estar ligada ao tipo de assunto discutido, conforme apontado anteriormente. Esse fator também pode justificar a ocorrência levemente acentuada de *vou -R* em São Paulo: nesse estado quando o assunto está relacionado a problemas sociais a frequência da variante é superior ao *FS*, sugerindo que os parlamentares tentam, ao empregar a forma, chegar mais perto do cidadão comum.

De forma geral, *vou -R* é propiciada, como era de se esperar, por verbos cuja carga de movimento é restrita ou ausente. Quando a *estimativa temporal* é média ou indeterminada, temos mais um contexto que condiciona a ocorrência da variante.

*Estimativa temporal curta e primeira pessoa* surpreendentemente não favoreceram *vou -R* e é provável que isso seja fruto do processo de gramaticalização pelo qual a variante está passando, segundo Gibbon (2000) e Santos (2000). Visto que nesses trabalhos apontou-se como tendência *vou -R* tomar o lugar do *FS*, é natural que *vou -R* vá aos poucos assumindo as características próprias daquela variante. Longo e Campos (2002) afirmam que a *forma sintética* só é usada quando o falante assume uma atitude de distanciamento e imparcialidade; se *vou -R* está tomando o lugar do *FS*, é natural que a noção de comprometimento, inicialmente forte em *vou -R*, esteja ficando enfraquecida. Essa noção estaria agora sendo transmitida pelas locuções *estar -NDO*, como já vimos anteriormente.

Os resultados apontam que em *vou -R* temos a sobreposição de funções modais/temporais; porém como a variante foi menos frequente com marcas temporais, sendo favorecida pelo contexto extremo epistêmico da modalidade, é provável que esteja atuando com mais força na função tempo, como já atestaram os trabalhos de Gibbon (2000) e Santos (2000).

Os dados do *presente* como futuro na amostra foram bastante reduzidos. Os grupos significativos para essa variante foram por ordem de relevância: a *modalidade*, a *estimativa temporal*, a *pessoa do discurso* e o *traço aspectual do verbo*.

Mesmo não tendo sido selecionado como estatisticamente significativo, o grupo *especificação temporal* ainda mostra que as marcas temporais para o *presente* como futuro são importantes (59% (32/59) dos dados ainda precisam de especificação), a fim de impedir uma possível leitura habitual ou concomitante ao momento de fala. O fato de que as nuances da possibilidade epistêmica e deôntica favoreceram a ocorrência do *presente* já era esperado, uma vez que nesses grupos temos a ação dos verbos modais, que fornecem ao *presente* a carga de futuridade que ele precisa.

O *presente* como futuro foi privilegiado pelos verbos do tipo *achievement* e pela *estimativa temporal curta*. Isso nos daria mais uma variante que transmite noções importantes para o discurso político: não só temos a idéia de término, como também que esse término deve ocorrer em breve. Assim poderíamos nos questionar sobre o motivo pelo qual o *presente* como futuro não apresenta uma frequência maior na amostra. A razão reside no grupo *pessoa do discurso*: o *presente* é favorecido justamente pela *não-pessoa*. As pessoas dos interlocutores (1ª e 2ª pessoa) não são contextos propícios à ocorrência da variante. Como os parlamentares precisam enfatizar não somente a conclusão de obras, mas também a responsabilidade sobre estas, o *presente* acaba não sendo a melhor forma, neste corpus, por não denotar as noções de comprometimento com o conteúdo da proposição.

Os grupos de fatores analisados não explicam de maneira absoluta as possibilidades de sistematização de uso das variantes. Entretanto, julgamos que esta dissertação ofereça algumas contribuições relevantes, dentre as quais relacionamos a seguir as mais importantes:

- descrição do objeto tempo futuro e uma análise sociofuncionalista, utilizando dados de fala, através do controle de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos;

- proposta para explicar o fenômeno da variação entre o *FS*, *vou -R*, o *presente* e as locuções *estar - NDO*;

- descrição do atual estágio de gramaticalização, numa perspectiva sincrônica, e do funcionamento das locuções *estar - NDO*;

- reflexão sobre a possibilidade de considerarmos as locuções *estar - NDO* como formas regulares na língua portuguesa para expressão do tempo verbal futuro do presente. Os resultados e as análises podem contribuir para o ensino dessas formas, uma vez que as gramáticas normativas raramente citam as locuções *estar - NDO* como possibilidade de uso. Tanto as gramáticas quanto os livros didáticos raramente tratam da questão do aspecto, o que também dificulta o entendimento acerca do funcionamento das locuções.

Contudo esta dissertação tem limitações e outros estudos poderiam contribuir de maneira significativa para entendermos o fenômeno da variação aqui abordado. Nesse sentido consideramos pertinente:

- realizar um estudo com amostras de fala e escrita buscando evidenciar se há alguma diferença quanto ao uso da forma sintética, uma vez que o trabalho de Gibbon (2000) e outros apontam que a forma sintética está desaparecendo da língua falada;

- escolher uma amostra que permita o controle dos fatores sociais com precisão a fim de verificar se estes interferem na escolha das variantes;

- ainda na questão do tipo de amostra, seria interessante a procura das locuções *estar - NDO* em ligações de telemarketing, uma vez que as locuções estão ligadas a características de comportamento. Nesse ambiente, onde as pessoas são treinadas para serem polidas, poderíamos constatar qual é a função dessas variantes (tempo e/ou aspecto e/ou modalidade), que fatores influenciariam o seu emprego (hierarquia entre os interlocutores, assunto, grau de tensão da discussão, etc.), sua frequência de uso;

- examinar o emprego das locuções *estar – NDO* em outros períodos de tempo para atestar o surgimento dessas formas como variantes para expressão da futuridade, aprofundando o estudo das categorias de tempo, aspecto e modalidade. Isso seria necessário, uma vez que esta dissertação não teve como objetivo investigar a origem da mudança. Esse desdobramento mostraria se existe e qual é a relação entre as locuções *estar – NDO* e o telemarketing.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. I. C. A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos lingüísticos. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

BALEEIRO, M.I. *O futuro do presente no português culto de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Lingüística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988).

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. [1961].

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BUENO, F. S. *Gramática Normativa de Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

BYBEE, J.L.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CAMARA Jr., J. M. Sobre o futuro romance. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 3, Tomos I-II, p. 221-225, dez. 1957.

\_\_\_\_\_. *A forma verbal portuguesa em -ria*. Estados Unidos da América: Georgetown University Press, 1967.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CATARINO, Dílson. Dicas de gramática do professor Dílson Catarino. Disponível em: <[http://www.uol.com.br/vestibuol/pegadinhas/dicas\\_di1010221.htm](http://www.uol.com.br/vestibuol/pegadinhas/dicas_di1010221.htm)>. Acesso em: 29 jul. 2002.

COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997).

COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. In: Bybee; J.; Fleishman, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.p. 55-66.

COHEN, D. A invasão dos gerúndios assassinos. *Você s.a.*, São Paulo, n. 27, p.106, set. 2000.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSTA, S. B.B. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1990.

COSTA, A. L. dos P. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997)

COUTINHO, L. Todo mundo fala assim. *Veja*, São Paulo, n. 29, p. 70-71, jul. 2001.

COUTINHO, R. Gerundismo. Disponível em: <[http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO\\_20020522/col\\_dad\\_220502.htm](http://www2.correioweb.com.br/cw/EDICAO_20020522/col_dad_220502.htm)>. Acesso em: 17 jan. 2004.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, A. E. da S. *Syntaxe Historica Portuguesa*. 5. ed. Lisboa, Clássica Ed., 1959.

FARACO, C. A. *Salmos na linguagem de hoje: uma análise lingüística*. Curitiba, 1995 (Tese apresentada ao concurso público de provas e títulos para o cargo de professor titular. Universidade Federal do Paraná)

FLEISHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, R. Gerundismo Zero! *Época*. São Paulo: Ed. Globo, n.293, 29 dez. 2003. Disponível em: <<http://www.primodistante.blogspot.com.br>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

GARCIA, A. A língua volátil. *Classe*, São Paulo, n. 95, p. 24, dez. 2002.

GIBBON, A. O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação (Mestrado em Letras/Lingüística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000)

GIVÓN, T. *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*. In: GIVÓN, T. (Ed.), 1979.

\_\_\_\_\_. *Syntax – a functional – typological introduction*. vol. II. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990.

\_\_\_\_\_. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. In: *Studies in language*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1991.

\_\_\_\_\_. *English grammar: a functional-based introduction*, vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1993.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. vol. I. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

GORSKI, E. et al. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

GRYNER, H. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais em português*. Tese (Doutorado em Lingüística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990)

GUY, G. Varbrul: análise avançada. Tradução: Ana Maria Stahl Zilles. In: *Cadernos de tradução do Instituto de Letras*. 2. ed., n. 1, p. 25-46, 1998.

GUY, G.; ZILLES, A. M.S. *Análise quantitativa em sociolingüística*. no prelo.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991

HENRIQUES, C.C. Sintaxe Discursiva, Aspecto, Gerúndio e Gerundismo. *ABP – Revista do Centro do Mundo Lusofônico*, vol. 1, n. 2. Köln: 2000, p. 16-24

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. *Berkeley Linguistics Society* 13, p.139-157, 1987.

\_\_\_\_\_. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.), 1991.

\_\_\_\_\_. Some recent trends in gramaticalization. In: *Ann. Rev. Anthropol.* 1996.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993

ILARI, R. *A expressão do tempo em Português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

KARAM, L. *A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS*. Dissertação (Mestrado em Lingüística – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997).

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Working Paper in Sociolinguistics*, n. 44, 1978.

\_\_\_\_\_. Building on empirical foundations. In: *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins: 1982.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language Society*, 7 (p.171 – 182). Printed in Britain, 1978.

LAUSBERG, H. *Lingüística românica*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

LEFEBVRE, C. As noções de Estilo. In: BAGNO, M. (org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

LONGO, B. N. de O. A expressão do tempo em português. In: São Paulo: Faculdade de Letras da UNESP, *SériEncontros*, 1 (37-54), 1999.

LONGO, B. N. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no Português Falado. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. vol. II.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MACEDO, A. T. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). *Introdução à sociolingüística variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MACHADO, J. Banco feliz, clientes felizes. In: *Educação*, São Paulo, n.238, p. 52, fev. 2001.

MARTINS, E. Evite dizer que “vai estar viajando hoje”. fev. 2003. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/colunistas/martins/2003/02/martins030222.html>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

MATEUS, M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

MELO, G. C. de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MENDES, R.B. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999).

MENON, O. P. da S. Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização. In: PUSH et al. (eds.) *Verbalperiphrasen in den (ibero-)romanischen Sprachen*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003. p. 77-88.

NARO, A. J. Variação e funcionalidade. In: Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, *Revista de Estudos da Linguagem* 7, 2 (109-120), jul./dez. 1998.

PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E.L. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PEREIRA, E. C. *Grammatica Histórica*. 4. ed. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

PERINI, M.A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PIACENTINI, M. T. Gerundismo e endorréia. 2002. Disponível em: <[http://www.lainsignia.org.2002/diciembre/cul\\_023.htm](http://www.lainsignia.org.2002/diciembre/cul_023.htm)>. Acesso em: 09 abr. 2003.

PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Impresso. 1988

PONTES, E. *Verbos auxiliares em Português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

POPLACK, S.; TURPIN, D. Does the futur have a future in (Canadian) french? *Probus* 11, 1999. p. 133-164.

POSSENTI, S. Quem é o bocó. *Jornal da Tarde*. 2002. Disponível em: <<http://www.jt.estadão.com.br./colunistas/xongas/00/04/xongas000426.html>>. Acesso em: 20 jul. 2002.

\_\_\_\_\_. Gerundismo ainda. maio 2003. Disponível em: <[http://primapagina.terra.com.br/mat\\_v00.php?contador=853&coluna=litter](http://primapagina.terra.com.br/mat_v00.php?contador=853&coluna=litter)>. Acesso em: 17 jan. 2004.

REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. Tese (Doutorado em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003)

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 1997)

SANTOS, J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000).

SCHER, A. P.; VIOTTI, E. de C. *Semelhanças e diferenças entre o PB e o PE no que diz respeito a forma progressiva do infinito*. Boletim da Associação Brasileira de Linguística, Fortaleza, v. 26, n. Especial-1. p. 370-374, 2001.

SILVA, A. A sobreposição modal em ir + infinitivo. In: ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 479-495.

\_\_\_\_\_. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

SILVA, A. Gerundismo. Disponível em: <<http://www.melfinet.com.br/m2/sem/inc/ant/03/39.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2004.

SOARES, M. A. B. P. *A semântica do aspecto verbal em Russo e Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003)

\_\_\_\_\_. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. In: *Working papers em lingüística 1*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, jul./dez. 1997, p. 123-142.

TAYLOR, J. R. *Linguistic Categorization*. Prototypes in Linguistic Theory. Oxford: Clarendon Press, 1989.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Verbos: guia prático de emprego e conjugação*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

VENDLER, Z. Verbs and Times. *Linguistics and Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1967.

VOTRE, S. Escolaridade. In: *Introdução à Sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, Cap. 8, p. 75-80.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Varição e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINER, E.J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19, p. 29-58, 1983.

## **ANEXOS**

**ANEXO A: Grupos de fatores estatisticamente selecionados para as variantes nos estados**

Variantes/ Grupos de fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	Traço aspectual do verbo	Traço semântico inerente ao verbo	Fonte do dado	Modalidade	Estimativa temporal	Pessoa do discurso	Especificação Temporal	Assunto
<i>Estar (3)</i>	1°				2°		3°	
<i>FS</i>	1°			2°				
<i>vou -R</i>								
<i>Irei -R</i>								
<i>Presente</i>								
<b>SANTA CATARINA</b>								
<i>Estar (3)</i>						2°	1°	
<i>FS</i>	2°			3°			1°	
<i>vou -R</i>								1°
<i>Irei -R</i>								
<b>Presente</b>		1°			2°			
<b>PARANÁ</b>								
<i>Estar (3)</i>	1°							
<i>FS</i>	1°							
<i>vou -R</i>								
<i>Irei -R</i>								
<i>Presente</i>								
<b>SÃO PAULO</b>								
<i>Estar (3)</i>								
<i>FS</i>		2°			1°			
<i>vou -R</i>	2°				1°			
<i>Irei -R</i>								
<i>Presente</i>				2°	1°			
<b>RIO DE JANEIRO</b>								
<i>Estar (3)</i>								
<i>FS</i>								
<i>vou -R</i>								
<i>Irei -R</i>								
<i>Presente</i>	2°	3°		1°				

**ANEXO B: Influência do traço aspectual do verbo sobre as variantes nos estados<sup>1</sup>**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Accomplishment</i>	44	0,92	33	0,18	11	(0,64)	11	(0,60)
<i>Achievment</i>	4	0,30	78	0,61	4	(0,39)	7	(0,48)
<i>Accomplishment e Achievment</i>	16	0,70	63	0,43	8	(0,55)	8	(0,51)
<i>Atividade</i>	33	0,74	33	0,18	33	(0,88)	0	
<i>Estado</i>	11	0,45	78	0,60	11	(0,64)	0	
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção estatística	1º grupo selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não selecionado		Grupo não selecionado	
Fatores	SANTA CATARINA							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Accomplishment</i>	4	(0,43)	13	0,14	63	(0,72)	13	(0,54)
<i>Achievment</i>	5	(0,47)	50	0,56	32	(0,43)	10	(0,49)
<i>Accomplishment e Achievment</i>	15	(0,75)	35	0,54	50	(0,61)	0	
<i>Atividade</i>	0		0		25	(0,35)	25	(0,73)
<i>Estado</i>	0		50	0,63	50	(0,61)	0	
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção estatística	Grupo não selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não selecionado		Grupo não selecionado	
Fatores	PARANÁ							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Accomplishment</i>	38	0,72	34	0,41	17	(0,38)	0	
<i>Achievment</i>	17	0,47	46	0,53	24	(0,49)	10	
<i>Accomplishment e Achievment</i>	67	0,89	0		33	(0,60)	0	grupo descart.
<i>Atividade</i>	33	0,68	11	0,14	56	(0,79)	0	
<i>Estado</i>	5	0,17	68	0,74	27	(0,53)	0	
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção estatística	1º grupo selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não selecionado		Grupo não selecionado	
Fatores	SÃO PAULO							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Accomplishment</i>	13	(0,69)	38	(0,37)	38	0,64	0	
<i>Achievment</i>	6	(0,50)	43	(0,43)	29	0,55	18	(0,67)
<i>Accomplishment e Achievment</i>	6	(0,48)	51	(0,51)	31	0,55	6	(0,35)
<i>Atividade</i>	6	(0,49)	35	(0,35)	47	0,70	6	(0,36)
<i>Estado</i>	5	(0,46)	84	(0,84)	5	0,11	5	(0,33)
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção estatística	Grupo não selecionado		Grupo não selecionado		2º grupo selecionado		Grupo não selecionado	
Fatores	RIO DE JANEIRO							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Accomplishment</i>	0		100		0		0	
<i>Achievment</i>	3	(0,38)	60	(0,57)	24	(0,48)	10	0,87
<i>Accomplishment e Achievment</i>	5	(0,47)	59	(0,56)	27	(0,52)	5	0,06
<i>Atividade</i>	13	(0,73)	35	(0,33)	29	(0,54)	3	0,14
<i>Estado</i>	0		100		0		0	
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não selecionado		Grupo não selecionado		Grupo não selecionado		2º grupo selecionado	

<sup>1</sup> Nos casos em que o grupo não foi estatisticamente selecionado, os pesos relativos foram retirados do nível 1 da rodada.

**ANEXO C: Influência do traço semântico inerente ao verbo principal sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Movimento 1	6	(0,29)	88	(0,76)	6	(0,41)	0	
Movimento 2	7	(0,33)	86	(0,71)	7	(0,34)	0	
Movimento 3	13	(0,50)	73	(0,53)	7	(0,44)	0	
Movimento 4	17	(0,57)	60	(0,38)	15	(0,66)	7	(0,42)
Movimento 5	0		78	(0,60)	7	(0,46)	9	(0,46)
Outros	23	(0,65)	45	(0,26)	0		18	(0,60)
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	SANTA CATARINA							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Movimento 1	8	(0,54)	46	(0,54)	41	(0,52)	3	0,19
Movimento 2	0		67	(0,74)	33	(0,44)	0	
Movimento 3	0		43	(0,51)	43	(0,54)	14	0,59
Movimento 4	7	(0,51)	22	(0,28)	29	(0,39)	27	0,76
Movimento 5	6	(0,43)	39	(0,47)	33	(0,64)	0	
Outros	8	(0,53)	40	(0,48)	40	(0,51)	12	0,54
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado	
Fatores	PARANÁ							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Movimento 1	25	(0,54)	40	(0,47)	30	(0,57)	5	(0,48)
Movimento 2	13	(0,35)	70	(0,75)	17	(0,39)	0	
Movimento 3	22	(0,51)	56	(0,63)	11	(0,28)	0	
Movimento 4	23	(0,51)	36	(0,44)	32	(0,59)	5	(0,46)
Movimento 5	17	(0,42)	33	(0,40)	39	(0,66)	6	(0,46)
Outros	50	(0,78)	17	(0,21)	17	(0,38)	8	(0,61)
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	SÃO PAULO							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Movimento 1	4	(0,37)	60	0,62	20	(0,40)	16	(0,62)
Movimento 2	4	(0,37)	72	0,77	12	(0,26)	8	(0,42)
Movimento 3	15	(0,71)	26	0,24	48	(0,71)	11	(0,51)
Movimento 4	0		37	0,38	37	(0,61)	15	(0,60)
Movimento 5	10	(0,59)	48	0,48	29	(0,51)	10	(0,47)
Outros	5	(0,44)	58	0,55	26	(0,48)	5	(0,32)
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		2º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	RIO DE JANEIRO							
	estar – NDO		FS		vou –R		presente	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
Movimento 1	6	(0,48)	71	(0,66)	0		16	0,84
Movimento 2	0		55	(0,49)	36	0,53	0	
Movimento 3	17	(0,72)	54	(0,49)	25	0,40	4	0,81
Movimento 4	4	(0,33)	50	(0,45)	29	0,45	7	0,05
Movimento 5	0		55	(0,37)	42	0,59	0	
Outros	0		43	(0,38)	57	0,73	0	
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		3º grupo selecionado	

**ANEXO D: Influência da modalidade sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Extremo epistêmico</i>	14		65	0,45	9		7	(0,50)
<i>Possibilidade epistêmica</i>	0		92	0,85	0		8	(0,54)
<i>Possibilidade deontica</i>	0		100		0		0	
<i>Extremo deontico</i>	0		100		0		0	
Total	12		69		8			
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		2º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	SANTA CATARINA							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Extremo epistêmico</i>	6		41	0,47	41	(0,50)	8	(0,48)
<i>Possibilidade epistêmica</i>	0		75	0,90	0		25	(0,78)
<i>Possibilidade deontica</i>	-		-		-		-	
<i>Extremo deontico</i>	0		66	0,80	33	(0,42)	-	
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		3º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	PARANÁ							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Extremo epistêmico</i>	25		41	(0,48)	27	(0,49)	3	(0,47)
<i>Possibilidade epistêmica</i>	0		80	(0,84)	0		20	(0,88)
<i>Possibilidade deontica</i>	-		-		-		-	
<i>Extremo deontico</i>	0		100		-		0	
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	SÃO PAULO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Extremo epistêmico</i>	9		49	(0,50)	31	(0,51)	9	0,44
<i>Possibilidade epistêmica</i>	0		57	(0,58)	14	(0,28)	29	0,78
<i>Possibilidade deontica</i>	0		33	(0,54)			67	1,00
<i>Extremo deontico</i>	0		100		-		-	
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		2º grupo selecionado	
Fatores	RIO DE JANEIRO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Extremo epistêmico</i>	7		55	(0,50)	28		2	0,30
<i>Possibilidade epistêmica</i>	0		57	(0,52)	0		43	1,00
<i>Possibilidade deontica</i>	0		50	(0,45)	0		50	1,00
<i>Extremo deontico</i>	0		100		0		-	
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado	

**ANEXO E: Influência da estimativa temporal sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Curta</i>	16	0,61	66	(0,46)	6	(0,46)	8	(0,49)
<i>Média</i>	4	0,17	77	(0,60)	12	(0,62)	0	
<i>Indeterminada</i>	0		78	(0,61)	11	(0,61)	11	(0,57)
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção Estatística	2º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	SANTA CATARINA							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Curta</i>	4	(0,46)	48	(0,56)	33	(0,44)	12	0,63
<i>Média</i>	8	(0,60)	27	(0,34)	56	(0,66)	2	0,20
<i>Indeterminada</i>	0		0		0		0	
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		2º grupo selecionado	
Fatores	PARANÁ							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Curta</i>	24	(0,51)	46	(0,53)	22	(0,45)	5	(0,49)
<i>Média</i>	22	(0,48)	43	(0,50)	30	(0,56)	0	
<i>Indeterminada</i>	22	(0,49)	33	(0,40)	33	(0,59)	6	(0,53)
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	SÃO PAULO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Curta</i>	6	(0,49)	52	0,53	23	0,42	15	0,82
<i>Média</i>	7	(0,52)	43	0,44	47	0,70	0	
<i>Indeterminada</i>	8	(0,58)	42	0,42	42	0,68	8	0,02
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção Estatística	Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado		1º grupo selecionado		1º grupo selecionado	
Fatores	RIO DE JANEIRO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Curta</i>	4	(0,44)	59	(0,54)	22	(0,47)	7	(0,49)
<i>Média</i>	10	(0,68)	50	(0,45)	20	(0,44)	10	(0,58)
<i>Indeterminada</i>	18	(0,81)	27	(0,24)	55	(0,79)	0	
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

**ANEXO F: Influência da pessoa do discurso sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	17	(0,63)	56	(0,36)	17	(0,72)	6	(0,46)
<i>1ª pessoa plural</i>	17	(0,63)	71	(0,52)	8	(0,54)	0	
<i>2ª pessoa</i>	33	(0,81)	67	(0,47)	0		0	
<i>Não- pessoa</i>	7	(0,38)	70	(0,51)	5	(0,38)	16	(0,73)
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

Fatores	SANTA CATARINA							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	0		23	(0,29)	59	(0,69)	9	(0,54)
<i>1ª pessoa plural</i>	12	0,77	49	(0,58)	35	(0,46)	4	(0,32)
<i>2ª pessoa</i>	0		57	(0,65)	29	(0,38)	14	(0,66)
<i>Não- pessoa</i>	3	0,32	49	(0,58)	39	(0,50)	7	(0,46)
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção estatística	2º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	

Fatores	PARANÁ							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	43	(0,75)	36	(0,44)	21	(0,45)	0	
<i>1ª pessoa plural</i>	33	(0,66)	48	(0,56)	15	(0,34)	0	
<i>2ª pessoa</i>	23	(0,54)	23	(0,30)	46	(0,72)	0	
<i>Não- pessoa</i>	5	(0,17)	45	(0,53)	30	(0,56)	10	(0,55)
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

Fatores	SÃO PAULO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	0		50	(0,50)	38	(0,59)	0	
<i>1ª pessoa plural</i>	10	(0,65)	47	(0,48)	32	(0,54)	7	(0,39)
<i>2ª pessoa</i>	0		40	(0,40)	40	(0,62)	20	(0,66)
<i>Não- pessoa</i>	3	(0,33)	61	(0,61)	25	(0,45)	11	(0,49)
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

Fatores	RIO DE JANEIRO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>1ª pessoa singular</i>	18	(0,70)	29	(0,25)	41	(0,69)	12	(0,56)
<i>1ª pessoa plural</i>	4	(0,33)	65	(0,61)	17	(0,40)	4	(0,30)
<i>2ª pessoa</i>	0		43	(0,38)	29	(0,56)	0	
<i>Não- pessoa</i>	9	(0,51)	57	(0,52)	17	(0,39)	14	(0,61)
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

**ANEXO G: Influência da especificação temporal sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Explícita</i>	11	0,42	67	(0,50)	7	(0,48)	10	
<i>Aproveita anterior</i>	0		100		0		0	
<i>Contextual</i>	20	0,75	67	(0,50)	10	(0,56)	0	
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção estatística	3º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	

Fatores	SANTA CATARINA							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Explícita</i>	2	0,28	55	0,65	33	(0,44)	7	(0,44)
<i>Aproveita anterior</i>	0		46	0,52	38	(0,49)	8	(0,47)
<i>Contextual</i>	11	0,78	24	0,30	47	(0,58)	12	(0,59)
<i>Sem Especificação</i>	-		-		-		-	
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção estatística	1º grupo selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	

Fatores	PARANÁ							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Explícita</i>	20	(0,45)	18	(0,40)	55	(0,63)	4	(0,43)
<i>Aproveita anterior</i>	21	(0,48)	37	(0,64)	37	(0,44)	0	
<i>Contextual</i>	28	(0,57)	36	(0,63)	24	(0,30)	8	(0,64)
<i>Sem Especificação</i>	50	(0,77)	25	(0,50)	25	(0,31)	0	
Total	23		26		43		4	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

Fatores	SÃO PAULO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Explícita</i>	6	(0,50)	59	0,63	22	(0,42)	9	(0,46)
<i>Aproveita anterior</i>	20	(0,80)	10	0,09	50	(0,71)	10	(0,48)
<i>Contextual</i>	4	(0,42)	40	0,39	38	(0,60)	13	(0,55)
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	

Fatores	RIO DE JANEIRO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Explícita</i>	9	(0,57)	63	(0,56)	14	(0,38)	11	(0,59)
<i>Aproveita anterior</i>	0		68	(0,62)	32	(0,63)	0	
<i>Contextual</i>	5	(0,41)	44	(0,37)	29	(0,60)	5	(0,38)
<i>Sem Especificação</i>	0		0		0		0	
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado	

**ANEXO H: Influência do assunto sobre as variantes nos estados**

Fatores	RIO GRANDE DO SUL							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Social</i>	17	(0,60)	50	(0,31)	11	(0,61)	0	
<i>Não social</i>	10	(0,45)	73	(0,55)	8	(0,51)	8	(0,49)
<i>Homenagens/ despedidas</i>	19	(0,64)	67	(0,47)	5	(0,38)	10	(0,55)
Total	12		69		8		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	SANTA CATARINA							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Social</i>	4	(0,38)	25	(0,32)	63	0,73	6	(0,41)
<i>Não social</i>	6	(0,41)	49	(0,57)	31	0,42	10	(0,54)
<i>Homenagens/ despedidas</i>	0		42	(0,50)	33	0,44	8	(0,48)
Total	5		42		39		9	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado		Grupo não foi selecionado		1º grupo selecionado		Grupo não foi selecionado	
Fatores	PARANÁ							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Social</i>	23	(0,50)	54	(0,60)	23	(0,46)	0	
<i>Não social</i>	26	(0,53)	38	(0,45)	26	(0,49)	4	(0,49)
<i>Homenagens/ despedidas</i>	20	(0,46)	45	(0,52)	27	(0,52)	5	(0,51)
Total	23		43		26		4	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	SÃO PAULO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Social</i>	7	(0,53)	47	(0,47)	33	(0,54)	11	(0,50)
<i>Não social</i>	6	(0,50)	53	(0,54)	24	(0,44)	10	(0,48)
<i>Homenagens/ despedidas</i>	5	(0,42)	50	(0,51)	27	(0,48)	14	(0,56)
Total	6		49		29		11	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							
Fatores	RIO DE JANEIRO							
	<i>estar – NDO</i>		<i>FS</i>		<i>vou –R</i>		<i>presente</i>	
	%	PR	%	PR	%	PR	%	PR
<i>Social</i>	0		52	(0,47)	30	(0,56)	7	(0,46)
<i>Não social</i>	1	(0,12)	66	(0,61)	21	(0,45)	9	(0,51)
<i>Homenagens/ despedidas</i>	23	(0,43)	31	(0,27)	31	(0,57)	9	(0,51)
Total	6		55		25		7	
Ordem de seleção estatística	Grupo não foi selecionado							

